

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

Edimar Reni Anísio

O MERCADO DAS DIVERSÕES NO DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS (1888-1920)

Belo Horizonte
2023

Edimar Reni Anísio

O MERCADO DAS DIVERSÕES NO DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS (1888-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Memória e História do Lazer.

Orientador (a): Prof. Dra. Flávia da Cruz Santos

Belo Horizonte

2023

A599m Anísio, Edimar Reni

2023 O mercado das diversões no distrito de Carmo da Mata, Minas Gerais (1888-1920).
[manuscrito] / Edimar Reni Anísio – 2023.

111f.:il.

Orientadora: Flávia da Cruz Santos

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 101-111

1. Lazer – História – Teses. 2. Lazer – Aspectos sociais – Teses. 3. Espaço urbano – Teses.
I. Santos, Flávia da Cruz. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER
ATA DA 189ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

EDIMAR RENI ANÍSIO

Às 14h00min do dia 29 de setembro de 2023, reuniu-se no Miniauditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFETO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "O MERCADO DAS DIVERSÕES NO DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS (1888-1920) ", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos (Orientadora)	X	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	X	
Profa. Dra. Angela Brêtas Gomes dos Santos (UFRJ)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **Aprovado**

O resultado final foi comunicado publicamente, para o candidato pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 29 de setembro de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Flavia da Cruz Santos, Professora do Magistério Superior**, em 14/11/2023, às 19:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angela Brêtas Gomes dos Santos, Usuário Externo**, em 21/11/2023, às 19:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Rosa, Coordenador(a)**, em 28/11/2023, às 22:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2807075** e o código CRC **365F18C9**.

Referência: Processo nº 23072.207401/2023-45

SEI nº 2807075

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e pela sua infinita misericórdia que até aqui me sustentou.

Agradeço a minha família, núcleo de amor e inspiração. Minha mãe, Esmosina Mendonça Anísio, meu pai, Reni Anísio e meus Irmãos, Edmilson Reni Anísio, Cleusa Aparecida Anísio e Evalda Reni Anísio.

Agradeço a Raquel Nogueira Diniz pelo carinho, companheirismo e pelos bons conselhos que muito eficazmente contribuíram para essa realização.

Agradeço a Professora/Orientadora Dra. Flávia da Cruz Santos por ter me acompanhando nessa jornada e também as professoras Dra. Maria Cristina Rosa, Dra. Ângela Bretas Gomes dos Santos e Dra. Sarah Teixeira Soutto Mayor por compor a banca avaliadora.

Agradeço ao professor e amigo Dr. Daniel Venâncio pelos artigos escritos na área de estudos do lazer, assim também como o professor Dr. Cleber Augusto Dias.

Agradeço a Leonardo Alves, geógrafo carmense que muito contribui com dados técnicos sobre Carmo da Mata.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste sonho.

RESUMO

Pesquisas sobre a história do lazer nos menores e mais ruralizados distritos brasileiros são ainda pouco frequentes. Tentando ampliar este universo de referências, este estudo analisa a dinâmica histórica do mercado de diversões em Nossa Senhora do Carmo da Mata, na época um pequeno distrito da cidade de Oliveira. A partir de um trabalho quase arqueológico de reunir fragmentos de informações sobre o distrito publicadas em jornais locais, questionários agrícolas, censos estatísticos, obras de memorialistas e processos criminais, apresentamos uma interpretação histórica sobre a natureza da dinâmica social de ocupação do tempo livre em uma pequena nucleação rural de Minas Gerais na transição entre os séculos XIX e XX, circunstância pouco considerada nos estudos a esse respeito. Ao longo deste trabalho nota-se como se articularam os processos de desenvolvimento da economia rural e seus desdobramentos no aumento das receitas, crescimento populacional e da mão de obra assalariada, dinamização do comércio citadino e ampliação das oportunidades de diversões no distrito de Carmo da Mata no período entre 1888 e 1920. Ao final, constatamos essa ampliação de opções de divertimentos com incrementos do cinema, teatro, bilhar e futebol, contribuindo para sua diversificação.

Palavras-chave: História; diversões; mercado de diversões; Carmo da Mata; Minas Gerais.

ABSTRACT

Research into the history of leisure in Brazil's smallest and mostly rural districts still remains scarce. In an effort to broaden this universe of references, this paper analyzes the historical dynamics of the amusement market in *Nossa Senhora do Carmo da Mata*, at the time a small district in the city of Oliveira. Based on the almost archaeological work of gathering fragments of information about the township published in local newspapers, agricultural questionnaires, statistical censuses, works by memoirists and criminal proceedings, we present a historical interpretation of the nature of the social dynamics of leisure time in a small rural nucleation in Minas Gerais in the transition between the 19th and 20th centuries, a fact little considered in studies on the topic. Throughout this work, we have observed how the development of the rural economy and its implications in terms of increased revenue, population growth and salaried labor, the boosting of city businesses and the expansion of entertainment opportunities in the district of *Carmo da Mata* between 1888 and 1920 were articulated. Ultimately, we found this broadening of entertainment options with the addition of cinema, theater, billiards and soccer, which added to its diversification.

Keywords: History; entertainment; amusement market; Carmo da Mata; Minas Gerais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – SOCIABILIDADES, FESTAS E ESPETÁCULOS AMBULANTES NO DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS (1888-1900).....	16
1.1 O distrito de Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida.....	166
1.2 Entre rezas e bebidas: um povo que gosta de comemorar.....	25
1.3 As companhias itinerantes que visitaram o distrito.....	37
CAPÍTULO 2 – EXPANSÃO DA ECONOMIA RURAL E INOVAÇÕES NOS SETORES DOS DIVERTIMENTOS NO DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS (1900-1920)	466
2.1 Recuperação econômica e o “boom” produtivo das áreas rurais.....	46
2.2 “Terra civilizada e adiantada”: melhoramentos urbanos e ações modernizadoras na sede de Carmo da Mata.....	63
2.3 Novas práticas de divertimentos em Carmo da Mata.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	101
FONTES PRIMÁRIAS.....	105

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos podemos observar um bom número de publicações a respeito da história dos esportes e do lazer em Minas Gerais no período de transição dos séculos XIX e XX. Via de regra, as pesquisas contemplam cidades econômica e demograficamente mais dinâmicas, com destaque para os centros com maiores índices de urbanização, que por suas especificidades possibilitaram o surgimento e o desenvolvimento de várias modalidades de divertimentos. Assim, é natural que trabalhos sobre as cidades de Barbacena (SILVA, 2018), Belo Horizonte (MOTA, 2018), Campanha (NOGUEIRA JUNIOR, 2017), Cataguases (SOARES, 2018), Diamantina (OLIVEIRA, 2016), Juiz de Fora (NAKAYAMA, 2016), Montes Claros (SILVA, 2012), Oliveira (AMARAL, 2020), Ouro Preto (BIBBÓ, 2017) e São João del-Rei (LIMA, 2014) estejam entre eles.

Contribui também, nesse sentido, o fato de que as cidades mencionadas possuem alguma disponibilidade de fontes históricas, que além de diversificadas, apresentam boas condições de preservação, conforme nos alerta Cleber Dias *et al.* (2014). Cidades menores do interior e distantes dos centros metropolitanos, no geral, oferecem obstáculos para rastreio e cotejamento de fontes primárias, dada a manutenção precária dos arquivos. Neste cenário, para superação das dificuldades impostas pelo escasseamento de registros históricos em pequenas localidades da hinterlândia brasileira, cabe aos pesquisadores um “trabalho quase arqueológico” para elucidarem as problemáticas de pesquisa (AMARAL; SANTANA; XAVIER, 2023).

No caso mineiro, as pesquisas que tratam das transformações históricas do *modus vivendi* na virada para o século passado estão concentradas na realidade de centros municipais ou de distritos que se emanciparam e se tornaram proeminentes em suas regiões. Praticamente inexistem pesquisas com análises dos repertórios de divertimentos nas menores e mais ruralizadas nucleações distritais do estado. Duas situações podem ajudar na compreensão deste processo. Primeiro, como já citado anteriormente, por dificuldades de acesso aos documentos, cuja escassez de registros preservados desencoraja tentativas investigativas. Segundo, por razões teóricas, posto que o lazer é frequentemente associado aos processos de urbanização e industrialização. Isto é, conforme usualmente é apontado, formas contemporâneas

peculiares de uso e ocupação do tempo livre inexistiam em sociedades agrícolas e tradicionais (Cf. DIAS, 2018).

Neste sentido, a pesquisa ora em tela pretende ampliar o escopo de estudos sobre a história dos divertimentos em localidades pequenas, com baixa densidade demográfica e fortemente ruralizadas. Carmo da Mata se insere nessa categoria: um dos menores distritos de Minas Gerais no início do século passado, vinculado ao município de Oliveira, localizado na região do Oeste mineiro. Apesar dessas características, Carmo da Mata, ao longo do período pesquisado, foi consolidando sua importância econômica e ganhando destaque na economia municipal.

Para a realização da pesquisa foi necessário realizar um laborioso esforço de reunir notícias e fragmentos de notícias que foram publicadas no principal periódico municipal da época, o *Gazeta de Oliveira* que posteriormente passou a se chamar *Gazeta de Minas*. Combinado a isso, fotografias e escritos de memorialistas locais, incorporando também dados censitários do governo de Minas Gerais e registros de processos-crime.

Em linhas gerais, objetiva-se analisar as transformações na esfera dos divertimentos no distrito de Carmo da Mata, no período que corresponde o intervalo entre os anos de 1888 e 1920. O recorte temporal se justifica, no ponto de partida, pelo fim da escravidão e chegada dos trilhos ferroviários na região, processos que impactaram os setores produtivos com um aquecimento inicial, acompanhado de um cenário de crises e falências na segunda metade da última década do século XIX. Já na linha final, é possível observar, de forma mais bem delineada, algumas transformações modernizadoras e ampliação dos setores de divertimentos na sede urbana distrital, após um período de prosperidade econômica do setor agropastoril.

De forma mais detalhada, a pesquisa buscou compreender as relações entre a economia rural e seus desdobramentos no aumento das receitas, crescimento populacional e da mão de obra assalariada, dinamização do comércio citadino e ampliação das oportunidades de lazer. O cerne do trabalho, concentra-se, portanto, no estudo dos divertimentos, especialmente as condições econômicas que dificultaram ou favoreceram uma ampliação do repertório lúdico e a introdução de inovações no campo dos divertimentos urbanos. Para tanto, realizamos uma análise econômica do mercado agropastoril do distrito, caracterizando-o dentro do contexto municipal.

No primeiro capítulo, que abrange o recorte temporal entre 1888 e 1900, é feita uma descrição histórica de Carmo da Mata, que apesar de breve, nos dá ideia de quão pequena era a região estudada, tanto em termos de população como de estrutura urbana. São analisadas as condições econômicas neste período, especialmente a instalação dos trilhos ferroviários no distrito (1890) e o fim do período escravagista, ambos processos impactaram as economias locais.

Caracteriza-se neste capítulo a grande parcela de moradores e trabalhadores dos povoados, evidenciado o caráter rural do distrito. Com relação aos divertimentos, as fontes primárias sugerem um rico ambiente de práticas lúdicas tradicionais, a exemplo de festas religiosas, batizados, casamentos, crismas, restabelecimento de saúde, bailes particulares, festas cívicas ou ainda jogatinas e o uso de bebidas alcoólicas em bares, botequins e tabernas.

Para responder aos anseios das elites por diversões mais sofisticadas, o distrito se via servido das companhias itinerantes que, periodicamente, ofereciam seus espetáculos de passagem nas regiões onde se apresentavam. Nessa parte, a dissertação elenca algumas companhias que visitaram o distrito, explicitando os grupos, os dias e locais de apresentação e os repertórios artísticos. Percebe-se, nos periódicos, a ênfase e a animação com a qual eram noticiadas essas companhias ambulantes, uma vez que elas preenchiam os desejos simbólicos das elites letradas por formas de lazer entendidas como mais modernas e sofisticadas.

Já no segundo capítulo, que aborda o início do século XX, num recorte que corresponde um intervalo de tempo entre 1900 e 1920, são analisadas, do ponto de vista econômico, a superação do período de crise comercial e uma espécie de “surto” na produção e exportação de gêneros agropecuários, evidenciando o desenvolvimento regional no qual o distrito estava inserido.

Neste capítulo abordamos as primeiras instalações e melhorias que auxiliaram a contrabalancear as receitas municipais. São desenvolvidas análises sobre a ampliação, diversificação e mecanização produtiva, especialmente envolvendo gêneros rurais, a exemplo de café, arroz, fubá, mandioca, queijos, destacando os investimentos para depositar e beneficiar a produção, mediante empréstimos e associação de fazendeiros.

No mesmo sentido, a criação de gado e posteriormente a realização das charqueadas também são bem exploradas, evidenciando sua importância na geração de divisas para o distrito. Aborda-se, entre outras coisas, os auxílios prestados pela

Estrada de Ferro Oeste de Minas, os subsídios do governo estadual e as reuniões entre pecuaristas que darão origem às cooperativas. Isso é importante, pois ocorreram entre os fazendeiros debates sobre a escolha do melhor gado, ou seja, que atendesse da melhor forma os interesses dos criadores e negociantes, bem como as boas práticas na criação dos bois.

Em relação aos divertimentos, o recorte temporal lança luz sobre o papel de destaque que os “divertimentos tradicionais” continuaram desempenhando nas vivências lúdicas dos moradores carmenses, além da permanência das visitas das companhias itinerantes com todo seu rol de espetáculos. De outra parte, nota-se a construção de espaços que irão privilegiar divertimentos entendidos na imprensa como modernos, progressistas e sofisticados. Em outras palavras, mais compatíveis com a escala de valores que as classes abastadas desejam. A construção de teatros, cinema, café, bilhar, estádio de futebol e incrementos nas opções de distrações são problematizados neste capítulo.

Uma questão fundamental guiou a construção da pesquisa: quais as variáveis explicam o nascimento de um mercado de diversões inovadoras em Carmo da Mata na virada para o século passado? A resposta para este questionamento pode ser obtida dentro do contexto econômico. Carmo da Mata, no final do século XIX, devido retrações da exportação do gado e crises na lavoura, não conseguiu acumular o capital necessário para a construção e manutenção de espaços em que se fossem ofertadas opções regulares e diversificadas de diversões urbanas. Neste cenário, longe de constituir como um lugar monótono e tedioso, em Carmo da Mata (o que pode ser estendido para todas as pequenas nucleações do interior mineiro), possuía um rico repertório de atividades lúdicas que já faziam parte das vivências cotidianas dos moradores.

Já na virada para o novo século a situação se modificou um pouco. Uma vez acumulado o capital necessário para o desenvolvimento do distrito, ainda que de forma precária, foi possível fazer algumas intervenções na estrutura urbana, no sentido de não comportar a totalidade do distrito, mas suficiente para que algumas novas modalidades de lazer pudessem ser ofertadas para a população local. Na mesma direção, com a ampliação da oferta de mão de obra assalariada e crescimento populacional, serviços e comércios urbanos precisaram adequar suas estruturas para atender as novas demandas, o que inclui, neste ensejo, estabelecimentos para o comércio das diversões.

A imprensa local desempenhou papel preponderante quanto ao assunto divertimento. Nas suas páginas foi possível encontrar diversos registros, a exemplo de festas domésticas e públicas, comemorações religiosas, eventos de clubes sociais e esportivos ou ainda a inauguração e o funcionamento de estabelecimentos de comércio lúdico. A utilização de periódicos na elaboração desta pesquisa ajudou a entender a dinâmica dos divertimentos naquele tempo, especialmente o entusiasmo dos cronistas com as inovações neste ramo que gradativamente foram se processando na parte citadina distrital. Não era de surpreender que elogios ao distrito tais como “progressivo arraial” ou “venturoso distrito” fossem frequentes.

A utilização de periódicos em pesquisas históricas já é uma práxis consagrada. Vários autores já escreveram sobre o assunto, abordando as potencialidades de seu uso (PINSKY, 2009; SAMARA, 2007). Para uma utilização correta e satisfatória destes periódicos, evitando equívocos e generalizações, é necessária uma problematização dessas fontes, ou seja, é preciso criticar as fontes de modo a elucidar questões sobre a face e os interesses de seus autores, o contexto em que as notícias foram publicadas, ou ainda os principais objetivos de suas veiculações.

No período histórico da transição do século XIX para o XX, as elites letradas que eram proprietárias e influenciadoras dos jornais ambicionavam ideias ligadas à sofisticação dos hábitos, privilegiando, dessa forma, realizações que seriam entendidas como progressistas e civilizadas, bem como condenando atividades consideradas como arcaicas e atrasadas (DIAS; COTES, 2022).

A historiadora Maria Helena Rolim Capelato, na sua obra *Imprensa e História do Brasil* (1998), referência em estudos envolvendo jornais, nos alerta:

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo de ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata da imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. A análise desse documento exige que o historiador estabeleça um diálogo com as múltiplas personagens que atuam na imprensa de uma época (p. 45).

Em Carmo da Mata, o principal periódico era o *Gazeta de Minas*, jornal municipal produzido na cidade de Oliveira. Fundado em 1887 com o nome *Gazeta de Oliveira*, pelo português Antônio Fernal, o jornal se apresentava como “órgão literário, comercial, agrícola e noticioso com publicações semanais, aos domingos”. Além da

sede municipal e distritos, a *Gazeta* também circulava em cidades próximas como São João Batista, Carmo do Paranaíba, Itapeçerica e Dolores do Indaiá, contando com correspondentes em alguns importantes centros internacionais, a exemplo de Montevideu, Paris, Londres, Nova York e Cairo (AMARAL; DIAS, 2019). Seus acervos, com quase todas as edições disponíveis para o período em análise, retratam aspectos econômicos, políticos e culturais do município, sendo possível a sua consulta através da internet com versões digitalizadas no site do jornal.¹

Em complemento ao jornal *Gazeta de Minas*, esta pesquisa conta também com documentos oficiais do poder público estadual, sendo eles questionários agrícolas e censos estatísticos que podem ser consultados digitalmente no site da Biblioteca do Ministério da Fazenda, através dos fundos da secretaria de agricultura.² Por meio destas fontes oficiais podemos ter acesso a informações variadas sobre o cenário urbano, econômico, demográfico e social das nucleações distritais do município de Oliveira na virada para o século passado. Estão presentes também nestes documentos os números de imóveis rurais, salário dos trabalhadores do campo, gêneros agropecuários produzidos e exportados, bem como os valores dessas exportações.

Os questionários agrícolas foram produzidos entre os anos de 1910 e 1913 pelo Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola de Minas Gerais, órgão pertencente ao Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio. Nesta documentação é possível obter dados sobre propriedades rurais, águas, áreas cultivadas e não cultivadas, gêneros produzidos, colheitas, rebanhos, pastagens, construções, maquinismos, veículos, estradas, sistema de trabalho, salários, despesas e as receitas dos 176 municípios existentes em Minas Gerais naquele momento.

Já os censos estatísticos foram publicados em 1921 pelo Serviço de Estatística Geral de Minas Gerais. Divididos em cinco volumes, abarcam informações detalhadas sobre as condições “física, demográfica, econômica, social, administrativa e política” das 789 cidades, vilas e distritos mineiros. O primeiro volume, Situação Física, reúne informações sobre posição, limite, divisões, condições gerais do território e climatologia. O segundo volume, Situação Demográfica, reúne informações sobre

¹Disponível no site <https://www.gazetademinas.com.br/>. Acessado em 30 jul. 2023.

²Disponível no site http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos_colecoes/SA/INVENTARIO_DO_FUNDO_SECRETARIA_DA_AGRICULTURA.pdf. Acessado em 30 jul.2023.

população, registro civil e colonização. O terceiro volume, Situação Econômica, reúne informações sobre agricultura, pecuária, indústria, vias de comunicação, meios de transporte, propriedades, comércio, crédito e previdência. O quarto volume, Situação Social, reúne informações sobre higiene e embelezamentos, instrução, imprensa, diversões públicas, assistência, cultos, associações, criminalidade e suicídios. O quinto e último volume, Situação Administrativa e Política, reúne informações sobre legislação e administração, tributação e finanças públicas, defesa nacional, justiça e representação política (para uma síntese sobre essa documentação, ver AMARAL, 2020).

A operacionalização dessas fontes ocorreu da seguinte forma: primeiramente foram baixados os arquivos do próprio site do Gazeta de Minas. Depois de baixados, foram estratificados, ou seja, escolhidos os que mencionavam quaisquer notícias sobre Carmo da Mata. Em seguida foram separados por assuntos e em ordem cronológica. Este procedimento também foi adotado com os documentos do poder público estadual. Utilizando os conceitos de Pinsky (2009) as notícias eram analisadas dentro de seu contexto de tempo e espaço (p.10) bem como explicitado os interesses das elites que eram as responsáveis pela produção e vinculação das notícias, logo, com seus respectivos vieses (p.25).

Foram utilizadas também, de forma a complementar, fotos e registros de memorialistas locais que escreviam crônicas e livros sobre Carmo da Mata, colocando a valiosa contribuição de suas memórias, como é o caso de Alfeu Sábató e Lineu de Carvalho, moradores que tiveram contato com figuras históricas do lugarejo e que possuem fotos em arquivos particulares.

Outra novidade que essa dissertação traz é a utilização dos Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes (AHCRM), disponíveis digitalmente no site da Universidade Federal de São João del-Rei, responsável pela transcrição e catalogação destes arquivos.³ Este material reúne registros de quatro importantes cidades pertencentes a antiga Comarca do Rio das Mortes: Acervo do Fórum de Conselheiro Lafaiete, Acervo do Fórum de Itapeçerica, Acervo do Fórum de Oliveira e Acervo do Museu Regional de São João del-Rei/IPHAN.

A documentação consiste em processos criminais, processos civis, inventários, testamentos e livros. No caso de Carmo da Mata, como sendo um distrito pertencente

³Disponível no site <https://documenta.direito.ufmg.br/modules/wfdownloads/viewcat.php?cid=9> Acessado em 30 jul. 2023.

ao município de Oliveira, foram usadas as seguintes documentações: Processos criminais contendo um total de 1.963 registros (1823-1930), com dados dos processos acompanhados de um resumo, além dos dados referentes ao andamento do processo, tais como data e local do crime, data do início do processo e do seu final, sentença resultante - condenação ou absolvição - em muitos casos constando a tipificação penal do crime, o grau e a pena resultante, incluindo os recursos e apelações quando existentes. Os processos trazem ainda informações referentes ao (s) réu (s) e ao (s) ofendido (s), tais como nacionalidade, cor, condição, ocupação e/ou patente ou cargo, idade, estado civil e alfabetização.

Para os estudos de Carmo da Mata, foram averiguados os processos datados da década de 1880, estendendo-se até 1920, ou seja, o recorte temporal da pesquisa. Depois de separado por datas, procurou-se aqueles que faziam menções aos divertimentos na intenção de preencher as lacunas que ficaram dos periódicos, sobretudo, festas tradicionais e momentos de lazer dos moradores e trabalhadores rurais. Esses recortes trouxeram um “ar especial” à pesquisa, mostrando também o cotidiano lúdico dos grupos menos abastados, especialmente aqueles residentes nas povoações.

Utilizando-se dos conceitos de Samara (2007) foi feita uma leitura crítica das fontes, respeitando sua historicidade é possível perceber sua estilística através da grafia, semântica e lexicologia (p.122). Procura-se dialogar com as fontes, utilizando de notas e explicações ao longo do texto de modo a evitar o anacronismo (p. 123).

No trabalho apresentado em dois capítulos é possível uma “viagem histórica” pelo antigo distrito de Carmo da Mata. É possível perceber os divertimentos sendo estruturados, ampliados e se sofisticando numa evolução agradável de acompanhar. Percebe-se que mesmo com o desenvolvimento das diversões sofisticadas, o distrito não perdeu seu “aspecto interiorano”, ou seja, permaneceu com suas festas tradicionais, seus bailes, seus botequins.

A importância financeira fica evidenciada matematicamente pelas receitas municipais que vão ano a ano crescendo em cifras e em toneladas exportadas. Isso refletiu na modernização do lugar, porém, conforme nos informa Amaral e Dias (2017), tratava-se de uma “modernização ambivalente”. Isto é, de um lado transformações que imprimiam ares de progresso às localidades (ou pelo menos parte delas), e de outro lado, uma estrutura social e econômica em grande medida rural ainda, mas que

influenciava, assim mesmo, o pequeno e modesto espaço urbano das pequenas localidades do interior mineiro na virada para o século passado.

CAPÍTULO 1 – SOCIABILIDADES, FESTAS E ESPETÁCULOS AMBULANTES NO DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS (1888-1900)

1.1 O distrito de Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida

No final do século XIX, a atual cidade de Carmo da Mata era um pequeno distrito vinculado ao município de Oliveira, denominado, na época, Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida, cuja população, em 1890, segundo dados oficiais do poder público estadual, era de 2.250 moradores (Figura 1) (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 40). Não é possível dimensionar com exatidão a divisão sócio espacial ou a condição geopolítica do lugar. Vários questionamentos podem ser feitos, por exemplo: quantas construções haveria no núcleo citadino do distrito? Quantas propriedades rurais? E mais importante, como se distribuía a população entre esse pequeno núcleo urbano e suas áreas do campo?

FIGURA 1 – Vista panorâmica da parte citadina de Carmo da Mata (c. 1920).



Fonte: Acervo particular do memorialista Lineu de Carvalho.

A conformação política de Oliveira englobava, em sua composição, a cidade homônima, sede administrativa do município, além de outros cinco distritos, que se somavam ao de Carmo da Mata, sendo eles: São Francisco de Paula, Cláudio, Passa Tempo, Japão e Santana do Jacaré. Em 1890, o volume populacional dos distritos supracitados era, na seguinte ordem, 8.063, 5.076, 4.315, 3.759 e 1.616 moradores (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 40).

Na jurisdição da cidade e dos distritos de Oliveira haviam diversas povoações rurais, onde estavam concentradas as dinâmicas demográfica e de mão de obra. Isso por efeito do setor produtivo do município ser ancorado em uma economia agrícola e pastoril voltada para o abastecimento interno, e com a exportação de algum excedente para Pitangui, São João del-Rei, Ouro Preto, Sabará e Rio de Janeiro (GAZETA DE OLIVIERA, 5 fev. 1888, p.1).

Na cidade de Oliveira, por exemplo, com dez povoações rurais nessa época,⁴ eram produzidos e exportados toucinho, queijos, doces, açúcares, tecidos, além de uma pequena produção para abastecimento local que incluía, entre outras coisas, aguardente, licores, fumo, vinagre, azeite de mamona, café, arroz, milho, feijão, mandioca e batata (GAZETA DE OLIVEIRA, 8 abr. 1888, p. 1).

Em outro distrito municipal, mais detalhadamente, Cláudio, descrito pela imprensa oliveirense como “talvez o de mais comércio” (GAZETA DE OLIVEIRA, 8 mar. 1888, p.1), é possível encontrar referências de 22 povoações rurais,⁵ tendo o café como principal atividade econômica. Em 1894, registros de jornais do município falavam de uma “crescente prosperidade do plantio de café” em Cláudio, o que era favorecido, nas palavras de um cronista anônimo, por “capoeirões esplêndidos em que o cafeeiro nada deixa invejar as terras roxas de São Paulo” (GAZETA DE OLIVEIRA, 29 abr. 1894, p. 1).

O distrito de Carmo da Mata abrigava 9 povoados rurais, que se distanciavam, no máximo, 18 quilômetros da sede distrital, sendo eles: Barreira, Batatal, Cachoeira Dias, Cachoeira dos Martins, Campos, Félix da Costa, Forquilha, Paiol e Riacho

⁴ Esses povoados rurais eram: Areião dos Faleiros, Barreiros, Faleiros, Fradique, Maependy, Martins, Matinha, Picaria, Pintos e Silveiras (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 626).

⁵ Esses povoados rurais eram: Bananal, Boa Vista, Cachoeira de Santo Antônio, Cachoeira dos Lopes, Capão da Galinha, Caquente, Corumbá, Couto, Formiguinha, Macacos, Machadinho, Miguel Lopes, Ouro Fala, Palmital, Pará de D. Rosa, Pará dos Fernandes, Porto do Pica-pau, Ribeirão do Cervo, Rocinha, S. Bento, Sobrado e Sousas (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 619).

(MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 626). Sua economia era alicerçada, majoritariamente, no cultivo da terra e na criação de gado. Seu solo, segundo informações da época, constituía-se de “terrenos ubérrimos” e de “excelente qualidade” para a criação de gado, ovelhas, cabras e plantações de várias culturas, especialmente o café (GAZETA DE OLIVEIRA, 15 abr. 1894, p. 1).

Registros de imprensa apontam que, no final da década de 1880, os fazendeiros de Carmo da Mata invernavam, anualmente, mais de 2.000 cabeças de gado, comercializadas, após a engorda, nos grandes centros nacionais (GAZETA DE OLIVEIRA, 12 fev.1888, p. 2). No quesito produção de alimentos, as famílias carmenses cultivavam vários gêneros para consumo próprio, exportando algum excedente para cidades próximas, a exemplo de aguardente e café comercializados em Oliveira e São João del-Rei (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 mai.1890, p. 1).

Artigos de jornais diziam que na sede do município e também nos distritos “rara era a casa que não tinha sua própria horta” (GAZETA DE OLIVEIRA, 5 fev. 1888, p. 1). Na esteira de uma importante economia de subsistência, nessas casas havia o cultivo de couves, repolhos, cará, quiabo, inhame, taioba, chuchu, ervilhas, abóboras, rabanetes, nabos, cenouras e morangos. Havia também espaços para criação de porcos, cabritos, galinhas, perus e gado (GAZETA DE OLIVEIRA, 10 dez. 1899, p. 1).

Diante destes aspectos, a parte citadina de Carmo da Mata parecia servir como uma espécie de “entrepoto” para atender as demandas de abastecimento dos moradores e trabalhadores rurais, ofertar alguns serviços públicos, tais como envio de correspondência (GAZETA DE OLIVEIRA, 12 fev. 1888, p.2), denúncias de crimes (GAZETA DE OLIVEIRA, 23 nov. 1890, p.1), atividades sociais e culturais como reuniões de populares (GAZETA DE OLIVEIRA, 18 set. 1892, p. 3) ou ainda eventos religiosos (GAZETA DE OLIVEIRA, 19 mar. 1893, p. 1).

Registros de viajantes e artigos de jornais produzidos sobre a vida social de Minas Gerais no século XIX, reiteram que a parte citadina de várias nucleações de estrutura urbana e demografia rarefeitas, era pouco movimentada no decorrer da semana, ou como nos aponta Perez (2018, p. 248), a população cresce nos dias de festa. Nas palavras do historiador Alexandre Mendes da Cunha (2009, p. 67):

A função principal dessas nucleações que vão surgindo ou se dinamizando é a de serem entrepostos para essa produção rural, o que bem se corrobora com os testemunhos da época. [...]

Vida urbana efetivamente, nessas nucleações, seria algo próprio do fim de semana, sendo que ao longo da semana esses espaços são, via de regra,

extremamente vazios. É no final de semana que a população rural vai para a cidade.

Essa característica “domingueira” citada por Cunha (2009), foi tema recorrente dos viajantes que visitaram o interior de Minas Gerais pelo menos desde o início do século XIX. O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, por exemplo, com a autoridade de quem percorreu quase todas regiões mineiras, em sua passagem por Araxá, por volta de 1819, explicitou o número reduzido de pessoas na sede citadina das pequenas nucleações mineiras durante a semana:

Durante a semana a maioria das casas de Araxá fica fechada. Seus donos só ali aparecem aos domingos, para assistirem à missa, passando o resto do tempo em suas fazendas. Só permanecem nas cidades, nos dias de semana, os artesãos – alguns dos quais bastante habilidosos – as pessoas sem profissão, alguns comerciantes e as prostitutas. O que acabo de dizer aqui pode ser aplicado a praticamente todos os arraiais de Província de Minas (SAINT-HILAIRE, 2004 *apud* CUNHA, 2009, p. 68).

Na parte urbana da cidade de Oliveira, em 1899, registros de jornais diziam que ora o centro citadino apresentava “o comércio parado, as ruas e os largos as moscas”(GAZETA DE MINAS, 5 mar. 1899, p.2), ora se assemelhava “a uma grande e populosa cidade”, o que é, conforme sugere Daniel Amaral (2020), um indício da sazonalidade que afetava a vida nessa localidade naquela época, ou seja, um certo marasmo durante a semana e um ambiente mais efervescente no final de semana.

Tal realidade também é percebida no distrito de São Francisco de Paula, próximo a Carmo da Mata. Segundo um correspondente, neste “pitoresco lugar” várias casas, inclusive as “melhores”, ficavam “fechadas” durante a semana: “são de propriedade dos fazendeiros que delas se utilizam em épocas e ocasiões de festas (GAZETA DE MINAS, 15 fev. 1914, p. 1).

Em outro registo, datado de 1914, na cidade de Dores do Indaiá, também circunvizinha a Carmo da Mata, as festividades do Rosário contribuíram para que as ruas centrais, “na maioria quietas ordinariamente”, ficassem, “em plena quinta feira, com cara de sábado”. Segundo foi noticiado:

[...] Todas as casas vazias da cidade estão alugadas para os dias da festa. Ouve-se o rufar de caixas e o “grunhir” das sanfonas, ao longe, pelos bairros. Em casa dos festeiros que reboição já existe! Os leitões e os frangos já foram sacrificados; latas e latas de doces emparelham-se coaguladas; garrafas de vinho e cerveja forma-se nas prateleiras improvisadas. E viva a festa! Viva o carnaval dos pretos!

Pelos altos da capela do Rosário, fervilha a multidão. [...] E chegam, a pé, a cavalo e em carros de bois, mais roceiros, roceiras e gentis roceirinhas. Caipiras, vermelhamente engravatados, montados em gordos cavalos arreados, com as caçambas areadas e os “coxonilhos” anilados, percorrem as ruas, azougando os corcéis, em piruetas macabras (GAZETA DE MINAS, 6 set. 1914, p. 2).

Na citação acima, podemos observar que é retratado uma visão da época com relação às classes menos abastadas, na qual utiliza-se a palavra “grunhir” que é o som característicos de porcos. Os periódicos da época reproduziam os pensamentos das elites e suas visões sobre as outras classes sociais, utilizando de palavras pejorativas ou em tom de deboche.

No início da década de 1890, funcionavam na sede carmense, entre outras coisas, uma agência dos correios, uma cadeia “em péssimo estado”, um cartório, um “chalet” que servia como hotel, além da Casa Comercial Barateza, de propriedade do destacado fazendeiro e comerciante Manoel Jorge Mattos, a qual, segundo propagandas, trazia do Rio de Janeiro “sortimentos” como “roupas, ferramentas, ferragens, louças, vestidos para moças, chapéus e casacas para cavalheiros” (Figura 2) (GAZETA DE OLIVEIRA, 5 dez. 1888, p. 4). Este mesmo fazendeiro possuía ainda uma Olaria que produzia telhas, manilhas, tijolos e outros objetos de cerâmica (GAZETA DE OLIVEIRA, 6 mai. 1894, p. 1).

De outra parte, os moradores locais, quando precisassem de produtos ou serviços de maior complexidade inexistentes no distrito, deveriam se deslocar para Oliveira, São João del-Rei ou a capital federal da época, o Rio de Janeiro.

FIGURA 2 – Anúncio da Casa da Barateza de Manoel Jorge de Mattos.

CARMO DA MATTA

Caza da Barateza

Manoel Jorge de Mattos

Participa aos seus freguezes que reunio o negocio de fazendas que tinha no arraial ao seu estabelecimento commercial junto á Estação, e que resolveu vender a diuheiro a vista, pelos preços do Rio, perdendo carroto, visto estar em vespuras de ir fazer novo sortimento.

Aproveitem a occasião

Tem tambem um grande deposito de CAL que vende a preços baratissimos: de 10 saccos para cima a 2\$200 o sacco de 2 alqueires, garantidos.

Fonte: GAZETA DE OLIVEIRA, 16 de novembro de 1890, p. 4.

Em abril de 1890, com a inauguração de um ramal da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), foi possível uma pequena ampliação do comércio e da circulação de pessoas. A nova ferrovia, por meio do entroncamento com a Estrada de Ferro Central do Brasil, ligava o pequeno lugarejo ao Rio de Janeiro, maior e principal centro consumidor do Brasil.

Um fato particular nos chamou atenção no processo de inauguração dos trilhos da EFOM em Carmo da Mata: a mobilização da população carmense no tocante à escolha do nome da estação. Inicialmente cogitou-se nomeá-la de Estação Henrique Galvão, o que seria uma homenagem ao engenheiro da ferrovia responsável pelos trabalhos de interiorização dos trilhos.

A petição pela troca do nome foi encaminhada ao diretor da companhia, Dr. Paulo Freitas de Sá, que rebatizou a estação como “Estação de Carmo da Mata”. Segundo registros de imprensa, o diretor foi muito aplaudido pela “acertadíssima” mudança. (GAZETA DE OLIVEIRA, 4 mai. 1890, p. 2). O trem de passageiros partia semanalmente de Oliveira às 14:30, chegando a Carmo da Mata e de lá retornava por volta das 16:00 horas (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 mai. 1890, p. 1).

A ferrovia chegou na região Oeste de Minas por São João del-Rei no ano de 1881, quando esta cidade recebeu uma estação da EFOM, processo que foi acompanhado de um “evento grandioso” que contou com a presença do Imperador Dom Pedro II. A região parecia ter potencial para desenvolvimento agrícola e agropastoril. Na verdade, como sugere Pablo Lima (2009), uma das motivações para

construção da nova estrada de ferro relacionava-se, em grande medida, com possibilidades ou pretensões de incrementar o transporte de produtos agropecuários para o abastecimento das grandes cidades brasileiras.

Inicialmente, a chegada dos vagões da EFOM na região contribuiu para o desenvolvimento da economia rural, especialmente o ramo de criação e exportação de gado. O primeiro trem com boiada deixou o município de Oliveira no dia 6 fev. 1889, sendo despachadas “120 rezes” (GAZETA DE OLIVEIRA, 10 fev. 1889, p. 2). Para dimensionar este número, uma das principais feiras que comercializava o gado de Minas Gerais, a Feira do Gado de Santa Cruz, situada no Rio de Janeiro, neste mesmo ano de 1889, em um único dia negociou 48 rezes (unidades). No outro dia, na mesma feira, foram vendidas 94 rezes, ou seja, um frete saindo da sede municipal equivalia a quase dois dias de negociações em uma das principais feiras de compra do gado mineiro (GAZETA DE OLIVEIRA, 6 jan. 1889, p.2).

Os primeiros registros a respeito do transporte de bovinos em Carmo da Mata datam de maio de 1890. Pelo que foi possível observar nas fontes jornalísticas, o gado carmense era taxado a 2.080 réis a unidade e com destino às cidades de Oliveira e São João del-Rei (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 mai. 1890, p. 1).

A partir de 1891, passou a ser mais frequente na imprensa notícias sobre o embarque de boiadas, o que demonstra a importância do trem neste aspecto (Cf., por exemplo, GAZETA DE OLIVEIRA, 8 mai. 1892, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 17 jul. 1892, p. 1). Embora não tenhamos encontrado informações com relação ao cenário antes da chegada da ferrovia, fontes primárias falam de um crescimento do setor pastoril após a ligação com a capital fluminense (GAZETA DE OLIVEIRA, 17 jul. 1892, p. 1).

De acordo com pesquisas recentes, o volume médio de exportações atingiu a cifra aproximada de 30 mil cabeças de gado anuais contabilizadas entre os anos de 1892 e 1897, sendo este valor composto da soma do gado da cidade e dos distritos do município de Oliveira (AMARAL, 2020, p. 41).

Em contrapartida, a chegada da ferrovia vai coincidir com o fim da escravidão, processo que irá desarticular as relações de trabalho entre os fazendeiros e os libertos. Fontes da época nos asseguram que, em 1888, cerca de 25% da população da sede municipal era escravizada, realidade que pouco se difere dos demais distritos (GAZETA DE OLIVEIRA, 15 jan. 1888, p. 1).

Essa é uma questão sobre a qual muitos estudiosos se debruçam. A pesquisadora Ana Lúcia Lana (1986), por exemplo, traz à baila peculiaridades da transição do trabalho escravo ao livre, especificamente em Minas Gerais, que possuía um grande contingente de populações cativas na época. Ainda segundo essa mesma autora, diferentemente de São Paulo, localidade onde a imigração europeia proporcionou uma crescente e vertiginosa expansão das áreas cultiváveis, no caso mineiro a imigração não foi substancialmente alta, sendo presente a reivindicação de boas e eficazes leis de locação de serviços. Isso era reforçado pelo imaginário da época, que apregoava aos negros indolência e relutância às obrigações laborais nas lavouras.

O certo é que a supressão da escravidão parece ter desarticulado o setor agrícola da cidade e dos distritos de Oliveira. Na sede municipal, antes autossuficiente, cronistas passaram a lamentar a decadência da lavoura e a necessidade de importar gêneros básicos de alimentação. Conforme relatou um cronista anônimo em janeiro de 1899:

Houve tempo em que Oliveira era próspero, florescente, animado e promissor de um futuro brilhante. Tudo isso acabou e por uma razão muito simples: faltou-lhe o elemento principal, a lavoura que, digam o que disserem, foi, e há de ser, sempre o fator principal da riqueza de um povo [...]. Se, porém, fosse próspero o estado da lavoura ou, por outra, se a lavoura existisse entre nós, já o caso mudava de figura, porque ouro é o que ouro vale, e os produtos agrícolas dariam para tudo. Desenganemo-nos, ou tratamos da lavoura e somos ricos e animados, ou continuamos como vamos e ficamos paupérrimos e o comércio morre (GAZETA DE OLIVEIRA, 29 jan. 1899, p. 1).

Com relação ao setor pecuário, principal gênero de comércio do distrito de Carmo da Mata, os anos finais do século XIX vieram com uma forte crise, provocando uma desvalorização do gado. Registros de jornais revelam que a exportação de gado para o mercado carioca manteve um forte declínio entre 1897 e 1900, mais precisamente, um recuo de 32% (GAZETA DE MINAS, 13 jan. 1901, p.1).

Na sede do município, os processos de crise dos setores agrícola e pastoril tiveram como efeito uma onda de falências. Daniel Amaral (2020) cita alguns dos estabelecimentos que fecharam suas portas no contexto da crise:

O Hotel do Cruzeiro, o Colégio Imaculada Conceição, o Colégio Oliveirense, a Fábrica de Cervejas D'Oeste, o Bazar Oliveirense, a Destilação Central de Oliveira, o Sanatório Oliveirense, o

Estabelecimento Hidroterápico, o Atelier de Fotografia Artística, a Empresa Artística de Pintura e Douradura e os jornais A Pérola e A Gazetinha já não mais funcionavam na virada para o novo século (p. 41).

Tudo indica que o distrito carmense tenha, com suas peculiaridades, sentido os efeitos da crise. Isso é reforçado quando observamos, na segunda metade da década de 1890, a ausência de anúncios de novos estabelecimentos de comércio. Era comum os jornais darem destaque para inaugurações dessa natureza. A Casa da Barateza, a Olaria de cerâmica ou mesmo o “Chalet” que servia como hotel, por exemplo, foram todos inaugurados entre 1889 e 1895, recebendo grande destaque da imprensa oliveirense (Cf., respectivamente, GAZETA DE OLIVEIRA, 9 dez.1888, p. 4; GAZETA DE OLIVEIRA, 6 mai. 1894, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 16 nov. 1890, p. 2).

Nesse contexto, diante de uma população pequena, dispersa por 9 povoados rurais, instabilidade comercial dos setores rurais e relações de comércio bastante ancoradas na subsistência, percebe-se que não houve estímulos financeiros suficientes para fomentar melhoramentos citadinos na sede distrital, o que incluía espaços públicos ou estabelecimentos de comércio sintonizados com um desejo de progresso comportamental que afetava setores das elites em várias outras regiões do Brasil na mesma época.

Embora muitas capitais e cidades do interior do país já tivessem experimentado, no final do século XIX, intervenções de cunho modernizador na sua estrutura urbana e também no *modus vivendi* de suas populações, essas inovações cidadinas tardariam a chegar em Carmo da Mata. No Rio de Janeiro, por exemplo, cidade mais rica e capital federal na época, uma população maior e um ambiente mais urbanizado tornavam possível uma oferta de diversões tidas por grupos abastados como mais modernas e sofisticadas, podendo destacar, entre outras coisas, teatros, hipódromos, velódromos, pistas de patinação, boliches, cafés, confeitarias, jardim botânico e zoológico (SEVCENKO 1998, p.131-214).

No caso de Carmo da Mata, o distrito possuía uma estrutura urbana tímida, desprovida de calçamento, arborização, praça ajardinada, iluminação pública ou mesmo casas de espetáculos (Cf. GAZETA DE OLIVEIRA, 5 fev. 1888, p. 1; GAZETA DE MINAS, 1 out. 1899, p. 1). Em razão, sobretudo, das dificuldades econômicas provocadas pelo cenário de crise dos setores rurais, empresários locais foram desestimulados de realizar investimentos em inovações no campo dos divertimentos.

Na mesma medida, setores públicos foram impactados negativamente com o comprometimento das arrecadações municipais em serviços entendidos naquele momento como de maiores prioridades. Ainda que entre os anos de 1893 e 1897 – período referente ao crescimento das exportações de gado – é possível perceber um crescimento das receitas de Oliveira em 25%, a Câmara Municipal precisou contrair empréstimos para realizar serviços de abastecimento domiciliar de água na cidade e nos distritos municipais (AMARAL, 2020, p. 67-68).

Em janeiro de 1894, um correspondente carmense comemorava, em uma pequena nota veiculada pela *Gazeta*, a aprovação de um empréstimo para que o distrito pudesse “gozar do importante melhoramento de abastecimento de água potável” (GAZETA DE OLIVEIRA, 14 jan. 1894, p. 1).

Em julho de 1900, após estudos, foi feita a aquisição de “manilhas de barro fornecidas pela cerâmica de Carmo da Mata” e o serviço de canalização que ficou “perfeito, sólido e completo”, tivemos a inauguração pública. Conforme narrou um cronista anônimo:

No florescente e frutuoso distrito de Carmo da Mata, deste município, realizou-se no dia primeiro do corrente a inauguração oficial do importante serviço de abastecimento d'água potável. Não podiam ser mais brilhantes nem mais solenes os festejos com que o povo carmelitano celebrou o faustoso acontecimento que, certo, vem contribuir poderosamente para o progresso sempre crescente daquele distrito (GAZETA DE MINAS, 15 jul. 1900, p. 2).

A contratação de empréstimos para a aquisição de melhoramentos de maior urgência, como o abastecimento de água nas nucleações municipais, frearam, em certa medida, investimentos públicos na promoção de serviços voltados para o lazer da população, engendrados por expectativas de refinamento dos hábitos urbanos. De outra parte, isso não significa dizer que o distrito de Carmo da Mata era um lugar triste, monótono ou sem atrações lúdicas para seus moradores. As opções de divertimentos estavam, em grande medida, ligadas às práticas mais tradicionais de sociabilidades como festas religiosas, bailes particulares, eventos cívicos, inaugurações públicas, bares, botequins e tabernas, conforme veremos no próximo tópico.

1.2 Entre rezas e bebidas: um povo que gosta de comemorar

Os festejos religiosos promovidos pela Igreja Católica configuravam-se como elemento primordial para a constituição de redes de sociabilidades entre os moradores de Carmo da Mata. O povo carmense sempre deu vivas mostras de sua religiosidade. O nome do distrito e as primeiras capelas e oratórios particulares dedicados à Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, são indícios importantes nessa direção (CARVALHO, 2018, p.13).

Ao longo da última década do século XIX, é possível encontrar nos jornais de Oliveira diversos registros de festas religiosas em Carmo da Mata, ficando o distrito bastante movimentado nos dias santos em razão da presença dos moradores rurais e, não raras vezes, de visitantes das nucleações adjacentes. As principais festas aconteciam por ocasião da Semana Santa, do Mês de Maria e em homenagem ao Nosso Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião. Essas festas, via de regra, tinham como ponto central o Largo da Igreja da Matriz, e se estendiam por ruas e praças centrais, cujas manifestações de fé eram incrementadas com fogos, leilões, espetáculos de música e desfiles regados de comidas e bebidas.

Em abril de 1892, por exemplo, teve lugar no “singelo distrito” a celebração das procissões dos Passos e Dores, realizadas no calendário da Semana Santa. Segundo um cronista oliveirense, houve ali uma grande concorrência de fiéis, sendo a festa abrilhantada pela “Banda de Música da cidade de Itapecerica”:

Nos dias 3 e 4 do mês corrente, tiveram lugar, na freguesia de Carmo da Mata, a celebração das procissões dos Passos e das Dores, que fazem em épocas da semana santa. Havia grande concorrência de fiéis, o que assegura brilhantismo para a mesma festa. Se não fosse o tempo chuvoso, quando permitido o itinerário, a boa ordem e a iluminação que se faz acontecer nessas festas. Porém, muito embora esse contratempo inesperado a festa esteve pomposa por terem concorrido para isso a excelente banda de música da cidade de Itapecerica, que executou brilhantes sinfonias sacras. O auxiliar e coadjuvação dos ilustres sacerdotes Revm. Padre José Cerqueira e João Vitor da cidade de Itapecerica e Padre Galdino Ferreira Diniz, pároco desta freguesia. Do Sermão do Encontro encarregou-se Padre João Vitor, que com boa dicção e dotes oratórios disse muito bem, tendo, devido à chuva, de resumir sua locução. Do Sermão do Calvário foi o pregador Padre Galdino, que mais uma vez veio presentear a pujança do seu talento oratório, pregando eloquentíssimo sermão, tendo revelado que muito em breve poderá se encontrar nela um consumado pregador. O Sermão das Dores ficou a cargo do Padre Cerqueira, que já traz o nome conhecido de pregador emérito, e mais uma vez patenteou o seus dotes e conhecimentos teológicos de que é altamente dotado.

As festas solenemente celebradas, a concorrência dos fiéis, as igrejas, e a visitação dos Passos, davam um caráter festivo e alegre aquela freguesia, que possui uma população laboriosa, hospitaleira e que mais uma vez deu

provas dos seus sentimentos católicos e altamente devotados a verdadeira religião do Nazareno (GAZETA DE OLIVEIRA, 10 abr. 1892, p. 1).

Em fevereiro do ano seguinte, por ocasião das festividades em homenagem ao “glorioso São Sebastião”, ocorreu uma missa cantada no templo “perfeitamente iluminado”, e uma procissão pelas ruas centrais de Carmo da Mata. Funcionou em todos os atos, conforme fontes jornalísticas, “a perita e muito apreciada Lira Itapepericana”, deixando, ao final da festa, gratas recordações” (GAZETA DE OLIVEIRA, 19 fev. 1893, p. 2).

Na festa de São Sebastião do ano de 1896, a participação dos populares foi estimada em cerca de 4 mil fiéis, número que, notavelmente, era quase o dobro da população do distrito:

Tivemos a satisfação de assistir nessa localidade aos festejos religiosos ali realizados no dia 28, em homenagem ao glorioso mártir São Sebastião. Ali chegamos pelo expresso da tarde, era lindo de ver-se o aspecto brilhantemente festivo que apresentava o acanhado arraial, onde se reuniam na melhor ordem aproximadamente quatro mil pessoas.

Da igreja matriz destilava às 5 horas da tarde, no meio do religioso silêncio, a procissão majestosa do santo mártir, cujo andor, cuidadosamente enfeitado era carregado por pessoas gradas do lugar.

Recolhendo-se mais tarde, a procissão percorreu as principais ruas [...] à noite queimou-se variados fogos de artifícios, que apesar dos esforços empregados pelo pirotécnico que dele se encarregou, conseguiu agradar ao público (GAZETA DE OLIVEIRA, 2 ago. 1896, p. 2).

Em outro registro, datado de fevereiro de 1897, a Festa do Sagrado Coração de Jesus, mesmo sendo preparada com apenas um dia de antecedência, não deixou de ser “concorrida e animada”. O relato, englobando uma procissão e uma banda de música, nos permite dimensionar o alcance e a participação do povo na celebração:

Às 10 horas da manhã subiam pelo Largo da Matriz a excelente corporação musical “Lyra Carmelitana” dirigida pelo digno e responsável maestro Jonathas José Assunção composta de 10 músicos, todos fardados, por iniciativa do major Manoel Jorge de Matos, o qual acompanhava seu opulento e vistoso estandarte e executando bonitas peças do seu vasto repertório. Ao subir os foguetes, chegados a porta principal da Matriz houve a benção do estandarte pelo padre Galdino Diniz entrando a missa em seguida. À tarde houve procissão da imagem do Sagrado Coração de Jesus percorrendo diversas ruas desta freguesia. [...] ao entrar a procissão, ocupou a tribuna sagrada o Revmo. Padre Galdino que mais uma vez patenteou a sua conhecida inteligência e robusta eloquência. Finalizando a festa com o “Te Deum Laudamus”. Dado esta pequena notícia apresento os meus cordeais parabéns a honrada corporação Lyra Carmelitana e faço votos ao seu Divino protetor Sagrado Coração de Jesus pela sua prosperidade. Salve Lyra Carmelitana” (GAZETA DE OLIVEIRA, 7 fev. 1897, p. 3).

No mesmo ano, no mês de maio, ocorreram as tradicionais festas do Mês de Maria. Mais uma vez podemos ver a veiculação de notícias mostrando o aspecto festivo do arraial. Na reportagem anterior, o Major Matos patrocinou o uniforme da banda musical. Na imagem a seguir, destaca-se o festeiro e maestro Jonathas José Assumpção. Conforme foi registrado, por motivos de força maior, Jonathas remarcou o dia da tradicional procissão, terminando sua mensagem com afetuosas palavras aos moradores locais.

FIGURA 3 – Anúncio jornalístico do Mês Mariano em Carmo da Mata.



Fonte: GAZETA DE OLIVEIRA, 28 mai. 1897, p. 3.

Além das festividades religiosas, dispostas ao longo do ano em um rico calendário litúrgico, com celebrações que envolviam diferentes santos católicos, reuniões familiares em casas particulares ou fazendas eram celebrados com jantares e bailes íntimos, permeados de muita música, comidas, refrescos e bebidas alcoólicas.

Podemos citar que, em outubro de 1892, por ocasião do consórcio da Sra. Brunildes Notini com o Sr. José Antônio, organizou-se uma linda cerimônia que contou com a participação da “excelente” banda de música de Carmo da Mata. Após o jantar “em que nada faltou”, tivemos a realização de um “pomposo” baile na casa dos noivos. Conforme narrou um dos convidados da festa:

[...] seguiu-se pomposo baile concorrido pelas principais famílias do lugar, as danças sempre animadas prosseguiram após a interrupção do chá, alta madrugada terminando o sarau. Retirando-se todos contentíssimos com aquela festa. Sirvam estas linhas escritas por um convidado para traduzir a gratidão à amistosa hospedagem que a seus convidados deu a excelentíssima Exma. Sra. Mariquinhas Senna e seus dignos auxiliares, dentre eles o Sr. Américo Barbosa e para perpetuarem uma festa sempre saudosa (GAZETA DE OLIVEIRA, 9 out. 1892, p. 2).

Em 1890, ou seja, dois anos antes, o batizado da “filhinha” do fazendeiro e comerciante Manoel Jorge de Mattos, chegou a contar com a reserva de um vagão da EFOM para o transporte de convidados da cidade de Oliveira. Conforme foi noticiado:

No dia 21 do corrente, recebeu as águas batismais com o nome de Catolina uma “mimosa criancinha” fruto do feliz e abençoado enlace matrimonial do nosso amigo Manoel Jorge de Mattos e Sra. Ambrosina de Mattos. Para assistirem tal ato, Sr. Mattos convidou algumas famílias e diversas pessoas de sua amizade desta cidade, as quais se acharam presentes na cerimônia e bem assim a corporação musical de Oliveira que para maior brilhantismo deste ato concorreu espontaneamente. Na chegada do trem que iam os convidados de Oliveiro ao Carmo da Mata, a banda musical desta localidade, postada na plataforma da estação, exhibia uma das melhores peças do seu repertório, os foguetes estrugiam nos ares e expansiva alegria se manifestava em todos. Às cinco horas da tarde foi servido um lauto jantar ao qual tomaram parte perto de duzentas pessoas em mesas sucessivas, achando-se ali as pessoas mais gradas do Carmo da Mata. Por essa ocasião foram erguidos muitos brindes, sendo saudados os oliveirenses que por seu turno brindaram os habitantes de Carmo da Mata. Após o jantar, teve lugar a cerimonia batismal [...]. Em seguida começaram as danças que se prolongaram na melhor ordem, reinando grande alegria por parte de todos até às 4 e meia da madrugada, tendo sido interrompidas antes para ser servida uma profusa mesa de assados, a qual houve ainda muitos brindes. Tocaram durante a festa, alternadamente, as duas bandas de música, a de Carmo da Mata e a de Oliveira. O Sr. Manoel de Matos e sua senhora foram para seus convidados de uma amabilidade extrema, prodigalizando todos com o mais carinhoso afeto e cuidados (GAZETA DE OLIVEIRA, 24 ago. 1890, p. 2).

Para além de casamentos e batizados, o restabelecimento de saúde de algum enfermo também ilustra o rol de exemplos de confraternizações domiciliares. A recuperação de enfermos era considerada, muitas vezes, como algo “milagroso”, o que justificava, não raras vezes, a comoção e a grandeza dessas comemorações.

No último mês de 1891, por exemplo, tivemos a plena recuperação do Sr. Getúlio Gonçalves de Abreu Chaves, um “ilustre professor que dignamente rege a cadeira pública desta freguesia”. A cura de sua enfermidade foi muito festejada pelos amigos e alunos. Segundo foi noticiado, mesmo sentido “uma dor antraz” que o

martirizava, suportou-a por ocasião dos exames escolares. O senhor Getúlio Chaves também era muito bem quisto no meio local pela iniciativa e esforço na conclusão das obras de reforma da Igreja Matriz (GAZETA DE OLIVEIRA, 27 dez. 1891, p. 3).

Comemorações em decorrência da visita de religiosos e autoridades ilustres, ou ainda o retorno de viagens de personalidades do distrito que partiam para outras localidades visando, entre outras coisas, estudo, aperfeiçoamento profissional e busca de melhorias do comércio local, era outra forma de realizar festividades tradicionais no distrito carmense no final do século XIX. Podemos citar que, em fevereiro de 1894, o importante fazendeiro e industrial Manoel Jorge de Matos, teve uma efusiva recepção após retornar de sua viagem de negócios do Rio de Janeiro:

Ao regressar do Rio de Janeiro, aonde tinha ido a negócios, foi alvo de imponente manifestação no Carmo da Mata, por parte das numerosas pessoas de sua amizade, de que ali merecidamente goza, o nosso distinto amigo Manoel Jorge de Matos. Compartilhamos das alegrias dos carmenses, por ver aquele digno cidadão ao seio de seus amigos (GAZETA DE OLIVEIRA, 2 set. 1894, p. 1).

Em outro exemplo datado de junho de 1902, a chegada do bispo de Mariana, Sr. D. Silvério Gomes Pimenta, em visita pastoral ao distrito carmense, com o objetivo de crismar crianças e adultos, teve uma “recepção imponentíssima”. Um correspondente de Carmo da Mata narrou, com riqueza de detalhes, a pomposidade das festas de acolhimento do visitante religioso:

A distância de três quilômetros foram esperar o Bispo de Mariana mais de cem cavaleiros, sendo recebido à entrada do arraial debaixo do palio e de cruz alçada, por mais de mil pessoas que em procissão o acompanharam até a igreja, onde fez oração e dali seguiu para a casa que lhe estava destinada. Duas bandas de música fechavam a procissão [...].
A sua partida para o arraial de Claudio foi concorrida por uma enorme multidão de povo que aqui tem afluído também para ouvir a palavra dos reverendos missionários redentoristas (GAZETA DE MINAS, 8 jun. 1902, p. 2).

No bojo dessas festas e recepções, aconteciam também leilões que eram igualmente concorridos pelas pessoas do arraial. Em março de 1898, um relato jornalístico nos oferece a seguinte descrição: “por ordem do Agente Executivo, valendo-se do artigo 119 e 122 do estatuto municipal, ao meio dia do 27 será levado à praça para ser arrematado a bem do evento um cavalo castanho pinhão de 6 anos de idade” (GAZETA DE OLIVEIRA, 20 mar. 1898, p. 2). O animal havia sido

apreendido há 6 meses no pasto de um fazendeiro. Esses leilões acompanhavam os festejos religiosos, sendo realizados após o término das celebrações. A participação dos populares era notada, sobretudo, pela presença dos festeiros, ou seja, pessoas incumbidas de organizar as festividades.

O dinheiro recebido era direcionado aos religiosos locais para obras de caridade ou mesmo reformas da igreja. Os jornais da época, ao noticiarem estes acontecimentos, enfatizavam as qualidades “cristãs” dos habitantes. Para um maior “abrilhantamento” do evento, era possível contar com bailes íntimos, fogos de artifício e bandas de música:

Começaram a dias, como nós anunciamos, as rezas do mês de Maria, que tem continuado todas as noites com toda pompa e brilho e muito concorridas. Ao terminarem têm-se realizado as portas da igreja leilões, tocando a banda de música habilmente dirigida pelo Sr. Roque da Silveira. A orquestra que se tem desempenhado brilhantemente é regida com toda competência e saber pelo Sr. Major Cornélio E. de Castro e acompanhada no órgão pelo nosso colega Olympio de Castro (GAZETA DE OLIVEIRA, 14 mai. 1899, p. 2).

Comemorações de importantes datas cívicas locais e nacionais, empreendidas e patrocinadas pelo poder público carmense, contando sempre com a participação de grupos abastados como fazendeiros e políticos da região que financiavam sua organização, também proporcionavam bons momentos de diversão para a população distrital.

Em março de 1894, por exemplo, na vitória das forças legais contra revoltosos da armada nacional, o recém-eleito vereador por Carmo da Mata, o “importante negociante” Manoel Jorge de Mattos, após a confirmação da notícia, pediu que estourassem profusos fogos de artifício (GAZETA DE OLIVEIRA, 18 mar. 1894, p. 2). À noite, reuniu-se a “adiantada” corporação musical por iniciativa do seu digno diretor, Sr. Honório Dias e acompanhada de grande curso de povo, levando à frente o glorioso pavilhão da república brasileira, organizou-se uma passeata pelas ruas centrais do distrito. Um cronista anônimo narrou da seguinte forma o desfecho da festa:

Ao som de brilhantes marchas executadas pela banda de música e ao espocar de inúmeros foguetes, continuou a passeata dando vivas a república [...]

Daí seguiram para a casa do vereador Manoel de Matos, onde o mesmo ofereceu a todos um profuso copo de água, sendo brindadas as autoridades legais, a instrução pública, o comércio, a lavoura, etc. (GAZETA DE OLIVEIRA, 18 mar. 1894, p. 2).

Na citação acima, o cronista anônimo, utilizando-se de ironia, mostra que foi servido água aos convidados que estavam no desfile, usando a palavra “profuso copo de água”. O fragmento que retrata a notícia, o Gazeta de Oliveira, na página 2, na segunda coluna do jornal, havia a informação que outro fazendeiro, o sr. Antônio Notini tinha oferecido cerveja aos participantes do desfile quando passaram por sua fazenda, mas na casa do Sr. Matos foi servido apenas água.

A inauguração de melhoramentos públicos capazes de afetar a vida dos carmenses também eram acompanhadas de pomposas festividades enriquecidas com música, comidas, bebidas, desfiles e bailes.

Em julho de 1900, por ocasião da inauguração da água potável na sede distrital, a Câmara de Oliveira ofereceu um faustoso repertório de atrações:

No “florescente e futuroso” distrito tal acontecimento foi muito festejado não apenas pela sua classe política, como também por toda a população. Na festa de inauguração, que não poderia ser mais brilhante nem menos solene, o povo carmense pôde celebrar aquele “faustoso acontecimento”. Às 17 horas o reverendíssimo padre Geraldo Galdino abençoou a caixa d’água dentro de um respeitoso silêncio. Após pronunciar a bênção, a banda Euterpe Carmelitana executou o hino nacional. Partiram então os moradores, precedidos da banda para o chafariz da matriz. Tomando então a palavra, fez um pronunciamento o Capitão José Antônio Ferreira, posteriormente falou o Major João Alves de Oliveira, congratulando aos representantes do município de Oliveira pelo melhoramento no distrito⁶.

Inaugurando a obra, convidou o digno cidadão Capitão José Afonso Rodrigues que bebeu o primeiro copo d’água.

[...] Em seguida saiu o povo, sempre precedido pela banda de música, e em passeata pelas ruas do poético arraial, sendo durante o trajeto saudados diversos cidadãos, dentre os quais nos lembramos dos Srs. Capitão José Afonso Rodrigues, Capitão José Antônio Ferreira, Tenente Antônio Dias, Virgílio Silveira, Comendador Antônio Notini, Tenente Amâncio Friaça, Camilo Palomino, Capitão Olyntho Ferreira Diniz, Capitão José Dias Bicalho e Capitão Francisco Cambraia de Abreu.

Na elegante e confortável moradia deste último cavalheiro foi servido um profuso copo de cerveja e outras bebidas finas, organizando-se depois uma soirée dançante que se prolongou animadíssima até o alvorecer do dia, sendo que a meia noite as danças foram interrompidas para que fosse servido aos convidados um magnífico chá, acompanhado de finíssimos e variados biscoitos (GAZETA DE MINAS, 15 jul. 1900, p.3).

⁶Os títulos militares utilizados neste trabalho, são as respectivas patentes que eles possuíam e não apenas “pronomes de tratamento” de prestígio como ocorriam no Brasil durante o Período da República Velha. Os fazendeiros e os homens de destaque econômico e político do município eram oficiais da Guarda Nacional podendo atuar também como jurados e nos alistamentos eleitorais (Cf. GAZETA DE MINAS, 21 mai. 1905, p.4; GAZETA DE MINAS, 13 fev. 1910, p.1; GAZETA DE MINAS, 25 ago. 1912, p.3 e GAZETA DE MINAS, 25 ago. 1918, p.3).

Além das comemorações domésticas, religiosas, cívicas e de inauguração de obras públicas, outros divertimentos tradicionais compunham o repertório lúdico do distrito. Nesse ensejo é importante citar os botequins e tabernas.

O grande número de publicações historiográficas demonstra a importância e a relevância que estes estabelecimentos possuíam, não apenas no interior de Minas Gerais, mas em todo o Brasil (Cf., por exemplo, SILVA, 2009; SOUZA, 2010; CHALOUB, 2012; NAKAYAMA, 2016). August de Saint-Hilaire (2004), por exemplo, em suas viagens pelo interior de Minas Gerais no início do século XIX, relatou a existência destes estabelecimentos nas nucleações mineiras, sendo elas frequentadas, especialmente, por moradores rurais quando visitavam as sedes citadinas por ocasião das práticas de fé. Em sua passagem pela cidade de Oliveira, em 1819, o viajante já mencionava a presença de botequins, abordando também sobre os imóveis urbanos serem ocupados apenas nos finais de semana. Nas palavras do viajante:

Em Oliveira vi-me num rancho imundo, misturado com tropeiros de todas as cores [...] O povoado é rodeado de morros e está situado ao alto de uma colina de cume achatado. [...] A maioria de suas casas é de um só pavimento, mais cobertas com telhas e bastante amplas para os padrões da região. De um modo geral são caiadas, com as portas e janelas pintadas de amarelo e emolduradas de cor-de-rosa, o que forma um contraste bastante agradável com as paredes brancas. Uma grande parte dessas casas, mesmo as mais bonitas, só são ocupadas no domingo, pois pertencem a fazendeiros que passam o tempo todo em suas terras e só vão ao povoado nos dias em que a missa é obrigatória.

Oliveira conta com duas igrejas, sendo que mais importante foi construída numa elevação no centro da rua principal e a igual distância de fileiras de casas.

Encontram-se em Oliveira várias lojas de tecidos e armarinhos com variado estoque, além de botequins, uma farmácia e dois albergues, cada um com seu rancho (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 85).

A historiadora Leila Mezan Algrantí (2011, p. 46), que pesquisou sobre estes espaços na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1808 e 1821, ilustra essa questão:

Estudar o consumo de bebidas alcoólicas, bem como os espaços de consumo, como tabernas e botequins, possibilita compreender formas de sociabilidade, relações comunitárias, modos de vida e formas de estar em sociedade.

A sede municipal, assim como em várias outras localidades no interior de Minas, dispunha de inúmeros estabelecimentos dessa natureza. Lá eram vendidas

cervejas, vinho, licores e bebidas destiladas (AMARAL, 2020, p. 57). Além disso, estudos como o de Perez (2018), baseando-se em citações de viajantes que passaram por Minas Gerais no século XIX, revelam que algumas tabernas e botequins poderiam oferecer jogos lícitos e ilícitos, músicas, além de comidas que, na falta de assentos, eram consumidas em pé pelos frequentadores.

Em 1897, um cronista chegou a dizer que praticamente não existiam, na cidade de Oliveira, “distrações que pudessem competir com as garras da taberna” (GAZETA DE OLIVEIRA, 12 dez. 1897, p. 2).

No distrito de Cláudio, na mesma direção, em março de 1900, o chefe da polícia, após receber denúncias de jogos ilegais em casas de molhados, “mandou para ali a força policial disponível para apreender todos os objetos do jogo” (AMARAL; DIAS; ANÍSIO, 2022, p. 6).

Tais como nas regiões citadas, também em Carmo da Mata, havia excessos em decorrência do abuso do álcool. Segundo os lançamentos de impostos do ano de 1898, o valor que um vendedor de bebidas deveria pagar a câmara era de 50 mil réis, um valor considerado alto quando comparado a outros serviços, por exemplo, farmácia (30 mil réis), negociantes do gado (30 mil réis), engenhos (20 mil réis), ferreiros, carpinteiros e alfaiates (5 mil réis). Para que o comércio fosse lucrativo, infere-se que o número de consumidores fosse grande. Segundo as fontes, um total de 22 pessoas, incluindo uma mulher, faziam a comercialização de bebidas no distrito (GAZETA DE OLIVEIRA, 13 nov. 1898, p. 3).

Para se ter uma ideia destes valores, estes impostos, cobrados anualmente, segundo a resolução 14 a 18 do mesmo no seu artigo 17, fixavam o valor de acordo com a rentabilidade (GAZETA DE OLIVEIRA, 13 nov. 1898, p. 3). Assim percebemos que o valor das taxas de negociação do gado (30 contos) eram 33,34% menor que o valor repassado ao fisco em comparação às bebidas alcólicas, isso se justifica pela crise na exportação do gado (1897-1900) e evidencia que o consumo e comercialização de bebidas era um dos setores mais lucrativos para a receita municipal.

Um fato que chama atenção nestes negócios eram as implicações morais do comércio de bebidas alcólicas, isto é, o demasiado consumo de bebidas sendo visto de forma “pecadora” e pouco honrosa pela igreja. Sua ingestão poderia fazer com que as pessoas cometessem “excessos”.

A professora e pesquisadora Maria Cristina Rosa (2021) nos ajuda a observar esses discursos, com uma publicação sobre diversões na comarca de Vila Rica no século XVIII. Valendo-se de documentos do arquivo eclesiástico da arquidiocese de Mariana, na qual a comarca fazia parte, observamos o seguinte comentário:

Mas a bebida suscitava outros comportamentos em outros dias e não era consumida apenas por negros e seus descendentes. Na freguesia de Catas Altas, Manuel da Silva Neves é denunciado de viver na bebedice, pecado escandaloso, sendo considerado um bêbado perene. (p. 210).

Os estudos sobre as tabernas e botequins tem ganhado destaque na historiografia mineira, sobretudo nos últimos anos. Daniel Amaral (2022), em trabalho recente sobre a história das diversões na cidade de Oliveira no final do século XIX, sugere que estes espaços se constituíram como uma das principais formas de sociabilidades para as populações deste município. Caroline Bibbó (2017), seguindo por este caminho, em sua dissertação, nos mostra o contexto dos botequins e tabernas na região de Ouro Preto, nessa mesma época. Tal como foi defendido pela autora, esses espaços eram vigiados e reprimidos para que não despertassem “comportamentos tidos como imorais e incivilizados” (p. 60).

O periódico municipal, produzido na cidade de Oliveira, contava com um padre, o Reverendíssimo José Theodoro Brasileiro, na sua comissão de redação (GAZETA DE OLIVEIRA, 2 out.1887, p.1). Assim, haja vista a importância e a moralidade da Igreja Católica no período, não surpreende que colunas jornalísticas quase sempre noticiassem informações negativas sobre o uso exacerbado de bebidas alcóolicas. Salienta-se que o periódico produzido na sede municipal também circulava nos distritos, visando, em alguma medida, inibir por lá estes comportamentos. Por outro lado, era esperado que os habitantes do distrito tivessem modéstia ou caridade, características sempre elogiadas pelos colunistas do jornal (Cf., GAZETA DE MINAS, 07 mai. 1899, p. 1; GAZETA DE MINAS, 4 jun. 1899, p.1).

Seja como for, em que pese a veiculação de notas com conotações negativas, tabernas e botequins se fizeram presentes e atuaram como agentes aglutinadores das sociabilidades dos moradores de diferentes pontos do município de Oliveira. Em Carmo da Mata é provável que estabelecimentos do gênero tiveram uma presença cativa entre os frequentadores. Ainda que as fontes jornalísticas não ofereçam

informações robustas sobre tais espaços, é possível inferir sobre sua atuação no cotidiano carmense.

Como era usual, notas jornalísticas, notadamente, registravam festas públicas e particulares, enfatizando a participação das famílias ricas e socialmente prestigiadas do lugar. Contudo, grupos de classes menos abastadas estavam presentes ou mesmo organizavam seus próprios momentos de diversão, embora os registros jornalísticos da época, fonte mais abundante para avaliarmos as sociabilidades lúdicas de Carmo da Mata, ofereçam informações escassas a esse respeito. Em Juiz de Fora, a historiadora Marina Nakayama (2016), analisando processos-crime, identificou vários episódios desenrolados em festas religiosas, bailes, batuques, pagodes e sambas promovidos nos distritos e nas povoações rurais do município. No distrito carmense, de maneira semelhante, documentos do fórum de Oliveira, depositados nos Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes, nos permite encontrar ocorrências de grupos populares em festividades de diferentes naturezas.

Em setembro de 1896, por exemplo, o lavrador Antônio Vicentino, de 20 anos, foi acusado de agredir Carlos José com um “cacete”, ferindo-o gravemente na cabeça. Os dois se encontravam dançando em uma festa na sede distrital, quando ocorreu a desinteligência entre os envolvidos. Segundo as testemunhas, o motivo do crime teria sido o ciúme do acusado pela sua mulher, que goza, conforme a ocorrência, de “má reputação” (AHCRM, Loc. 37, 1896, p. 42).

Já no início de outubro de 1899, o réu José, vulgo Capoeira, foi acusado de ameaçar Herculana Dutra de Jesus com uma faca, causando um ferimento nos lábios da vítima. O denunciado invadiu a casa onde se encontrava a ofendida, arrastou-a para fora e desferiu as facadas. Segunda uma testemunha, o próprio réu admitiu, dias depois do incidente, ter ofendido Herculana. Outras testemunhas afirmaram que o réu costumava ser provocador e a vítima tinha o costume de “tomar uns goles de vez em quando” nas vendas do distrito (AHCRM, Loc. 41, 1899, p.52).

Em outro registro, dessa vez em maio 1904, o lavrador Manoel Joaquim Pinto, de 29 anos, achava-se, na madrugada do dia 9, nas ruas centrais de Carmo da Mata, acompanhando uma serenata. Quando terminou o evento festivo, o lavrador voltando da casa do diretor da banda de música foi surpreendentemente agredido pelos acusados Modesto Antônio Brasileiro, Mariano Vicente Roque, João Gonçalves da Silveira Júnior e “Dionísio de Tal” sem motivo algum. Contudo, em que pese a

acusação, o Juiz de Direito, pela falta de provas, julgou improcedente o processo (AHCRM, Loc. 52, 1904, p. 56).

Em mais outro registro, de 1915 e com mais informações, sabemos que o roceiro Antônio Vicente da Costa, de 25 anos, participava de uma festa na povoação de Felix. Durante a madrugada, diversas pessoas que estavam nessa festa iniciaram uma discussão com João Ulisses, acusando-o de ter proferido ofensas contra elas. Iniciou-se então uma contenda entre João Ulisses e João Eufrásio, tendo sido ambos acalmados pelos populares. Quando João Ulisses preparava para ir embora, outro envolvido na discussão, João Teodoro, foi agredido sem motivo algum com uma porretada por Antônio Vicente da Costa. Levado à Júri de Sentença o réu foi absolvido pelo Juiz de Direito (AHCRM, Loc. 79, 1915, p. 200).

Em todos os casos citados acima, entrevemos formas cotidianas de sociabilidades e momentos festivos de ocupação do tempo livre, que envolvem não apenas pessoas das classes mais abastadas do distrito, senão também trabalhadores e moradores das comunidades rurais.

1.3 As companhias itinerantes que visitaram o distrito

Os divertimentos tradicionais, já discutidos no tópico anterior, tais como festas domésticas, religiosas, cívicas, inaugurações de obras públicas e estabelecimentos de vendas de bebidas alcólicas, eram os principais responsáveis pelas distrações no distrito de Carmo da Mata no final do século XIX. Na tentativa de ampliar as sociabilidades da pitoresca nucleação, companhias itinerantes pareciam se configurar como possibilidades privilegiadas de consumo de espetáculos entendidos como modernos e sofisticados. Tratavam-se de grupos especializados na promoção de espetáculos de teatro, circo, bonecos automáticos, prestidigitação, touradas ou ainda cinematógrafo.

É possível encontrar registros de visitas de grupos artísticos ambulantes no distrito em estudo, bem como nos distritos vizinhos, tais como Cláudio, São Francisco de Paula, Santana do Jacaré ou mesmo na sede do município, a cidade de Oliveira.

Existe uma crescente bibliografia que se especializou no estudo dessas modalidades de divertimentos ambulantes que abrangeram todo o país (para alguns exemplos ver XAVIER, 2019; HORTA, 2018; MELO, 2017; SOUZA, 2004). Tais

estudos analisam, especialmente, como se deram, como influenciaram e de quais maneiras ocorreram as interações dessas companhias nas regiões que receberam turnês artísticas.

No caso mais específico de Minas Gerais, a historiadora circense Regina Horta (2018), ao descrever e analisar a presença de companhias itinerantes no interior mineiro no século XIX, nos oferece duas perspectivas importantes para a compreensão da circularidade desses grupos.

A primeira é a presença, sobremaneira dos circos, nas épocas de estio, em “qualquer arraial”. Ou seja, empresários do ramo das diversões itinerantes, advindos de outras partes do Brasil e mesmo de outros países, poderiam, em algum momento, desembarcar com suas atrações nas pequenas nucleações situadas nos recônditos mineiros. Já a segunda diz respeito ao aspecto de modernidade e progresso comportamental incrustado nestes espetáculos artísticos. Nas palavras de Regina Horta (2018): “A chegada de companhias de espetáculos transformava o cotidiano com inovações, notícias, hábitos e modas de outros lugares” (p. 107-108).

No Oeste de Minas, onde estava localizado o distrito de Carmo da Mata, existe um rol expressivo de companhias itinerantes que visitaram a região. Conforme é possível extrair de anúncios de espetáculos, algumas companhias contavam com artistas de diferentes nacionalidades que já haviam se apresentado em grandes centros nacionais e em outros países.

Em 1894, um anúncio do Circo Pery & Coelho, em excursão pelo Oeste mineiro, explicitou essa intensa mobilidade dos grupos artísticos:

O laureado artista Pery, que se tem exibido não apenas nas mais adiantadas cidades da república como em diversas da Europa onde tem colhido os mais vibrantes louros e triunfos na arte de que é mestre, apresentou-nos uma troupe, que por seu conjunto, habilidades e aptidões artísticas satisfazem plenamente as zonas que ora tornea (GAZETA DE OLIVEIRA, 6 mai. 1894, p. 1).

Em sentido parecido, a violinista italiana Giulietta Dionesi, após espetáculos em diferentes pontos da Europa, viajou para o continente americano, desembarcando em terras brasileiras. Nove anos antes de se apresentar no distrito de Claudio, isto é, em 1889, conforme veremos mais adiante, a “prodigiosa criança” estava em Portugal, mais precisamente, na cidade de Lisboa, onde realizou seu último espetáculo antes de partir para o novo mundo. Conforme narrou o jornal português Correio da Manhã:

A distinta violinista Giulietta Gionesi, voltou do Porto e das principais cidades do Norte, onde obteve numerosos e justíssimos aplausos. Vai dar um concerto de despedida em seu benefício, nas salas da Academia Musical de Lisboa, na Rua Nova do Carmo 21, na noite de sábado.

Giulietta sairá desta cidade com destino a América no dia 22 (CORREIO DA MANHÃ, 4 mai. 1889, p. 1).

A inauguração de uma ampla teia de ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas, na região homônima, nas duas décadas finais do século 19, parece ter contribuído positivamente para que lugares, antes de difícil acesso, pudessem agora ser incluídos em uma espécie de “pequeno circuito de comercialização do lazer” (AMARAL; DIAS, 2017, p. 251).

As companhias ambulantes, valendo-se das facilidades do transporte ferroviário que, entre outras coisas, era mais econômico, previsível e rápido, puderam transportar, com mais conforto e agilidade, toda sua equipe, bem como pavilhões, materiais de cenário e demais instrumentos de trabalho (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2021).

Várias estações ferroviárias foram inauguradas no período na região do Oeste mineiro, com destaque para Oliveira (1889), Carmo da Mata (1890), Espírito Santo do Itapecerica (1890) e Gonçalves Ferreira (1890), sendo esta última apenas 10 quilômetros de um importante distrito: Cláudio. Não é por outra razão que incursões históricas realizadas recentemente por Rosana Xavier, Daniel Amaral e Cleber Dias (2019) revelam que, na década de 1890, após a interiorização dos trilhos da EFOM, o número de circos que visitaram várias localidades do Oeste de Minas Gerais, a exemplo de São João del-Rei, Bom Sucesso, Passa Tempo, Japão, Itapecerica, Claudio e Oliveira, triplicou.

É importante salientar que antes da proliferação de ramais ferroviários, companhias itinerantes já se faziam presentes no interior de Minas Gerais (HORTA, 2018). É provável que essas companhias promoviam suas turnês aventurando-se por estradas precárias, que conectavam os municípios, utilizando-se para isso de carroças tracionadas por cavalos, bois ou tropas de mulas. Este tipo de transporte era mais caro, lento e inseguro, estando sujeito a todo tipo de imprevistos como enchentes, secas, estradas enlameadas, inconclusas ou mesmo assaltos (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2019).

Em Carmo da Mata, o primeiro relato de uma companhia ambulante que temos notícia, é do Teatro de Bonecos do Sr. Alexandre Apparício, que visitou a pequena

nucleação em novembro de 1892, no curso de uma turnê pela região Oeste do estado, tendo se apresentado, dois meses antes, na vizinha cidade de Oliveira (Figura 4). O evento se deu por circunstância da festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do distrito. Conforme narrou um correspondente carmelitano:

Realizou-se no dia 8 a festa de Nossa Senhora do Carmo. Nesta localidade, muito concorrida por diversas pessoas dos arraiais vizinhos e desta cidade. Foi celebrada missa solene cantada pelo padre Galdino, acolitado pelos padres José Cerqueira e João Alexandre de Mendonça, procedendo –se em silêncio a benção da nova imagem vinda de Paris.

À tarde, subia a procissão. Fazendo-se ouvir no púlpito ao recolher esta, o Revm. Padre Jose Cerqueira tocaram em toda a festa a banda de música de Itapeperica e Claudio: ambas em fusão e muito aplaudidas. A noite houve espetáculo dos bonecos automáticos do Sr. Apparício e em seguida animado baile.

Foram festeiros os Srs. Manoel Jorge de Matos e Major Jose das Chagas que muito se esmeraram pela festa, por todos os títulos esplendida (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 nov. 1892, p. 2).

FIGURA 4 – Espetáculo da companhia de fantoches do Sr. Apparício na cidade de Oliveira.

THEATRO AUTOMATICO

HOJE **HOJE**

Illusionist Authomatic Company

(No edificio novo da Fabrica de Cerveja á Praça do Cruzeiro,
perto da Estação)

(COMPANHIA DE BONECOS)

Alexandre Apparicio

Assombroso Divertimento!!!

VARIADOS ESPECTACULOS EM 5 ACTOS

Exibir-se-hão os mais surprehendedentes trabalhos da familia encantada

Fonte: GAZETA DE OLIVEIRA, 4 de setembro de 1892, p. 4.

Os grupos ambulantes que comercializavam espetáculos, favorecidos pelas facilidades dos vagões ferroviários, tinham a possibilidade de realizar apresentações em várias localidades da região, seguindo a rota dos trilhos e os pontos de embarque

e desembarque nas estações. Assim, várias nucleações poderiam entrar na rota de visitas, ampliando, por consequência, as possibilidades de maiores lucros para os artistas. São numerosos os relatos de turnês de companhias artísticas nos periódicos da cidade de Oliveira (Cf., por exemplo, GAZETA DE OLIVEIRA, 10 jul. 1892, p. 3; GAZETA DE OLIVEIRA, 10 jul. 1893, p. 3; GAZETA DE OLIVEIRA, 18 fev. 1894, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 30 dez. 1894, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 3 out. 1897, p. 2; GAZETA DE OLIVEIRA, 26 jun. 1898, p. 1).

A quantidade de notícias e de locais visitados nos permite inferir que era um negócio lucrativo, levando em consideração que nos trajetos entre diferentes cidades, era possível oferecer apresentações em localidades ainda menores. Em certas ocasiões, tratavam-se de pequenas povoações sem trilhos ferroviários, porém, com proximidade de algum centro com estação da EFOM, o que incrementava ainda mais os divertimentos dos pequenos arraiais dos sertões mineiros. No distrito de Claudio, por exemplo, ainda sem estação ferroviária no final do século XIX, a “genial artista Giulietta Dionesi”, provavelmente desembarcou na Estação de Gonçalves Ferreira, vizinha do distrito, promovendo na sede claudiense uma pequena série de concertos nos primeiros dias do mês de junho de 1898 (GAZETA DE OLIVEIRA, 12 jun. 1898, p. 1).

No cartaz abaixo, mais detalhadamente, de uma excursão do Circo Pery e Coelho, publicado em maio de 1894 no jornal *Gazeta de Oliveira*, é possível dimensionar a robusta rota de viagens desses grupos ambulantes, cujas visitas variavam de alguns dias, semanas ou até mesmo meses, dependendo, conforme foi narrado por Daniel Amaral e Cleber Dias (2017), “do gênero do espetáculo, do tamanho das companhias e da receptividade do público” (p. 239).

No caso específico do Circo Pery e Coelho, a companhia fez anúncios de espetáculos em Oliveira, Henrique Galvão e Carmo da Mata. Além dessas localidades, também é possível encontrar referências de espetáculos em São João del-Rei, São Francisco de Paula, Santana do Jacaré, Itapeçerica e Cláudio (XAVIER, 2019).

FIGURA 5 – Cartaz de anúncio dos espetáculos do Circo Pery e Coelho.

CIRCO
Pery & Coelho
 DOS
Renomeados artistas
PERY E COELHO



Esta companhia que actualmente funciona em Henrique Galvão, irá a Carmo da Mata onde dará espectáculos nos dias 17, 18, 19 e 20, regressando a esta cidade no dia 22 afim de dar espectáculos por occasião da festa.

Fonte: GAZETA DE OLIVEIRA, 20 de maio de 1894, p. 3.

Outros grupos ambulantes estiveram em Carmo da Mata na década final do século XIX. Em junho de 1893, o artista Olympio Chagas exibiu, na sede carmense, “as melhores sortes do seu repertório de prestidigitação”. Segundo foi noticiado:

Consta-nos que Olympio Chagas prepara para a próxima semana uma sessão em que exhibirá as melhores sortes do seu repertório de prestidigitação.

Já tive a ocasião de apreciá-lo nesse gênero de trabalho e estamos certos de que muito agradará pela muita habilidade e destreza com que executa os seus trabalhos, sendo este um dos melhores gêneros de diversão.

Acresce que essa festa terá um lado humanitário, o Sr. Olympio cede 20% do produto líquido do espetáculo em benefício da Conferência de São Vicente de Paula.

Desejamos que seja bem-sucedido (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 jun. 1893, p. 1).

De forma mais marcante, os circos de cavaleiros tiveram presença importante no distrito carmelitano. Estes circos marcavam o imaginário das populações por onde passavam. A utilização de animais adestrados mostrava um elemento de ligação entre o “mundo rural” e a “modernidade urbana”, contando sempre com um grande público (XAVIER, 2019).

Apresentações desse tipo eram muito populares em vários pontos do Brasil. Em grandes centros nacionais, como Rio de Janeiro e São Paulo, espetáculos circenses chegavam a fazer frente a divertimentos entendidos pelas elites letradas como mais sofisticados. O teatro é um bom exemplo nessa direção. Em sua tese, a pesquisadora Flávia da Cruz Santos (2017, p. 58), que estuda os conceitos de divertimento em São Paulo na segunda metade do século XIX, nos mostra que mesmo o teatro sendo “melhor refúgio para uma vida enfadonha” ou “divertimento tão útil”, as pessoas preferiam apreciar as companhias de cavalinhos.

No caso mais específico do Circo Pery e Coelho, os espetáculos aconteceram após as celebrações religiosas do “glorioso mártir São Sebastião”, que foram acompanhadas de música e queima de fogos de artifício (GAZETA DE OLIVEIRA, 20 jan. 1895, p. 2).

FIGURA 6 – Anúncio da festa de São Sebastião.

FESTA DE S. SEBASTIÃO
 Realisa-se hoje no visinho
 Districto do Carmo da Matta, a
 festa do Glorioso Martyr S. Se-
 bastião,
 E' de crer-se que seja mui-
 to concorrida como se sempre
 acontecer as festas naquelle lo-
 gar.
 Alem da festa da egreja, fei-
 ta com pompa e brilbantismo,
 ha fogos de artifício e especta-
 culo de cavalinhos.
 Desta cidade siguio hontem
 para alli grande numero de
 pessoas.

Fonte: GAZETA DE OLIVEIRA, 20jan. 1895, p. 2.

Fato notável é que a presença destes divertimentos ambulantes em Carmo da Mata se dava, em sua grande maioria, simultaneamente às festas religiosas, as quais,

como dito no tópico anterior, possibilitava maior fluxo de pessoas na sede distrital, por razão da presença dos moradores rurais. Era importante para os empresários destes divertimentos ambulantes a rentabilidade, assim, eram escolhidos os dias de maior movimento, quais sejam, os finais de semana ou dias de festas de santos católicos. Desta forma, escolhiam o melhor horário, geralmente, após as celebrações católicas, momento em que o público ficava nas proximidades da igreja no Largo da Matriz.

Em janeiro de 1895, por exemplo, “realizou-se no Carmo da Mata a festa do mártir S. Sebastião”. Conforme narrou um correspondente carmelitano, o templo “singelo e elegantemente adornado” achava-se literalmente cheio. “Era tal a quantidade de fiéis, que se teve de armar o púlpito na rua por não caber na igreja todos que queriam ouvir as palavras inspirada do Revmo. Vigário João Alexandre” (GAZETA DE OLIVEIRA, 27, jan. 1895, p. 3).

No intento de aproveitar o grande fluxo de pessoas, a Companhia Equestre Barros & Carvalho montou o seu pavilhão nas imediações do Largo da Matriz:

[...] A concorrência com já dissemos foi enorme e reinou sempre a melhor ordem, a par de grande animação, apesar da chuva impertinente que de vez em quando caía. A Companhia Equestre Barros & Carvalho ofereceu dois espetáculos muito concorridos e depois do fogo, o Sr. Tenente Olympio reuniu em sua casa alguns amigos em uma sorriè íntima e dançou-se até adiantada hora da noite (GAZETA DE OLIVEIRA, 27 jan. 1895, p. 3).

Para além dos grupos artísticos ambulantes, uma tentativa de introduzir práticas de lazer mais modernas em Carmo da Mata se deu pelas elites locais. Em fevereiro de 1898, segundo fontes primárias, foi criado o *Club Recreativo Familiar*. O objetivo do clube era oferecer “partidas dançantes” para incrementar sociabilidades entendidas naquele contexto como mais civilizadas. Para tanto, na partida de estreia, foram distribuídos “elegantes convites” (GAZETA DE OLIVEIRA, 13 fev. 1898, p. 1).

Apesar do empenho em se criar um clube que trouxesse um “distinto divertimento”, a falta de notícias posteriores nos leva a concluir que sua existência foi efêmera, já que um clube, sendo uma novidade nos distritos municipais, enquanto ativo, sempre angariava repercussões dos jornais de Oliveira (Cf., por exemplo, GAZETA DE OLIVEIRA, 30 jun. 1889, p.1; GAZETA DE OLIVEIRA, 27 dez. 1896, p.1; GAZETA DE OLIVEIRA, 25 jul. 1897, p. 1).

Para contornar o fechamento do clube social e a falta de casas de espetáculos, os moradores de Carmo da Mata dependiam da eventual presença de companhias

ambulantes para terem acesso a inovações lúdicas em conformidade com os modismos deflagrados nas principais cidades do país e mesmo do estrangeiro.

Nesse sentido, não por acaso, elogios da elite letrada em notas de jornais, como “digna de concorrência pública” e “importante e atraente espetáculo” precediam as propagandas que noticiavam a vinda de tais companhias (GAZETA DE OLIVEIRA, 20 jan.1895, p.2). Não poucas vezes, esses grupos ambulantes eram as únicas oportunidades para que os moradores dos rincões mineiros tivessem acesso a este tipo de espetáculo comercial.

O distrito de Carmo da Mata carecia de incentivos estruturais como coretos, fontes, jardins públicos, clubes sociais ou ainda casas comerciais que pudessem oferecer diversões caracterizadas nos jornais por atributos de progresso comportamental. Por outro lado, longe de ser um lugar sorumbático, Carmo da Mata, com suas sociabilidades tradicionais, apresentava um ambiente lúdico efervescente sintonizado com um amplo calendário litúrgico de comemorações católicas, bem como festas cívicas, domiciliares, inaugurações públicas, ou mesmo o uso exacerbado de bebidas alcoólicas em bares e botequins.

A partir da década de 1900, mudanças estruturais se processaram paulatinamente em Carmo da Mata, especialmente no tocante à uma progressiva recuperação dos setores do agropastoris. Conforme veremos no próximo capítulo, o aumento produtivo das áreas de plantio e criação de gado, se desdobrou no crescimento populacional, melhores ofertas de mão de obra assalariada, substancial salto das arrecadações municipais e investimentos na estruturação urbana e estabelecimentos de comércio.

Tudo isso se tornou ainda mais perceptível na década de 1910, com uma espécie de “boom” produtivo das povoações municipais. Como resultado, o acanhado distrito foi alvo de um esforço modernizador levado adiante pelas elites locais. Os setores das diversões, no bojo dessas transformações, foram verdadeiramente impactados com o novo espectro de ambições dos grupos abastados. Teatro, cinema, bilhar, clubes dramáticos e esportivos, linha de tiro e jardim particular, são alguns exemplos do novo momento experimentado pela singela localidade.

CAPÍTULO 2 – EXPANSÃO DA ECONOMIA RURAL E INOVAÇÕES NOS SETORES DOS DIVERTIMENTOS NO DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS (1900-1920)

2.1 Recuperação econômica e o “boom” produtivo das áreas rurais

O início do século XX foi marcado por iniciativas dos produtores rurais do município de Oliveira para contornarem os problemas de produção na lavoura e na indústria pastoril, especialmente no último triênio do século XIX, quando ocorreu um recuo das exportações de gado (GAZETA DE MINAS, 13 jan. 1901, p.1). A tentativa de recuperação econômica era mais que justificada, o cultivo da terra e a invernada do gado alocavam a quase totalidade dos trabalhadores e da geração dos recursos financeiros dos distritos e da sede municipal.

O principal fator que possibilitou avanços das cadeias produtivas do município foram os investimentos na diversificação e mecanização dos gêneros do campo, levados adiante por fazendeiros e industriais, alguns deles mediante empréstimos contraídos da Câmara Municipal.

Em 1900, o agente executivo autorizou para o industrial Manoel Jorge de Matos, de Carmo da Mata, uma operação de crédito na importância de “2:418\$640” réis a juros de 8% ao ano (Cf., GAZETA DE MINAS, 16 set. 1900, p. 3). Este valor somou-se a outros investimentos na Olaria Carmo da Mata, de sua propriedade, para a aquisição, da Europa, de “mecanismos mais aperfeiçoados” do ramo de telhas, tijolos, ladrilhos, vasos e manilhas.

Afim de expandir seus negócios, foram importadas, com o auxílio do sócio Olyntho Ferreira Diniz, máquinas de beneficiar arroz e café (Cf., GAZETA DE MINAS, 1 de jun. 1902, p. 2), o que ensejou a construção de um “grande prédio”, onde foram instalados os beneficiadores.

O Engenho Central de Carmo da Mata (Figura 7), localizado “junto à Estação Ferroviária”, foi inaugurado no dia 3 de setembro de 1904, com a presença de populares, fazendeiros e autoridades locais. Segundo registros de jornais, o novo estabelecimento estava “assentado em um prédio elegante” e “construído com capricho”, onde o café era selecionado em “4 bicas do separador”, tendo as máquinas

“capacidade para beneficiar 600 arrobas diariamente” (GAZETA DE MINAS, 11 de setembro de 1904, p. 1).

FIGURA 7 – Anúncio do Engenho Central de Carmo da Mata.



Fonte: GAZETA DE MINAS, 18 set. 1904, p. 3.

Nessa mesma época, outras localidades do município de Oliveira também fizeram aquisições de beneficiadores. Na sede oliveirense, entre 1902 e 1904, tivemos a inauguração de engenhos de arroz e café, de propriedade dos Srs. Miranda e Fernal e do Coronel Manoel Antônio Xavier, todos nas imediações da estação ferroviária (GAZETA DE MINAS, 9 fev. 1902, p. 1; GAZETA DE MINAS, 11 jan. 1903, p. 3; GAZETA DE MINAS, 20 nov. 1904, p. 1). Em 1903, no distrito de Cláudio, o Sr. Tenente Coronel Domingos da Silva Guimarães, inaugurou um beneficiador de café na sua “importante fazenda” (GAZETA DE MINAS, 22 abr. 1903, p. 2).

A inauguração dos primeiros beneficiadores do município ensejaram não apenas a mecanização da produção, como também estimularam o crescimento das lavouras, uma vez que agregava mais valor ao produto beneficiado. Conforme informações da imprensa, com o benefício do café, “pelo processo mais aperfeiçoadado”, podia-se obter “os melhores preços no mercado do Rio de Janeiro” (GAZETA DE MINAS, 2 out. 1904, p. 1).

Em 1906, o arroz ganhou algum incremento entre os produtores do município, especialmente com o envio de sementes fornecidas pelo governo estadual, após o

funcionamento dos beneficiadores. Neste ano, os lavradores colheram “cerca de 10.000 litros de arroz agulha”, cuja qualidade, nas palavras de um cronista anônimo, “é o que tem mais procura e melhor cotação nos mercados” (GAZETA DE MINAS, 6 mai. 1906, p. 1). Em 1909, na mesma esteira, a exportação de café do município atingiu a expressiva marca de 150 mil arrobas (GAZETA DE MINAS, 14 mar. 1909, p. 1).

Antes dessas mecanizações, o café, que irá se tornar o segundo produto mais importante das exportações do município, ficando atrás apenas do gado de corte, era plantado em “pequenos canteiros e alqueires em derribadas” que só produziam “escassamente” para o consumo local. A produção era pequena e não aclimatizada nos terrenos altos. Fontes jornalísticas sugerem que os primeiros cafezais foram introduzidos na região por volta de 1882 (GAZETA DE MINAS, 1 set. 1912, p. 1), e três foram os motivos que levaram ao desenvolvimento dessa cultura. Primeiro, a chegada da Estrada de Ferro Oeste de Minas nessas paragens, favorecendo o escoamento da produção. Segundo, a aclimação do café, pois o mesmo era cultivado apenas em locais de clima quente como Rio de Janeiro, Espírito Santo e nas suas fronteiras. Terceiro, o valor elevado que era vendido. Este último veio trazer a “febre do ganho” e foi um “mal para muitos imprevidentes”. Nas palavras de um cronista anônimo:

[...] sem nem o cálculo nem a experiência com esta cultura, deram por empreitadas caríssimas, plantações novas a fazer e não cogitaram da conservação da árvore produtora, assim como da que ia produzir. Veio a baixa e as árvores que não foram tratadas convenientemente, declinaram; a produção tornou-se escassa e, portanto, cara, não dando para o custeio; as novas plantações que foram formadas caríssimas não davam para o empate do capital empregado ser solvido em poucos anos, portanto o prejuízo foi certo (GAZETA DE MINAS, 1 de setembro de 1912, p. 1).

As terras da região Oeste eram ubérrimas, porém esgotavam-se em poucos anos. Um cafezal poderia produzir em média 4 ou 5 colheitas boas, depois “declinavam a ponto de não produzir nada” (GAZETA DE MINAS, 6 out. 1912, p. 1). Para contornar estes problemas, os produtores favorecidos pelo clima seco, deveriam fazer a correta adubação do solo, de modo a manter os nutrientes necessários para as próximas levas. Utilizavam, em grande medida, a própria casca do café. Outro elemento utilizado na adubação das plantações era o esterco, próprios dos currais das fazendas de criação do gado. Outra saída, que não era “relativamente cara”, era

a utilização de cal ou mesmo cinzas das fornalhas (GAZETA DE MINAS, 6 out. 1912, p. 1).

Esse conjunto de boas práticas que aliava, fertilidade do solo, beneficiamento da produção e escoamento eficiente por meio dos vagões da EFOM, contribuíram significativamente para o sucesso da cultura do café. Todos estes fatores revelam uma tendência modernizadora da produção agrícola, cujos impactos do novo momento produtivo eram sentidos no distrito carmense.

A adoção de sistemas mecanizados para a lavoura recebia comentários da imprensa da época: “Troca a enxada pelo arado do tipo mais aperfeiçoado: os pilões e moinhos pelos trituradores norte-americanos, as velhas máquinas do café pelos modernos aparelhos Paulo Kauck, Heid e Mac Hardy” (GAZETA DE MINAS, 23 jan. 1910, p. 1). Outro comentário nessa direção foi veiculado no mês de setembro de 1913:

[...] São geralmente de boa qualidade os terrenos do município, destacando-se, contudo, os dos distritos do Japão, Carmo da Mata e Sant’Ana do Jacaré, que contam ainda com grande quantidade de matas virgens. Estão sendo introduzidos no município os modernos processos de cultura, sendo já avultado o número de fazendeiros que possuem máquinas agrícolas, como o arado, capinadeiras, grades de discos, semeadeira, etc. (GAZETA DE MINAS, 28 de setembro de 1913, p. 1).

FIGURA 8 – Cafezal do fazendeiro Olyntho Diniz, distrito de Carmo da Mata (c. 1920).



Fonte:Arquivo particular do memorialista Alfeu Sábatto.

FIGURA 9 – Cafezal do fazendeiro Afonso Lobato, distrito de Carmo da Mata (c. 1920).



Fonte: Arquivo particular do memorialista Alfeu Sábatto.

Como resultado dessa dilatação da indústria cafeeira, os produtores do distrito de Carmo da Mata, com a participação de fazendeiros de localidades circunvizinhas, tomaram a iniciativa de organizar uma Cooperativa Agrícola, onde poderiam discutir

temas ligados aos preços, produção, taxas, despesas e lucros. Essa cooperação servia também como “elemento meio” de negociação entre o setor agrícola e o governo estadual.

De acordo com o brasilianista Jhon Wirth (1982, p. 86), as cooperativas foram incentivadas no final da década de 1900, com a intenção principal de fortalecer e diversificar a produção mineira, possibilitando os cooperados obterem do governo melhores preços e créditos, propagandas no exterior, especialmente do café, além da possibilidade de estocagem dos produtos em depósitos no Rio de Janeiro, Santos e portos europeus. Notícias de jornais da época reforçam o importante *status* que as cooperativas agrícolas angariaram do governo do estado:

Muito tem feito o benemérito Governo do Estado, em favor da lavoura em geral e em particular do café. O problema complexo para o desenvolvimento agrícola no estado compreendeu, muito particularmente a criação de cooperativas agrícolas, instituição esta, cujos frutos tanto tem concorrido para a prosperidade dos países que conhecem a sua utilidade e puseram em prática em uma esfera larga. [...] Minas tem feito no sentido de propaganda e ensinamento dessa bela e útil instituição, tem demonstrado apesar do espírito refratário da maioria dos lavradores as vantagens extraordinárias, não com teoremas demonstrados em cores deslumbrantes numa folha branca de papel de jornal, mas, com fatos reais que a evidência não deixa mentir (GAZETA DE MINAS, 23 mar. 1913, p.1).

No dia 14 de abril de 1909, no distrito de Carmo de Mata, fundou-se a Cooperativa Distrital, que mais tarde passou a se chamar Cooperativa Oeste de Minas, cuja diretoria foi composta pelos seguintes produtores carmenses: Olyntho Ferreira Diniz, presidente, Capitão Jose Antônio Ferreira, tesoureiro, Antônio Notini Júnior, secretário, Coronel Manoel Jorge de Matos e outros nomes, membros do conselho fiscal (GAZETA DE MINAS, 18 abr. 1909, p. 1).

Em outubro deste mesmo ano, o Coronel Manoel Jorge de Matos, representando os cooperados, viajou para a capital Belo Horizonte, “afim de obter do governo do estado a aprovação da Cooperativa Agrícola Oeste de Minas”, encontrando ali “apoio do governador Wenceslau Brás para a aprovação” (GAZETA DE MINAS, 24 out. 1909, p. 1).

Não demorou para que os membros da recém-fundada Cooperativa Agrícola colhessem os frutos de sua organização. Já em dezembro de 1909, os associados autorizaram o presidente a fazer aquisição de máquinas de beneficiar café e arroz pertencentes aos Srs. Antônio Notini Júnior e Joaquim Afonso Rodrigues, incluídos na

compra, não só o prédio onde estavam instalados os beneficiadores, como também os terrenos anexos. Para tanto, esperava-se a aprovação de um empréstimo de 20:000\$000 réis do governo estadual, o que seria autorizado quando os membros completassem uma remessa de vinte mil arrobas de café. Segundo relatórios da Cooperativa, mesmo sem possuir “máquinas de rebeneficiar”, anotava-se uma exportação de “cerca de oito mil arrobas de café” para a capital fluminense, obtendo no Rio a média de 7\$400 réis por arroba.

Os cooperados também iniciaram processos de exportação para a Europa. No velho mundo, a expectativa era obter a soma de 8\$000 réis por arroba, números que eram estipulados baseando-se nas vendas da Cooperativa de Juiz de Fora (GAZETA DE MINAS, 5 dez. 1909, p. 1).

Em julho de 1911, realizou-se, na sede municipal, uma reunião com a presença dos sócios das Cooperativas Agrícolas da cidade de Oliveira e do distrito de Carmo da Mata. O objetivo era promover a “unificação das mesmas, a reforma dos estatutos e a eleição da nova diretoria” (GAZETA DE MINAS, 23 jul. 1911, p. 1). Embora os jornais não tragam detalhes sobre o desfecho da reunião, a junção se concretizou, uma vez que a imprensa passou a noticiar apenas as movimentações da Cooperativa Agrícola de Oliveira.

Fundada no dia 13 de abril de 1909, a Cooperativa Agrícola de Oliveira foi resultado de uma reunião, na casa do Coronel Manoel Antônio Xavier, contando com a presença de 14 fazendeiros, na qual foram aprovados os estatutos e as normas que regeriam as ações dos cooperados. Nesta ocasião, o Coronel Manoel Antônio Xavier foi eleito o presidente (GAZETA DE MINAS, 18 abr. 1909, p. 1).

Em novembro desse mesmo ano, os cooperados de Oliveira fizeram suas primeiras remessas de café e cereais para “as praças da Europa”, intencionando construir um Engenho Central para o beneficiamento de arroz e café na Estação de Aureliano Mourão, na vizinha cidade de Bom Sucesso (GAZETA DE MINAS, 14 nov. 1909, p. 1).

A junção das duas cooperativas parece ter fortalecido o setor agrícola do município. Em 1914, jornais de Oliveira já falavam de um cenário de “prosperidade para essa benemérita sociedade”. Neste ano, estavam cooperados cerca de 70 produtores da sede, dos distritos e de municípios circunvizinhos, o que representa um

aumento de cinco vezes da sua composição inicial em 1909 (GAZETA DE MINAS, 25 out. 1914, p. 1).

A Cooperativa Agrícola de Oliveira foi colocada em liquidação no mês de agosto de 1918, quando encerrou definitivamente suas atividades. Segundo o relatório de liquidação, os cooperados, em reunião realizada no dia 4, na sede municipal, resolveram colocar à venda todos os bens e móveis e imóveis da referida Cooperativa, sendo eles: “maquinismos de café e arroz, com motor elétrico, além de outros maquinismos já usados, grande quantidade de ferro velho, objetos e móveis de escritório, e um grande prédio na Estação Ferroviária Maracanã, na cidade de Oliveira” (GAZETA DE MINAS, 11 ago. 1918, p. 3).

É possível observar que a Cooperativa Agrícola teve um papel importante nos processos de desenvolvimento da produção rural de Carmo da Mata. Segundo Daniel Amaral (2022), na Zona Oeste do estado, essas iniciativas de cooperados tiveram papel destacado nos processos de “dinamização, diversificação e mecanização dos trabalhos no campo”. Ainda segundo este autor, as Cooperativas Agrícolas atuaram “auxiliando os produtores rurais na aquisição de maquinários, fomentando a plantação de novas culturas por meio da distribuição de sementes, ou, ainda, instruindo os trabalhadores rurais no manejo de novas tecnologias” (p. 88-89).

Tudo isso parece ter ensejado desdobramos positivos na cadeia produtiva carmense. Para além do café e do arroz, que tiveram crescimento das áreas cultivadas e mecanização da produção, outros gêneros agrícolas incrementaram as plantações dos fazendeiros do distrito.

Em 1905, o Coronel Manoel Jorge de Matos construiu um “sólido e majestoso edifício” onde foram instalados “maquinismos a vapor para os produtos do milho e açúcar” (GAZETA DE MINAS, 25 jun. 1905, p. 1). Em 1918, o mesmo industrial inaugurou uma “grande fábrica de farinha de mandioca e polvilho”, reservando, nas suas imediações, “17 alqueires de terra para a plantação de mandioca” (GAZETA DE MINAS, 7 de jul. 1918, p. 1). Nessa mesma época, jornais falavam da produção de aguardente em Carmo da Mata (GAZETA DE MINAS, 31 dez. 1916, p. 1).

A importância do distrito carmense para o setor agrícola do município de Oliveira foi explicitada em 1905 por um cronista que, ao visitar a região, teceu considerações sobre o seu destacado papel de produção de gêneros rurais, chegando inclusive a classificar Carmo da Mata como “celeiro de Oliveira” (GAZETA DE MINAS, 25 jun. 1905, p. 1).

Diferente do período de crise do final do século XIX, a sede e os distritos de Oliveira obtiveram uma expressiva recuperação do setor agrícola ao longo das duas primeiras décadas do século XX. Carmo da Mata acompanhou e contribuiu para este processo, sobretudo, nas produções de café, milho, polvilho e arroz, quatro dos principais gêneros de exportação agrícola municipal.

Em 1920, segundo dados da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, Oliveira e o conjunto de nucleações distritais exportaram 1.800 toneladas de café, 750 toneladas de milho, 175 toneladas de polvilho e 120 toneladas de arroz (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 767).

Já a indústria pastoril de Carmo da Mata foi melhor estruturada a partir de 1904, devido à união dos fazendeiros, boiadeiros e invernistas da Zona Oeste, que passaram a se organizar, por meio de reuniões, visando melhores oportunidades para os negócios (GAZETA DE MINAS, 29 mai. 1904, p.1).

Em maio daquele ano aconteceu uma reunião na casa do Coronel Manoel Jorge de Matos, idealizada pelo Coronel Olyntho Ferreira Diniz. Na ocasião, os participantes do distrito e de lugares adjacentes buscavam, nas palavras de um correspondente carmelitano, “remédio para pelo menos atenuar o sofrimento atual da indústria pastoril mineira”. Com a liderança do invernista Joaquim da Silva Guimarães, designou-se aos interessados a elaboração de propostas para o setor, ficando decidido que o conjunto de sugestões seria levada ao Presidente do Estado e representantes da Estrada de Ferro Oeste, por intermédio do Coronel Matos, que valeria do seu prestígio perante a população e as elites políticas do estado (GAZETA DE MINAS, 29 mai. 1904, p.1).

Entre as principais reivindicações dos criadores da Zona Oeste, é possível elencar quatro pontos centrais. Primeiro, a permanência das feiras de gado em Sítio, Benfica e Três Corações, o que favorecia previsibilidade e ganhos logísticos para o comércio dos boiadeiros. Segundo, a escolha de um comissário para fiscalizar as vendas, de modo a evitar possíveis fraudes nas negociações. Terceiro, uma balança para pesagem do gado, na intenção de evitar subvalorização dos rebanhos. Quarto, pagamento à vista após a negociação das invernistas, na tentativa de conter calotes dos negociadores. Neste mesmo propósito, os boiadeiros enviaram um ofício para a Estrada de Ferro Oeste de Minas, argumentando sobre as possibilidades de reduções das tarifas de fretes (GAZETA DE MINAS, 29 mai. 1904, p. 1).

Neste movimento inicial, os criadores da região obtiveram respostas importantes para suas demandas. As três feiras mantiveram sua atuação no intermédio do comércio pecuário. Instalou-se nas feiras uma balança obrigatória, não podendo “ser vendido o animal sem antes ser pesado, cadastrado e com as devidas taxas pagas”. Comissários “com comprovada experiência no ramo” foram designados para trabalhos junto aos pontos de negociação (GAZETA DE MINAS, 22 mai. 1904, p.1; GAZETA DE MINAS, 9 out. 1904, p.1). Por fim, a Estrada de Ferro Oeste de Minas se comprometeu em reduzir as tarifas, salientando que, quanto maior o número de animais transportados, maior seria o desconto (GAZETA DE MINAS, 22 mai. 1904, p. 1).

Para além das vitórias obtidas pelos pecuaristas, o governo estadual, de modo a contribuir com a produção e melhoramento das raças, oficiou os pecuaristas da região, informando a facilitação da aquisição de diferentes raças de bois, a exemplo do Simmenthal, Schwitz, Holandês e Bretão. Segundo constava no ofício, o governo cobraria unicamente as despesas feitas com a compra dos animais de outros países, não precisando os criadores mineiros pagarem taxas alfandegárias, nem despesas do transporte, sendo preciso oficializar a intenção de compra por meio de petição (GAZETA DE MINAS, 10 jul. 1904, p.1). Tal proposta era interessante, pois, possibilitava a importação de gado de outras raças e nacionalidades, de acordo com a necessidade ou desejo dos criadores, pagando um preço mais acessível.

Em 1909, valendo-se dessas facilidades de importação de gado, jornais de Oliveira passaram a noticiar compras dos criadores do município fora do território nacional:

Importados dos Estados Unidos, chegaram a Oliveira diversos animais de raça destinados às fazendas de criação dos Srs. Coronel Gabriel A., de Andrade e Majores Américo Leite e José F. Leite. São belos tipos, assistindo ao seu desembarque, muitos curiosos e alguns entendidos (GAZETA DE MINAS, 28 mar. 1909, p. 2).

Esse conjunto de fatores, somado a um novo aquecimento das feiras que abasteciam os mercados do Rio de Janeiro,⁷ desdobraram no alargamento do setor

⁷Segundo um registro do jornal *Gazeta de Minas*, datado de 1915, a exportação de bovinos pelos vagões da Estrada de Ferro Oeste de Minas, com destino ao Rio de Janeiro, havia crescido consideravelmente. Apenas nos oito primeiros meses de 1915, o movimento de gado transportado pelos vagões ferroviários era superior a 100 mil reses, número que, conforme consta na matéria, crescia a cada ano (GAZETA DE MINAS, 14 de nov. 1915, p. 1).

pecuário do município, tendo o distrito de Carmo da Mata como um dos principais polos pecuários do Oeste mineiro.

Em 1910, a exportação do conjunto de nucleações municipais saltou para 50 mil reses (MINAS GERAIS, 1913, p. 265-268), ou seja, 66,67% maior quando comparado com o período antes da crise do final do século XIX (30 mil reses), e 145,1% maior quando comparado com o período da crise do final do século XIX (20.400 reses).

Vis-à-vis, com a recuperação e a progressiva distensão do ramo de criação de gado, pecuaristas de Carmo da Mata e outras cidades do Oeste mineiro levantaram a possibilidade de organização de uma Cooperativa de boiadeiros. A ideia se materializou no dia 9 de junho de 1912, quando, em reunião organizada na casa do fazendeiro Sr. José Martins Borges, com a presença de “um grande número de invernistas”, foram tratados, conforme relatou um correspondente carmense, “assuntos pertinentes a classe dos boiadeiros e tomar medidas tendentes a evitar grandes oscilações e explorações no preço da carne verde no Rio de Janeiro” (GAZETA DE MINAS, 23 jun. 1912, p.1).

O Major Orozimbo Ribeiro da Silva Castro, foi nomeado presidente da reunião, sendo auxiliado pelos secretários Srs. José Martins Borges e Arthur Diniz. A proposta da Cooperativa foi aventada com as seguintes bases:

A sociedade será de responsabilidade limitada e o capital será formado pela contribuição de dois contos de réis que cada sócio pagará quando entrar para a sociedade que terá um gerente em São Diogo e o pessoal que se julgar necessário. Tendo um conselho superior ou diretório encarregado da superintendência geral, havendo pena grande e severa para todo sócio que vender gado na praça sem ser por intermédio da sociedade e todos os sócios serão ouvidos antes de qualquer compromisso (GAZETA DE MINAS, 23 jun. 1912, p.1).

Uma nova reunião foi marcada para o dia 15, quando uma comissão composta pelos pecuaristas Major Orozimbo Ribeiro da Silva Castro, Dr. Alfredo Afonso de Figueiredo Paraíso e Francisco Ignácio Ribeiro Júnior organizariam os estatutos da Cooperativa Oeste de Minas (GAZETA DE MINAS, 23 jun. 1912, p.1).

Em reuniões da Cooperativa realizadas no ano de 1913, houve protestos contra a “ideia demagógica” dos compradores cariocas, que pediram ao governo mineiro a supressão do imposto de fronteira para o gado a pé (GAZETA DE MINAS, 16 mar. 1913, p.2). Segundo os cooperados, a alta do preço se deu em decorrência de causas

naturais, “que no momento não poderiam ser removidas”, e não como apregoavam os cariocas, que atribuíam essa elevação aos impostos dos marchantes (GAZETA DE MINAS, 16 mar. 1913, p.2).

Outras queixas dos cooperados eram, entre outras coisas, a demora das vendas nas feiras; os maus pastos ao longo do caminho; os possíveis acidentes e contratempos que contribuíam para que os animais perdessem peso e, conseqüentemente, valor. Segundo o John Wirt (1982, p. 92), os pecuaristas mineiros foram encorajados a conduzir suas próprias vendas através de Cooperativas, visando contornar todos estes obstáculos que reduziam os lucros dos boiadeiros.

Com o crescimento dos rebanhos e a organização dos criadores em torno de uma Cooperativa pastoril, o setor pecuário de Carmo da Mata atuou fortemente para mecanizar sua produção, robustecendo o leque comercial que, até o final do século XIX, se limitava na exportação do gado vivo. Um dos setores que recebeu investimentos dos pecuaristas foi o de laticínios.

Em janeiro de 1909, um cronista anônimo registrou que os fazendeiros de Carmo da Mata estavam empenhados no melhoramento dos seus rebanhos, dedicando um olhar mais acurado ao gado leiteiro. Segundo foi noticiado:

[...] Carmo da Mata logo se convenceria de que entre os fazendeiros ali residentes, inspiram um desejo unânime e contagioso de melhorar-se a raça bovina.

Vários reprodutores e de sangue puro já se tem importando, dando-se preferência aos de raça leiteira.

A holandesa, Jersey e Normanda, já tem seus exemplares legítimos perfeitamente aclimatados, passeando satisfeitos nos nossos incomparáveis gordurais.

Neste distrito, pensam alguns fazendeiros na aquisição de reprodutores da raça Schutz ou Brune, por ser excelente em leite, de aspecto agradável, pesada, mansa e aquela que melhor se forma com as mutações rápidas do nosso clima.

[...] afaga-nos a ideia do melhoramento de nossas raças vacuns pelo cruzamento com reprodutores das raças citadas, conseguindo-se a substituição mais rápida possível de nossos rebanhos atuais por outros de sangue mais apurado (GAZETA DE MINAS, 1 jan. 1909, p. 1).

Em 1900, o Coronel Adolpho Ribeiro da Silva Castro, “inteligente e abastado fazendeiro de Carmo da Mata”, inaugurou a Fábrica Manteiga Nacional, localizada na Fazenda da Serra, nas proximidades do povoado do Riacho. As latas, encomendadas especialmente para condicionar melhor a manteiga era, segundo a imprensa, um dos

diferenciais do produto, contribuindo para a sua “boa qualidade” (GAZETA DE MINAS, 25 mar. 1900, p. 1).

Em 1910, a empresa dos Srs. Altivo & Ferreira, com sucursais em outras localidades do estado, como Sucupira e Desterro, iniciou um empreendimento de produção de manteiga em Carmo da Mata, dando acionamento a duas desnatadeiras de propriedade dos Srs. Mário Andrade & Cia. Segundo jornais, a fábrica recebia diariamente grande quantidade de leite e creme que eram usados para a produção de uma “excelente manteiga, de cor natural, sem corante, sem ser salgada, conservando-se por longo tempo” (GAZETA DE MINAS, 9 jan. 1910, p. 1).

Já no ano de 1916, o Sr. Dr. Lobato Júnior que possuía uma fábrica de laticínios em Prados, montou em Carmo da Mata um estabelecimento congênere para o fabrico exclusivo do queijo do Reino. Para tanto alugou dois “importantes prédios”, tendo a promessa dos fazendeiros do distrito de um fornecimento diário de 2.000 litros de leite (GAZETA DE MINAS, 19 mar. 1916, p. 1).

O principal estabelecimento de produção de laticínios de Carmo da Mata foi inaugurado em dezembro de 1916. Os Srs. Júlio Barbosa & Cia., “grandes industriais e comerciantes do Rio de Janeiro”, inauguraram uma “importante fábrica de manteiga e queijos”, em um “grande prédio, junto à estação Ferroviária”, tendo como chefe de fabricação “um hábil químico vindo da Suíça para esse fim”. A manteiga, com produção de 400 quilos diários, era denominada Invicta, já o queijo, Avante (GAZETA DE MINAS, 31 dez. 1916, p. 1).

Nos primeiros movimentos do seu funcionamento, a nova indústria passou a veicular propagandas nos jornais de Oliveira (Figura 10) dizendo comprar “toda e qualquer quantidade de leite e creme” dos fazendeiros do município.

FIGURA 10 – Anúncio do interesse da compra de leite da fábrica Júlio Barbosa & Cia.



Fonte: GAZETA DE MINAS, 31 dez. 1916, p. 3.

Em outros pontos do município, a produção de manteiga também ganhou iniciativas. Em 1906, por exemplo, tivemos a inauguração da fábrica Manteiga Mineira, de propriedade do “fazendeiro e criador” Gabriel A. de Andrade, no distrito de Passa tempo (GAZETA DE MINAS, 16 nov. 1904, p. 1).

Em 1909 tivemos as inaugurações das fábricas, Manteiga Japonesa, de propriedade do fazendeiro Sr. Capitão Américo Paulineli, no distrito de Japão (GAZETA DE MINAS, 8 ago. 1909, p. 1), e Manteiga Delícias, de propriedade do industrial Sr. José Robortela, na cidade de Oliveira (GAZETA DE MINAS, 16 abr. 1909, p. 1).

No final da década de 1910, o setor de laticínios do município de Oliveira atingiu a expressiva marca de vendas internas e exportações de 1.448.300 litros de leite, 40.000 quilos de manteiga, 20.403 quilos de queijo e 3.410 litros de nata de leite (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 203, 767).

As charqueadas ganharam destaque em Carmo da Mata na segunda metade década de 1910. Nessa época, iniciou-se uma discussão na Câmara Municipal de Oliveira sobre o melhor ponto para sediar estabelecimentos da indústria do charque, visando a exportação de carne já preparada, remediando, em alguma medida, as dificuldades de exportação do gado vivo. A escolha do distrito carmense se deu mediante quatro características principais. Primeira, fertilidade dos pastos, com excelentes pastagens de “capim gordura”. Segunda, facilidades de exportação da

carne nos vagões da Estrada de Ferro Oeste de Minas. Terceira, abundância de água para limpeza das impuridades decorrentes da matança do gado. Quarta, centro citadino que oferecia apoio ao processo produtivo (GAZETA DE MINAS, 1 abril 1917, p. 2).

Soma-se a isso a posição de destaque que Carmo da Mata ocupava no setor agropecuário municipal, o que lhe oferecia um olhar mais sensível por parte das autoridades políticas.

Em fevereiro de 1916, por ocasião das discussões da instalação da primeira charqueada do município, o Presidente da Câmara Coronel Antônio Xavier defendeu Carmo da Mata, usando como principal justificativa, a relevância agropastoril do distrito carmense:

[...] Nenhum dos seus distritos melhor que aquele [Carmo da Mata] para a instalação de um estabelecimento que, novo ainda neste estado, promete, entretanto, um futuro que podemos garantir rendosíssimo ao tesouro municipal e assim à bolsa dos seus diretores.
É incontestavelmente o Carmo da Mata a gema de Oliveira: terras feracíssimas ao cultivo de cereais, produção abundante de café, invernadas incomparáveis, onde se engordam anualmente sete mil e quinhentos bois, não se falando da criação das raças finas, de onde tiram o leite saboroso com o que fazem a manteiga que em dezenas de arrobas remetem ao Rio e São Paulo (GAZETA DE MINAS, 27 fev. 1916, p. 1).

No início de abril de 1916, o Sr. Vicente da Silva, capitalista do Rio Grande do Sul, recebeu concessão da Câmara Municipal de Oliveira para instalar uma charqueada no distrito de Carmo da Mata, obtendo, nas palavras de um correspondente local, “o máximo de apoio de criadores e invernistas da região” (GAZETA DE MINAS, 2 abr. 1916, p. 1). No ano seguinte, a empresa Guimarães & Nogueira Filho também logrou autorização do setor político para a instalação de uma nova charqueada, para a qual já tinha adquirido terreno (GAZETA DE MINAS, 18 mar. 1917, p.1).

Em 1919, foi inaugurada outra charqueada, tendo como proprietários os Srs. Ignácio Affonso Diniz, Affonso Lamounier Junior e Anésio Diniz. Segundo fontes jornalísticas, estes “espíritos empreendedores” pretendiam futuramente fundar um outro estabelecimento modelo e abater o gado em larga escala para uma “exportação avultada e direta para os mercados europeus” (GAZETA DE MINAS, 17 ago. 1919, p.1).

Dando prosseguimento ao próspero negócio do charque, mais uma empresa instalou-se em Carmo da Mata: a Charqueada Palmeiras, estabelecimento de propriedade da “prestigiosa família do Sr. Olyntho Ferreira Diniz”. Segundo noticiado, tratava-se de um estabelecimento de primeira ordem, tendo a sua frente a competência do Major Affonso Lamounier, “que não tem poupado esforços para apresentar no mercado charque de primeira qualidade” (GAZETA DE MINAS, 26 set. 1920, p.1).

A instalação e operação de uma charqueada deveria ser planejada de modo a garantir a lucratividade do negócio. Para concorrer contra as grandes indústrias do charque do Rio Grande do Sul e do Prata (Argentina) era importante que as novas indústrias estivessem perto umas das outras, criando, através das cooperações entre elas, polos industriais mais fortes. Conforme matérias do jornal *Gazeta de Minas*, a instalação de uma indústria de charque era a certeza de que outras também chegariam, favorecendo, assim, as receitas municipais (GAZETA DE MINAS, 1 abr. 1917, p.2). Em 1920, Carmo da Mata já era o maior polo industrial de charqueadas de Minas Gerais. Neste ano, o distrito exportou 4.119.000 quilos de charque (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 266).

Outro ramo que ganhou um pequeno incremento no município foi o setor cavalariço. Matérias de jornais do início da década de 1910 registraram o crescimento da “criação de cavaleiros das raças nacionais, na maior parte”, onde, conforme diziam, “os animais são bem tratados e se encontram sadios” (GAZETA DE MINAS, 28 set. 1913, p. 1). No final daquela década, o conjunto de núcleos municipais já possuía 3.436 equinos, sendo 1.677 éguas, 1.436 cavalos e 323 potros (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 191).

Em Carmo da Mata, no mês de agosto de 1913, acompanhando o processo de desenvolvimento do setor de equinos, instalou-se uma fábrica de ferraduras de propriedade dos Srs. Notini, Ferreira & Santos, estando aparelhada a exportar semanalmente “mil dúzias do seu produto”. Conforme anúncios de jornais, este estabelecimento, pelo seu tamanho e capacidade produtiva, era “o melhor da Zona Oeste” (GAZETA DE MINAS, 3 ago. 1913, p. 2).

Essa atividade comercial quase inteiramente concentrada nos setores agropecuários, impactou significativamente no crescimento populacional e na mão-de-obra assalariada do distrito, contribuindo, de uma parte, para o aumento das receitas municipais, e de outra, para uma melhor estruturação da sede distrital.

Conforme veremos no próximo tópico, pequenas ondas de melhoramentos urbanos e ações modernizadoras foram processadas na parte urbana, na esteira de uma maior capacidade de investimentos públicos. Neste mesmo sentido, na medida que o contingente populacional com trabalho remunerado alargava suas bases, comércios e serviços foram se estruturando, com vistas a atender melhor as novas demandas.

2.2 “Terra civilizada e adiantada”: melhoramentos urbanos e ações modernizadoras na sede de Carmo da Mata

Com o expressivo processo de desenvolvimento dos setores agropecuários de Carmo de Mata, um dos desdobramentos foi a oferta de novas ocupações para a mão de obra local. Documentos censitários da época citam médias de salários das ocupações dos trabalhadores rurais de Minas Gerais, sinalizando que algumas atividades laborais do campo eram remuneradas.

Em 1920, por exemplo, um arador, recebia uma média de 4\$300 réis por dia de trabalho, um carreiro 3\$500 réis, um carroceiro 3\$600 réis, um cortador de cana 2\$800 réis, um derribador de mandioca 3\$700 réis, um roçador de mato 2\$900 réis, um tirador de leite (ordenha) 2\$300 réis, um tropeiro 3\$200 réis e um vaqueiro 3\$200 réis (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 243). No caso mais específico do município de Oliveira, o salário médio diário de um trabalhador rural girava em torno de 2\$000 réis com alimentação e 3\$000 réis sem alimentação (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 246).

O novo espectro produtivo, estendido na locação de trabalho remunerado, repercutiu na cadeia populacional de Carmo da Mata, fomentando, em alguma medida, um significativo aumento do contingente demográfico. Se em 1890, a população do distrito era de 2.250 moradores, em 1920, período para qual dispomos de registros demográficos produzidos pelo governo estadual, este número saltou para 6.974, ou seja, um crescimento de aproximadamente 310% (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 851).

A maior parte dos novos moradores foram instalados nas povoações rurais. Ainda que não tenhamos dados detalhados da divisão das populações citadinas e rurais de Carmo da Mata nessa época, em Oliveira, sede municipal, que reunia os principais serviços públicos, estabelecimentos de comércio e indústrias urbanas,

contabilizou-se cerca de 60% de população rural (AMARAL, 2022, p. 95). Nessa situação, não seria exagero inferir que no distrito carmense, onde os setores rurais detinham a quase totalidade da produção, essa margem fosse ainda maior.

Na condição de entreposto para as demandas dos moradores e trabalhadores rurais, a parte citadina de Carmo da Mata, gradativamente, passou a contar com uma ampliação e diversificação dos estabelecimentos de comércio e serviços, com vistas a atender, especialmente nos finais de semana, a maior movimentação de pessoas dispostas a gastar os rendimentos ganhos.

Já em 1905, um correspondente oliveirense, ao visitar o distrito carmelitano, teceu considerações entusiasmadas sobre o que chamou de “assombroso progresso daquela localidade”. Segundo foi narrado:

Havia quase um ano que eu não visitava o vizinho arraial de Carmo da Mata, não por falta de vontade, porque gosto muito de visitar uma terra que progride sempre e muito, mas por falta de tempo que, há dias, me permitiu dar ali um pulo.
É assombroso o progresso daquela localidade!
São ruas que se abrem, casas que se levantam, indústrias que se iniciam, lavouras que se estendem, comércio regular, uma atividade admirável naquele bom e laborioso povo que nós aqui da cidade estamos longe de imitar (GAZETA DE MINAS, 25 jun. 1905, p. 1).

Em 1916, o jornal *Gazeta de Minas* já falava da existência, na sede citadina de Carmo da Mata, de três farmácias, com farmacêuticos formados, dois hotéis, um escritório médico, além de “grandes e pequenas casas de negócio” (GAZETA DE MINAS, 31 dez. 1916, p. 1).

No ano seguinte, o distrito passou a contar com um consultório dentário do “afamado” cirurgião Francisco Afonso de Assis Figueiredo, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, estando habilitado, inclusive, a realizar “os apreciados trabalhos a porcelana” (GAZETA DE MINAS, 11 mar. 1917, p. 3).

Neste mesmo ano de 1917, inaugurou-se o centro educacional particular Colégio Sagrado Coração de Jesus, sob a direção da professora D. Maria Francisca de Castro Figueiredo, tratando-se de um internato e externato para meninas e externato para meninos, nos quais se ofereciam curso primário, secundário e ensino de trabalhos diversos (GAZETA DE MINAS, 18 mar. 1917, p. 1).

O novo dinamismo econômico dos setores rurais, acompanhado de uma pequena ampliação da oferta de estabelecimentos de comércio citadino, tiveram como resultado o crescimento das receitas públicas. As divisas arrecadadas eram remetidas

a sede municipal, que gestava as finanças dos distritos e povoados que pertenciam a sua circunscrição. Apesar disso, havia “certa liberdade” para que o dinheiro arrecadado fosse aplicado na própria localidade, visando atender os interesses locais. A organização econômica do município de Oliveira foi especificada na resolução 13, datada de abril de 1893. Nela constava que “cada distrito é inteiramente livre e independente em tudo quanto respeito ao seu peculiar interesse, competindo exclusivamente ao respectivo conselho distrital, composto por 3 membros de cada localidade” (GAZETA DE MINAS, 23 abr. 1893, p. 3).

Nesses termos, em outras palavras, cada distrito possuía autonomia para gastar seus recursos, sendo as decisões de alocação financeira determinadas pelo conselho distrital. A renda dos distritos era proveniente do repasse feito pela sede municipal e taxas locais.

Os dados econômicos de Oliveira, do final do século XIX, não oferecem detalhamento do montante arrecadado em cada distrito, bem como dos repasses para os conselhos distritais, fato que nos impede de trazer um panorama da divisão dos recursos. De outra parte, para este período, a imprensa municipal publicou balancetes com números totalizados das arrecadações. A primeira publicação de balancetes na imprensa é datada de 1893, correspondendo ao valor da receita aprovada para o ano de 1894 (GAZETA DE MINAS, 1 out. 1893, p.3).

Nos anos finais do século XIX, os balancetes eram compostos por uma série de impostos que, somados, ofereciam o valor total de arrecadação de cada nucleação municipal. Estes impostos eram: Imposto de Indústria e Profissão (cobrado sobre casas comerciais, vendedores ambulantes, indústrias e profissionais liberais); Anéis D’água, que futuramente passou a ser chamado Pena D’água (cobrado sobre a utilização de água nos chafarizes ou encanada); Imposto de Trânsito de Carros (cobrado sobre veículos que conduziam mercadorias); Imposto Predial (cobrado sobre imóveis, cujo valor era definido pela tamanho da propriedade); Transmissão de Propriedade (cobrado sobre testamentos e transmissão de bens); Eventuais (multas aplicadas, doações, etc.). Somava-se a todos estes impostos, os repasses da união e a dívida ativa da sede e dos distritos.

ITEM /ANO	1894	1895	1897	1898	1899	1900
Imp. Indústria e Profissão	12:000\$000	14:000\$000	14:000\$000	14:000\$000	35:000\$000	25:000\$000
Anéis d'agua (Pena d'água)	8:000\$000	6:000\$000	3:600\$000	3:600\$000	4:680\$000	4:680\$000
Trânsito de Carros	800\$0000	800\$000	1:000\$000	1:000\$000	1:000\$000	1:000\$000
Eventuais	4:000\$000	4:100\$000	2:000\$000	2:000\$000	3:920\$0000	1:820\$000
Dívida Ativa	785\$000	785\$000	2:000\$000	2:000\$000	4:000\$000	4:000\$000
Impostos da União	16:000\$000	18:000\$000	20:000\$000	20:000\$000	25:000\$000	25:000\$000
Impostos Prediais	2:000\$000	4:000\$000	6:000\$000	6:000\$000	10:000\$000	8:000\$000
Transmissão de Propriedades	12:445\$000	22:315\$000	21:000\$000	21:000\$000	20:000\$000	25:000\$000
Outros			11:000\$000			6:200\$000
Total	56:030\$000	70:000\$000	71:000\$000	70:000\$000	112:100\$000	100:000\$000

Fonte: GAZETA DE MINAS, 1 out. 1893, p.3, GAZETA DE MINAS, 7 out. 1894, p.3, GAZETA DE MINAS, 18 out. 1896, p.3, GAZETA DE MINAS, 3 out. 1897, p.1, GAZETA DE MINAS, 9 out. 1898, p.3, GAZETA DE MINAS, 9 out. 1899, p.3, GAZETA DE MINAS, 18 nov. 1900, p. 3.

Em análise a este gráfico, um ponto importante deve ser considerado: o valor das arrecadações não era fixo, podendo ter variações, dependendo das especificidades de cada ano. Em linhas gerais, é possível destacar que entre os anos de 1884 e 1900, a dívida ativa do município mais que quintuplicou, saltando de 785\$000 réis para 4:000\$000 réis, o que pode ser explicado por uma série de empréstimos contraídos pelo setor político, com a finalidade de introduzir o serviço de água encanada em todas as nucleações de Oliveira. Em 1900, era noticiada “a mais severa economia” da Câmara Municipal, por motivos dos empréstimos que consumiam a quase totalidade do dinheiro usado para melhoramentos públicos (GAZETA DE MINAS, 2 dez. 1900, p.1).

Neste mesmo intervalo de tempo, também é possível observar um crescimento do imposto de Indústria e Profissão, que se manteve relativamente estável entre 1894 e 1898, com variações de 12:000\$000 e 14:000\$000 réis, saltando para 35:000\$000 réis em 1899, ou seja, mais que dobrou, recuando para 25:000\$000 réis em 1900, porém, número 92,3% maior que a média dos anos de 1894, 1895, 1897 e 1898,

sugerindo um movimento de recuperação dos setores produtivos na virada para o século XX.

No início do século passado, um clima de esperança tomou conta da região, o ano de 1899 se recolhia “a bastidores com as suas longas e brancas barbas” cedendo lugar ao “jovem 1900 que vai representar seu papel”. Esse otimismo foi explicitado por um cronista oliveirense:

[...] ora, oxalá que o raiar de 1900 nos traga a paz geral porque tanto pugnou o magno congresso de Haya, oxalá que ele nos traga alegria que carecemos para vivermos trabalhando para fins úteis, oxalá que ele traga aos representantes da Nação que hoje são eleitos aquele patriotismo necessário para debelarmos tantos males que nos afligem, oxalá que todos tenhamos saúde e felicidade e que ao terminar o ano, logo fará sua entrada triunfal, o bendigamos pelos benefícios que colhemos durante o seu decurso (GAZETA DE MINAS, 31 dez. 1899, p. 1).

Nas receitas públicas deste novo período, a imprensa de Oliveira publicou balancetes apenas dos anos de 1901, 1909 e 1910, sugerindo que as receitas tiveram oscilações negativas no final da década de 1900, com variação da arrecadação total entre 85:000\$000 e 75:000\$000 réis (GAZETA DE MINAS, 18 nov. 1900, p.3; GAZETA DE MINAS, 24 jan. 1909, p. 2).

No caso mais específico do imposto de Indústria e Profissão, as receitas tiveram um ligeiro crescimento de 20%, saltando de 25:000\$000 réis em 1900, para 30:000\$000 réis em 1909, reforçando nossa interpretação de recuperação econômica dos setores produtivos (GAZETA DE MINAS, 18 nov. 1900, p. 3; GAZETA DE MINAS, 24 jan. 1909, p. 2).

Os balancetes produzidos na primeira década do século XX trouxeram uma novidade quando comparados com os dados de arrecadação do final do século XIX: eles oferecem os números de repasses de impostos para os distritos, fato que nos permite dimensionar a posição e a importância econômica dessas nucleações. Para o ano de 1901, o agente executivo autorizou repasses para os conselhos distritais na seguinte ordem: Cláudio, 3:500\$000 réis; Carmo da Mata, 3:000\$000 réis; Passa Tempo, 2:500\$000 réis; São Francisco de Paula, 2:500\$000 réis; Japão, 2:250\$000 réis e Santana do Jacaré, 2:250\$000 réis (GAZETA DE MINAS, 18 nov. 1900, p. 3).

Cláudio recebeu uma quantia maior, posto que era o distrito mais próspero, sobremaneira, por concentrar, nessa época, 75% da safra cafeeira do município (AMARAL, 2020, p. 69). Já Carmo da Mata ocupava a segunda posição, o que é um

indicativo da importância que sua produção, especialmente dos setores pecuários, assumia naquele momento.

Em 1909, a importância financeira repassada para os conselhos distritais apresentou uma queda significativa, com exceção de Cláudio, que obteve, nas previsões orçamentárias para este ano, um ligeiro crescimento: Cláudio, 3:600\$000 réis (aumento de 2,85%); Carmo da Mata, 2:000\$000 réis (queda de 20%); São Francisco de Paula, 2:000\$000 réis (queda de 42,85%); Japão, 1:600\$000 réis (queda de 20%); Passa Tempo, 1:200\$000 réis (queda de 46,67%) e Santana do Jacaré, 1:200\$000 réis (queda de 40%), (GAZETA DE MINAS, 16 dez. 1906, p. 2).

Já nas previsões orçamentárias para o ano de 1910, os números recuaram ainda mais, sofrendo, alguns distritos, novos cortes: Cláudio, 1:900\$000 réis (queda de 51,78%); Japão, 1:500\$000 réis (queda de 6%); Carmo da Mata, 1:400\$000 réis (queda de 30%); São Francisco de Paula, 1:400\$000 réis (queda de 30%); Passa Tempo, 1:200\$000 réis (manteve estável) e Santana do Jacaré, 1:200\$000 réis (manteve estável), (GAZETA DE MINAS, 5 dez. 1909, p. 2).

Os progressivos cortes de repasses orçamentários para os conselhos distritais, ao longo da década de 1900, parecem ter sido resultado do crescimento da dívida do município, em razão de empréstimos realizados em 1905, para a instalação da luz elétrica na cidade de Oliveira, cuja ampliação da oferta do serviço de eletricidade foi aprovada pela Câmara Municipal em 1907, mediante a um novo empréstimo, além de outros empréstimos e gastos com a construção do Teatro Municipal, e subvenções para a Santa Casa de Misericórdia e a Escola Normal Nossa Senhora de Oliveira, todos instalados na sede oliveirense (Cf., por exemplo, GAZETA DE MINAS, 24 set. 1905, p 1; GAZETA DE MINAS, 1 jul. 1906, p. 1; GAZETA DE MINAS, 4 ago. 1907, p. 1).

Nas previsões orçamentárias para o ano de 1910, juros e amortização de empréstimos (28:800\$000 réis), subvenções à Santa Casa de Misericórdia (6:125\$000 réis) e à Escola Normal (1:600\$000 réis), totalizavam um gasto de 32:525\$000 réis, o que representava uma despesa de 45% das receitas arrecadadas para este ano (GAZETA DE MINAS, 5 dez. 1909, p. 2). Logo, com o crescimento das despesas, e uma queda de arrecadação no valor de 15%, quando comparado com os primeiros anos do século XX, a Câmara Municipal, para não endividar ainda mais o município, realizou cortes nos repasses para todos os distritos de Oliveira.

Em Carmo da Mata, mesmo com os consecutivos cortes, o conselho distrital, com os valores repassados promoveu algumas melhorias na sede carmense. Em 1900, por exemplo, tivemos a contratação dos trabalhos de água potável encanada, acontecimento ricamente noticiado, cuja inauguração foi festivamente comemorada com a participação de moradores e políticos do município. Neste mesmo ano de 1900, o presidente do conselho, Sr. Tenente Coronel Laurindo Nogueira, apresentou a indicação de projeto para construção de uma ponte sobre o Ribeirão do Barro Vermelho, ligando Carmo da Mata ao distrito de Passa Tempo (GAZETA DE MINAS, 16 set. 1900, p.2).

Anos mais tarde, o conselho carmense se reuniu para discutir o “tamanho impróprio da estação ferroviária do arraial”. Segundo alegou-se, o prédio era pequeno frente às “necessidades e serviços que ali se realizavam”, posto que não satisfazia o crescimento do movimento comercial e industrial dos setores produtivos de Carmo da Mata. Além disso, durante o período chuvoso, os passageiros ficavam “ao temporal”, tanto os que desembarcavam quanto os que esperavam a partida dos trens. Ainda segundo essas queixas, “não existe cômodos para o agente da estação” e o “armazém também é pequeno” (GAZETA DE MINAS, 25 set. 1904, p.1).

A inauguração de uma estação ferroviária, mais do que facilitar o transporte de pessoas e cargas, carregava aspectos simbólicos de progresso e adiantamento material de uma localidade. Assim, não era por menos zelar por todos os aspectos inerentes à ferrovia, “ícone da civilização” (SILVA, 2012, p. 27). Procurando um maior conforto e estética moderna para os moradores locais e os visitantes que usavam os serviços da EFOM, foi proposto a construção de uma sala de espera, visando o “progresso” que as elites locais aspiravam:

O desenvolvimento que o distrito vai tomando é devido a iniciativa particular, seria, pois, um ato de equidade em vista do embelezamento aos lados da estação, que essa também fosse melhorada com cômodos confortáveis, satisfazendo assim as aspirações de um povo que quer progredir. Bem sabemos que a época é de economias, mas isso não é um desperdício, é uma necessidade (GAZETA DE MINAS, 25 set. 1904, p.1).

O dr. Lassance da Cunha, diretor da companhia, concordou com os pedidos da população no sentido de modernizar a estação ferroviária de Carmo da Mata. A reforma, ampliação e embelezamento do prédio da estação ocorreu mediante parceria

da EFOM e do conselho distrital, ambos financiadores das obras (GAZETA DE MINAS, 25 set. 1904, p.1).

Outra importante melhoria no distrito aconteceu em 1906, quando os moradores sentiram necessidade de um templo que estivesse de acordo com seus anseios para poderem “dignamente louvar ao Senhor”. Para isso, a pedido do reverendíssimo padre Galdino Ferreira Diniz, foi criada uma comissão que se reuniu no dia 13 de abril, na casa do fazendeiro Antônio Notini, com a intenção de deliberar sobre a construção da nova Igreja Matriz dedicada à Nossa Senhora do Carmo. Nessa reunião estavam presentes importantes figuras do distrito tais como: José Antônio Ferreira, Virgílio Silveira, José Martins Borges, Joaquim Afonso Rodrigues, Manoel Jorge de Matos, Olynto Ferreira Diniz, Theodoro Machado da Silva e Francisco Marques de Assis (GAZETA DE MINAS, 13 mai. 1906, p.2).

Foi nomeado presidente da comissão o Coronel Manoel Jorge de Matos, que convidou para a tesouraria os capitães José Antônio Ferreira e Virgílio Silveira. Valendo-se do lema “da união nasce a força” foram designadas pessoas para cuidarem da planta e do orçamento da nova matriz. (GAZETA DE MINAS, 13 mai. 1906, p. 2).

Depois foram levantados os dados sobre as condições econômicas que tornariam possível o empreendimento, restando a comissão deliberar e aprovar ou não as propostas (GAZETA DE MINAS, 13 mai. 1906, p. 2). Após a leitura e aprovação da ata, os fazendeiros lá reunidos e outros moradores da região fizeram doações em dinheiro à causa. Da mesma forma, o conselho distrital deliberou para um auxílio financeiro aos trabalhos da nova Matriz. O periódico *Gazeta de Minas* teceu elogios à iniciativa da comissão construtora:

Dirigindo-se a eles a fim de dar-lhes conhecimento desta resolução que anuíram quase todos ficando subscrito em 30 contos de réis e que veio provar o sentimento religioso deste bom povo que não mede sacrifícios para obter para este lugar uma igreja digna de celebrar os atos religiosos e receber seus filhos (GAZETA DE MINAS, 13 maio 1906, p. 2).

A nova matriz (Figura 12) veio substituir a antiga capela de Nossa Senhora do Carmo, construída pelos primeiros sesmeiros e fazendeiros da região no início do século XIX, na qual se faziam as celebrações trazendo padres da vizinha cidade de Itapecerica (GAZETA DE MINAS, 13 mai. 1906, p. 2).

A igreja teve a planta e execução feitas pelo engenheiro da EFOM, Sr. Manoel Senra Martins, que veio da cidade de Cláudio especialmente para essa função (GAZETA DE MINAS, 13 mai. 1906, p. 2). Apesar da construção do templo ter iniciada em 1906, a obra só foi concluída em 1908 e sua inauguração oficial foi feita em 19 de outubro de 1910 com uma missa solene (NETO, 1954, p.19).

FIGURA 11 – Nova Igreja da Matriz de Carmo da Mata (c. 1920).



Fonte: Álbum particular de Fernando Notini.

A década de 1910 representou um período de importantes intervenções modernizadoras na sede citadina de Carmo da Mata. Neste período os repasses municipais distritais cresceram significativamente, favorecidos pela quitação dos empréstimos, possibilitando novos e mais impactantes melhoramentos da estrutura urbana.

Diferente das retrações de repasses da década anterior, os recursos enviados para o conselho não apenas mantiveram um crescimento anual, como também elevaram Carmo da Mata para a posição de distrito mais importante do município. Tal posição se consolidou em 1912, quando Claudio (nucleação distrital de maior prosperidade econômica) e Passa Tempo (nucleação distrital que neste momento obtinha um grande desenvolvimento econômico com a produção de manteiga) se

desmembraram de Oliveira, conquistando, neste ano, suas emancipações políticas (GAZETA DE MINAS, 9 jun. 1912, p. 1).

Entre os anos de 1913 e 1919, período no qual dispomos de informações mais detalhadas da arrecadação municipal, o imposto de Indústria e Profissões se dinamizou em todas as nucleações distritais, o que é sinal do surto agropecuário que o município experimentou no período, assumindo, Carmo da Mata, a dianteira produtiva. Neste curto período, a arrecadação do imposto supracitado teve, em Carmo da Mata, um crescimento de 96,08%, saltando de 4:585\$000 réis em 1913, para 8:990\$462 réis em 1919. Neste último ano, a diferença de Carmo da Mata para o segundo distrito mais produtivo, São Francisco de Paula, alcançou 46,09%, reforçando ainda mais a importância do distrito carmense para as cadeias produtivas do município (GAZETA DE MINAS, 1 de fevereiro de 1920, p.2).

TABELA 2 – Tabela do imposto de Indústria e Profissões dos distritos de Oliveira

Imposto de Indústria e Profissões	1913	1915	1916	1919
Carmo da Mata	4:585\$000	5:350\$000	5:350\$000	8:990\$462
Japão	4:265\$000	6:035\$000	4:070\$000	5:982\$450
S. Francisco de Paula	4:850\$000	4:720\$000	4:720\$000	6:154\$170
Santana do Jacaré	2:245\$000	2:205\$000	2:270\$000	3:657\$600

Fonte: GAZETA DE MINAS, 5 out. 1913, p. 2; GAZETA DE MINAS, 4 out. 1914, p. 2; GAZETA DE MINAS, 24 out. 1915, p. 2; GAZETA DE MINAS, 1 fev.1920, p. 2.

O surto econômico das áreas rurais teve repercussões em outros níveis da sociedade carmense que impactaram na arrecadação distrital. O crescimento populacional, por exemplo, se desdobrou na necessidade de construir mais imóveis para abrigar os novos moradores, o que gerava mais receitas do imposto Predial, Pena D'água, Transmissão de Propriedades, entre outros. Em agosto de 1917, por exemplo, um correspondente carmense já falava de uma “febre de construções” no distrito, levantando-se “com animação, muitos prédios particulares” (GAZETA DE MINAS, 26 ago. 1917, p. 1). Em 1920, segundo dados oficiais, Carmo da Mata possuía

1.135 imóveis, sendo 1.121 de um pavimento, 9 de dois pavimentos e 5 sem especificação (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 877).

Entre os anos de 1911 e 1919, as receitas totais do distrito tiveram um crescimento de 373,86%, isto é, saltaram de 3:400\$000 réis para 16:111\$406 réis, número que certamente foi ainda maior, visto que em 1919 não se contabilizou a arrecadação do mês de dezembro. O maior salto ocorreu entre 1916 e 1919, ultrapassando 116%. Neste mesmo período o imposto de Indústria e Profissão teve o seu maior aumento, 68,04%.

É justamente neste ano de 1916 que tivemos em Carmo da Mata a instalação das primeiras charqueadas e a inauguração do maior estabelecimento de laticínios do município, explicitando, novamente, as relações entre dinamismo produtivo e arrecadação de impostos.

Se no ano de 1910, Carmo da Mata possuía uma arrecadação menor que o distrito de Japão e empatava com o distrito de São Francisco de Paula (GAZETA DE MINAS, 5 dez. 1909, p.2), em 1919, o distrito carmense já havia assumido a dianteira da arrecadação distrital do município, com um volume de receitas 78,38% maior que Japão e 74,5% maior que São Francisco de Paula (GAZETA DE MINAS, 18 mai. 1919, p.5).

TABELA 3 – Tabela da arrecadação de impostos dos distritos de Oliveira

Arrecadação dos Distritos	1911	1912	1913	1915	1916	1918	1919*
Carmo da Mata	3:400\$000	3:400\$000	6:705\$500	7:372\$500	7:372\$500	13:079\$040	16:111\$406
Cláudio	4:700\$000	4:700\$000	*	*	*	*	*
Japão	3:000\$000	3:000\$000	5:222\$500	7:204\$000	6:510\$500	7:299\$300	9:703\$870
S. Francisco de Paula	1:400\$000	1:400\$000	6:063\$000	6:407\$000	6:407\$000	7:778\$300	9:664\$675
Santana do Jacaré	2:400\$000	2:400\$000	2:995\$000	2:979\$500	3:160\$000	5:039\$750	5:978\$950
Passa Tempo	2:400\$000	2:400\$000	*	*	*	*	*
Arrecadação até novembro de 1919.							

Fonte: GAZETA DE MINAS, 15 jan. 1911, p.2; GAZETA DE MINAS, 3 mar. 1912, p. 2; GAZETA DE MINAS, 5 out. 1913, p. 2; GAZETA DE MINAS, 4 out. 1914, p. 2; GAZETA DE MINAS 24 out. 1915, p.2; GAZETA DE MINAS, 27 abr. 1919, p.4; GAZETA DE MINAS, 18 mai. 1920, p.5.

Não demorou para o setor público de Carmo da Mata, com o progressivo crescimento das receitas, promover ações modernizadoras no distrito. As elites carmenses, tal como as elites de praticamente todos os rincões do Brasil em princípios

do século XX, estavam bastante comprometidas com a edificação de uma nova urbanidade, seja na malha citadina, seja no *modus vivendi*, alinhada com as transformações materiais e simbólicas dos grandes centros brasileiros e europeus (CORRÊA; DIAS, 2020).

Estes novos cenários de uma civilização desejada por grupos abastados, afloravam o imaginário de uma modernidade que emergia, nas palavras de Lilian Schwarcz (2012), “com senhores e senhoras vestidos com a última moda de Pariz, automóveis, edifícios, restaurantes, teatros, lojas variadas e todo o tipo de traquitana adequada a esses novos tempos que pareciam ter pressa” (p. 39).

Já em 1911 iniciou-se a instalação dos serviços de telefonia, cujas linhas, partindo da sede distrital, passavam a percorrer as povoações rurais, atendendo importantes propriedades, a exemplo das “fazendas dos Srs. Olynto Dinis, Joaquim Afonso e José Borges” (GAZETA DE MINAS, 21 mai. 1911, p. 1). Em 1920 a telefonia do distrito carmense estava integrada a todo município de Oliveira, fazendo parte de uma rede que possuía 250 quilômetros de linhas telefônicas e 95 aparelhos (MINAS GERAIS, v. III, 1921, p. 383).

Em 1913, o conselho distrital aprovou três iniciativas na sede carmense. A primeira foi a construção de um novo cemitério, em substituição ao antigo que, nas palavras de um correspondente, “não comporta mais nem um cadáver”. A segunda foi a efetivação do “serviço de calçamento das ruas” da sede citadina, sendo o trabalho, segundo foi noticiado, feito com “todo o capricho”. Já a terceira diz respeito a ampliação dos serviços de abastecimento de água, descritos como insuficientes para as necessidades do distrito, deixando Carmo da Mata, conforme notícias da imprensa, “com o bico na água e morrendo de sede” (GAZETA DE MINAS, 27 jul. 1913, p. 2).

Em 1919, o agente do executivo, no relatório de reuniões da Câmara Municipal de Oliveira, registrou que, em Carmo da Mata, “passou o arraial por uma reforma completa em todas as suas ruas, embelezando-as” (GAZETA DE MINAS, 23 fev. 1919, p. 4).

No final da década de 1910, os serviços de abastecimento de água, com 7 chafarizes públicos e 78 prédios atendidos com água encanada (MINAS GERAIS, v. IV, 1921, p. 17) ainda eram insuficientes, gerando uma série de críticas e solicitações de novas ampliações na imprensa, fato que evidencia o processo de crescimento populacional que demandava maior complexidade dos serviços oferecidos. Em setembro 1920, por exemplo, um jornalista local teceu críticas à irregularidade do

abastecimento de água no distrito: “Água. É preciso o serviço de abastecimento de água nesta localidade. Pouca. Muito pouca, ela não satisfaz a necessidade da população devido a uma irregularidade que bem merece as vistas do zeloso Sr. Presidente da Câmara” (GAZETA DE MINAS, 26 set. 1920, p. 1).

No ano de 1917, o distrito passou a contar com uma “justa e antiga aspiração”, um grupo escolar público que foi, nas palavras de um cronista, “comemorado pela população em festas e vivas” (GAZETA DE MINAS, 27 mai. 1917, p. 2). Segundo as impressões noticiadas, o grupo escolar possuía “vastíssimo edifício com amplas salas para aulas, gabinetes, etc., tudo traçado segundo as exigências da ciência pedagógica, tornando-o uma casa de educação das melhores de Minas Gerais” (GAZETA DE MINAS, 6 out. 1918, p. 1).

Nessa época, o novo colégio, inaugurado na sede carmelitana, nas imediações do Largo do Cruzeiro, oferecia o curso primário para uma turma do sexo masculino, uma turma do sexo feminino e uma turma mista. Em 1920, três professoras atuavam nas três turmas, tendo nelas 215 alunos matriculados, sendo 126 meninos (com uma média de frequência de 61 alunos) e 119 meninas (com uma média de frequência de 62 alunas) (MINAS GERAIS, v. II, 1921, p. 149).

Na esteira dos melhoramentos e construções, em junho de 1918, o conselho distrital aprovou a demolição da antiga estação ferroviária e a construção de um novo prédio (Figura 13), serviço entregue na responsabilidade do industrial Manoel Jorge de Matos. No rastro de assumir o comando da construção do novo prédio ferroviário, Manoel Jorge de Matos, visando o embelezamento daquela parte do distrito, mandou construir um jardim no “elegante chalet”, situado nas imediações da estação.

A derrubada e edificação de um prédio para abrigar o embarque e desembarque de vagões da Estrada de Ferro Oeste de Minas era entendida como “inadiável” pelos agentes públicos locais, em razão do crescimento das importações, exportações e movimento de passageiros. Segundo a imprensa, na planta da nova estação constava armazéns, estação telegráfica, salão de espera, plataforma de 50 metros de extensão e uma residência para o agente:

Foi entregue a construção da nova estação da E. F. Oeste de Minas nesta localidade ao conhecido e competente empreiteiro de várias importantes obras públicas, Sr. Coronel Manoel Jorge de Matos, que terá entrega dela dentro de 4 meses.

A linda estação, cuja planta vimos, constará de armazéns de importação e exportação, agência telegráfica e salão de espera, com uma plataforma de

50 metros de extensão, sendo a residência do agente e pessoal construída em separado.

Parabéns aquela localidade (GAZETA DE MINAS, 2 jun. 1918, p. 1).

FIGURA 12 – Novo prédio da Estação Ferroviária de Carmo da Mata construído em 1918 (c.1920).



Fonte: Coleção particular de Alfeu Sábató. Foto dos anos 1920.

Outro melhoramento que buscou imprimir ares de progresso na sede distrital foi a instalação da energia elétrica. Em 1911, registros de jornais revelam que Carmo da Mata já contava com uma pequena rede elétrica que atendia estabelecimentos industriais nas imediações da estação ferroviária, especialmente beneficiadores de arroz e café (GAZETA DE MINAS, 30 abr. 1911, p. 1).

Por volta de 1918, o serviço foi ampliado para atender a parte cidadina, com a instalação de postes, voltados para o atendimento das vias públicas, além da possibilidade de ligações domiciliares. Embora a imprensa municipal não ofereça detalhes da ampliação da rede e de sua inauguração, sabe-se que Carmo da Mata foi o primeiro distrito de Oliveira a receber iluminação elétrica, tendo, em 1920, 70 combustores públicos e 63 imóveis com ligações domiciliares (MINAS GERAIS, v. IV, 1921, p. 35).

Esse conjunto de melhoramentos urbanos, que se somavam a instalação de empreendimentos industriais ligados, sobretudo, a indústria agropastoril, davam às

elites locais uma percepção de que o pequeno distrito caminhava, a passos largos, para “conquistar os foros de terra adiantada e civilizada”.

Em outubro de 1918, uma reportagem descreve as impressões de um visitante a Carmo da Mata, veiculando-se uma longa matéria na *Gazeta de Minas* com o título “Carmo da Mata progride”, oferecendo um exemplo do entusiasmo com que os grupos abastados acompanhavam as intervenções de cunho modernizador na sede distrital. Segundo foi veiculado:

Visitando este aprazível arraial, pude observar, além de uma população densa, uma topografia excelente, com vistosos e modernos edifícios, disseminados por toda a parte [...].

Descendo a avenida do Largo do Cruzeiro, descortinando sempre um vasto horizonte, pode dizer-se que chega ao bairro industrial com hotel e algumas casas comerciais.

Porém, o que mais se avulta, o que mais se destaca, neste meio é a magnífica fábrica de laticínios dos srs. Barbosa & Cia., conceituadíssimos membros do alto comércio do Rio de Janeiro [...].

Este importante edifício fica fronteiro à nova estação, ainda em construção, mas que em breve será concluída sob o critério do Sr. Coronel Manoel Jorge Matos, ficando um magnífico prédio.

Próximo a fábrica de laticínios fica a importante fábrica de cerâmica do Sr. Coronel Manoel Jorge Matos que, produzindo verdadeiras obras de arte, pode dizer-se que rivaliza com qualquer das nacionais ou estrangeiras.

E, pelo meio destes elegantes edifícios, verdadeiros santuários da atividade e do labor infatigável, quase por entre o jardim do elegante chalet do grande fazendeiro e industrial o Sr. Coronel Manoel Jorge Matos, desliza suavemente, alegremente, a locomotiva da Oeste de Minas (GAZETA DE MINAS, 6 out. 1918, p.1).

Com efeito, em que pese os esforços de agentes políticos e grupos abastados para dotar a cidade de uma imagem moderna e progressista, a exemplo das indústrias, da água encanada, da energia elétrica, do novo prédio da estação, da nova Igreja da Matriz, do novo cemitério, do prédio escolar, da linha telefônica, ou ainda do jardim no “elegante chalet”, elementos característicos do mundo rural continuavam integrando as vivências cotidianas da população carmelitana.

Segundo Lilian Schwarcz (2012), no Brasil, o conceito de modernização combinou-se com o de tradição. No curso de um desejo quase generalizado das elites da hinterlândia nacional em incutir, nas suas estruturas cidadinas, elementos que pudessem servir de prova inequívoca de suas civilidades, para onde que se olhasse ver-se-ia ambiguidades contrastando o novo e o antigo. Nas palavras de Schwarcz(2012) “Se, de um lado, os engenheiros converteram-se em símbolos máximos da modernidade, de outro, práticas e rituais legadas do tempo da escravidão insistiam em dividir os mesmos espaços dessa urbanidade recém-inaugurada” (p. 22).

A presença de animais nas ruas centrais das nucleações brasileiras do período era, nas palavras de Daniel Amaral e Cleber Dias (2017), “uma das coisas que mais explicitamente contrariariam todo o empenho em se criar uma ambiência moderna e civilizada, em conformidade aos centros mais adiantados do país” (p. 247). Ainda que as fontes jornalísticas não ofereçam registros de queixas dessa natureza no distrito de Carmo da Mata, é possível observar outras formas de ambivalência que lá existiam. Falta de água (GAZETA DE MINAS, 8 jun. 1913, p. 2); reclamação para construção de um novo cemitério; necessidade de capina de lotes e ruas; estradas esburacadas (GAZETA DE MINAS, 3 ago. 1913, p.2) ou ainda a demora nos transportes e entregas feitas pela via férrea são alguns exemplos (GAZETA DE MINAS, 25 ago. 1912, p. 1).

O jornal *Gazeta de Minas* publicou diversas queixas da presença de animais soltos no centro da cidade de Oliveira, sempre condenando tais intercorrências como falta de civilidade. Se no centro da maior e mais urbanizada nucleação do município a situação se desdobrou em pedidos constantes de providências por parte dos agentes públicos, em Carmo da Mata e outras nucleações distrais menores, é possível inferir que esta realidade também ocorria.

Em janeiro de 1917, por exemplo, um cronista de Oliveira queixou-se ao agente municipal que diversos moradores do alto da estação sentiam-se prejudicados “em suas hortas e quintais pelas vacas vadias que constantemente vagueiam por ali, contra as disposições das Posturas Municipais” (GAZETA DE MINAS, 14 jan. 1917, p. 1). Um ano antes, mais precisamente em julho de 1916, outra nota foi veiculada na mesma direção:

Na Praça D. Manuelita Chagas e imediações, anda tudo cheio de animais vadios, que assaltam hortas e quintais, não deixando uma planta. São vacas, bezerros, cavalos em tanta quantidade que estão chamando a atenção dos empregados municipais. No começo tanto zelo, para agora ser traduzido por tanto desleixo. E tudo vai bem, como dizia o outro (GAZETA DE MINAS, 30 de julho de 1916, p. 1).

As passagens acima relativizam, em alguma medida, essa expectativa entusiasmada das elites do município de que Carmo da Mata passava por um “assombroso progresso”. Tratava-se, não podemos nos esquecer, de um pequeno distrito, de população rarefeita e residindo, em sua grande maioria, em povoações rurais, dedicando-se, mormente, aos trabalhos na lavoura ou de ordenha.

De outra parte, ainda que de maneira bastante tímida e até mesmo precária, o distrito foi também afetado por iniciativas de cunho modernizador, o que parece ter sido facilitado pelo crescimento e geração de riquezas dos setores rurais. Isto é, em outras palavras, o desenvolvimento das atividades produtivas e laborais das propriedades do campo parecem ter criado as condições financeiras para uma ampliação dos setores industriais e de comércio urbano, bem como de melhoramentos e ofertas de novos serviços públicos do espaço urbano.

No acossamento dos mesmos processos, pequenas transformações na estrutura de oferta e consumo de lazer de Carmo da Mata também se processaram. Conforme veremos no próximo tópico, o setor das diversões do distrito logo também foi afetado por essas transformações. O cinema, o teatro, o bilhar, os cafés, os clubes sociais e até mesmo um clube futebolístico integrado em uma rede de jogos intermunicipais, são alguns exemplos das novas ambições que integravam os desejos das elites carmelitanas por práticas lúdicas que pudessem comprovar a emergência de costumes modernos, progressistas, civilizados e de bom gosto.

2.3 Novas práticas de divertimentos em Carmo da Mata

No dia 28 de setembro de 1904, foi realizado, na Fazenda dos Alpes, o consórcio de D. Anna Diniz Linhares e Sr. José Martins Borges. O ato civil foi seguido pelo religioso, com celebração do padre Galdino Ferreira Diniz, tendo como testemunhas o Sr. Capitão Antero Ferreira de Aguiar e o Coronel Manoel Jorge de Matos. Terminado o casamento, foi servido um lauto banquete, “num salão vasto e ornamentado”, para mais de 100 pessoas. O padre fez um “brilhante” discurso, enaltecendo as virtudes dos noivos. O Coronel Matos discursou sobre o casamento e brindou aos noivos. No dia seguinte, foi servida uma profusa mesa de almoço que, nas palavras de um correspondente carmelitano, “agradou a todos convidados” (GAZETA DE MINAS, 2 out. 1904, p.3).

Na primeira semana de maio de 1910, por ocasião dos festejos do Mês de Maria, a sede do distrito de Carmo da Mata recebeu a visita de missionários redentoristas, que foram recebidos com festa e entusiasmo pela população local. Durante a estada dos religiosos, foram ouvidas 2515 confissões. Além disso, os religiosos deram instruções da fé católica a meninos e meninas de todo povoado.

Organizaram-se procissões com imagens e estandartes, saindo das escolas até a Matriz, onde celebrou-se missa solene, com acompanhamento da banda Euterpe Carmelitana, ao final das celebrações foram servidos comidas e bebidas (GAZETA DE MINAS, 1 mai. 1910, p.2).

Na semana seguinte foi a vez da comunhão das “donzelas”. No primeiro ato organizou-se um “sermão eloquente” proferido pelo ilustre padre Bernardo. O segundo e último ato foi dedicado à comunhão da população em geral. Calcula-se que participaram das celebrações um total de 5 mil pessoas. Terminando a missão redentorista, no dia 22, com a bênção papal, os religiosos seguiram para Arraial Novo, deixando, segundo noticiou-se, “grandes impressões na população carmense” que despediu dos religiosos com fogos e banda de música (GAZETA DE MINAS, 15 mai. 1910, p.2).

Já em 1912, foi realizada uma cerimônia cívica em homenagem à memória do Barão de Rio Branco, evento patrocinado pelo Coronel Manoel Jorge de Matos. Inicialmente organizou-se uma missa “pelo descanso eterno” do Barão, evento que contou com um público calculado em “500 pessoas”. A missa foi celebrada pelo padre Galdino, que após ler o evangelho, fez a necrologia do “grande morto” como “brasileiro patriota e modelar cuja memória viverá eternamente no coração dos brasileiros”. Após os discursos, acompanhados de uma celebração religiosa, a “banda de música de Carmo da Mata” apresentou-se no Largo da Matriz, sendo o evento finalizado com “lindo espetáculo pirotécnico” (GAZETA DE MINAS, 25 fev. 1912, p.2).

Os exemplos acima se prestam a evidenciar o papel destacado das festas cívicas, domiciliares e religiosas para a efetivação dos divertimentos da população de Carmo da Mata. Tal como observado no final do século XIX, essas festas tradicionais, regadas a comidas, bebidas, músicas e danças, em comemorações concorridas e que se estendiam pela noite, permaneceram, nas duas primeiras décadas do novo século, agitando, de maneira especial, as sociabilidades públicas e privadas do distrito carmelitano.

Outro hábito que também permaneceu foi a presença de moradores distritais em tabernas e botequins, tal como ocorria no final do século XIX. Nestes ambientes eram consumidas bebidas alcóolicas, muitas vezes acompanhadas de música e jogos de azar. O alcoolismo e a jogatina, embora com presença tímida nos periódicos regionais, quando eram noticiadas, eram associadas as camadas populares. Os Processos-crimes analisados ao longo desta pesquisa, nos mostram que muitos

abusos ocorriam no distrito em decorrência do exagero de consumo de álcool nos estabelecimentos que comercializavam bebidas e comidas.

Em 1905, por exemplo, David Mattar foi denunciado por ter roubado a “casa de negócios” de Elias Paschoal e David Pedro Ferreira. Segundo os ofendidos, os envolvidos estavam jogando cartas no estabelecimento quando chegou um freguês e foram atendê-lo. O acusado, então, aproveitando-se da distração, adentrou uma sala contígua, arrombou um baú onde sabia que guardavam dinheiro e furtou 3:000\$000 (réis). Não houve provas o suficiente e o réu foi absolvido em julgamento pelo júri de sentença (AHCRM, Loc. 55, 1905, p. 206).

Anos mais tarde, isto é, em abril de 1907, Joaquim Pereira do Nascimento teria saído em perseguição de sua sogra, quando foi impedido por Pedro Rosa de Lima, seu cunhado, tendo entrado com este em luta corporal. Neste interím de luta, Pedro Rosa de Lima foi agredido por Joaquim Pereira com uma baioneta e uma mão-de-pilão. Joaquim encontrava-se embriagado, tendo frequentado antes uma das vendas do distrito, e foi posto em liberdade por falta de provas (AHCRM, Loc. 59, 1907, p.54).

Já na noite de 26 de outubro de 1912, em decorrência do consumo exagerado de álcool na taberna de Onofre Ribeiro de Castro, o senhor Romualdo Luiz Ferreira discutiu com João Gonçalves da Silva e Antônio Gonçalves da Silveira. A contenda se deu devido a um jogo em que participavam. João e Antônio discutiram e ofenderam a Romualdo que se retirou do local, mas foi seguido por João Gonçalves que lhe deu um tiro de garrucha. Antônio também desferiu pauladas no ofendido. O caso foi apresentado à justiça e acabou com a absolvição dos envolvidos pelo júri (AHCRM, Loc. 69, 1912, p. 170).

A vigilância e repressão se faziam presentes nos ambientes onde funcionavam os estabelecimentos encarregados de vender bebidas alcoólicas aos moradores das áreas citadinas e rurais do distrito. Conforme nos revela Carolina Bibbó (2017), ao falar dos botequins em Ouro Preto do final do século XIX, esses espaços constantemente estavam associados à embriaguez, prostituição e prática de jogos ilícitos, imagens que consubstanciavam o interesse dos grupos abastados de condenar sociabilidades lúdicas entendidas como imorais e incivilizadas. Nas palavras da pesquisadora:

Jogos e embriaguez estavam, na maioria das vezes, associados uns aos outros e eram praticados em locais de comercialização e consumo de bebidas alcoólicas, especialmente botequins, podendo causar desordens e situações

de insegurança para os frequentadores desses locais e para a vizinhança (p. 64).

No caso de Carmo da Mata, segundo relatos da época, jogatinas eram reprimidas com apoio do destacamento policial, de modo a “extinguir o terrível jogo do bicho cujo vírus contamina as classes pobres, prejudica o comércio, alastra a miséria a muitos que dominados pelo vício, sacrificam seus recursos” (GAZETA DE MINAS, 17 de setembro de 1911, p.1). Em 1911, por exemplo, o subdelegado João Vitorino dos Santos, promoveu uma fiscalização nas vendas e botequins de Carmo da Mata, medida que, segundo a imprensa municipal, foi elogiada pela “boa sociedade carmelitana” (GAZETA DE MINAS, 17 de setembro de 1911, p.1).

Para além dessas diversões mais tradicionais, restrita às festas públicas e domiciliares, batuques e botequins, grupos das elites de Carmo da Mata tentaram introduzir práticas de lazer mais modernas e que estivessem associadas a um ideal de bom gosto e refinamento comportamental. No contexto da ampliação das receitas dos setores rurais, cujos impactos se materializaram no crescimento demográfico, da mão de obra assalariada, da melhor estruturação do comércio citadino e de melhoramentos modernizadores na sede distrital, grupos abastados se empenharam, com algum afinco, na promoção de novos hábitos cotidianos.

Nessa direção, a organização de clubes sociais, teatrais e esportivos parece ter sido um recurso importante. Em julho de 1910, por exemplo, foi realizada uma reunião na casa do Sr. Joaquim Ferreira Mendes Quinzote, com a presença de “moços e cavalheiros da melhor sociedade carmense” para criação do *Carmense Club*, associação idealizada para oferecer “diversões lícitas”, ou seja, atividades lúdicas entendidas como civilizadas e em conformidade com uma nova escala de valores. De acordo com a deliberação de seus membros:

Procedendo-se a eleição da primeira diretoria do Clube, foi escolhido os srs. Waldemar Fernal, importante farmacêutico da região, para presidente foi escolhido Notini Júnior, Fazendeiro e empresário, para vice-presidente Ribeiro da Luz, primeiro secretário Júlio Ribeiro, segundo secretário José Antônio Ferreira e tesoureiro foi escolhido o bibliotecário Antônio Dias Bicalho. O diretor, após tomar posse, chamou os secretários para tomarem posse dos cargos, nomeando comissões para elaborar os regimentos internos do clube (GAZETA DE MINAS, 31 jul. 1910, p.2).

O clube prometia, como atração principal, a organização de saraus dançantes, tendo organizado sua sede, segundo informações de memorialistas, no sobrado de um dos seus sócios, instalado no Largo da Matriz (Figura 14). Para a promoção da música durante as danças, escolheu-se como maestro musical, oficialmente nomeado pelo presidente do clube, o Sr. Luiz Dias Bicalho. Ao fim dos discursos, foi lavrada uma ata assinada por todos os participantes, considerados fundadores. Organizou-se, depois da reunião, uma visita de alguns sócios ao palacete dos irmãos Bicalho, iniciadores da criação do novo clube, sendo ali recebidos gentilmente e servido a todos um profuso copo de cerveja (GAZETA DE MINAS, 31 jul. 1910, p. 2).

Figura 13 – Largo da Matriz de Carmo da Mata, c. 1910-1920. O primeiro sobrado, na parte esquerda da imagem, serviu como sede do *Club Carmense*.



Fonte: Álbum particular do Sr. Alfeu Sábado.

Em 1912, outro clube foi inaugurado em Carmo da Mata. Tratava-se, mais precisamente, do *Club Dramático Carmense*, cujos sócios pretendiam oferecer, ao público do distrito, recitais dramáticos. A estreia do novo clube ocorreu no final do mês de agosto, como culminância das festividades religiosas que se realizavam naquele momento.

Para sua primeira exibição pública, artistas amadores do lugar, a exemplo de Naná Teixeira, Zizita Silveira, Manoel Pacheco de Miranda, Antônio Bicalho, Isaltino

Teixeira, João Correia, Jayme Bicalho e Francisco Machado, apresentaram o drama “A órfã de Goyaz”, tendo, nas palavras de um cronista anônimo, “desempenhado muito bem seus papéis” (GAZETA DE MINAS, 25 ago. 1912, p.1).

Após repercussão positiva da representação inaugural, o corpo amador do *Club Dramático Carmense* se organizou para mais uma apresentação. Dessa vez foi levada ao palco a peça teatral intitulada “Apotheose a Santos Dumont”, que contou, segundo foi noticiado, “com grande efeito cênico”. Em razão da boa concorrência e do “sucesso” alcançado, fontes impressas revelam que o público carmelitano pediu uma reprise do espetáculo, o que foi aceito pelo clube, incluindo, ainda, na sessão de reprise, a “chistosa” cançoneta “Os meus pecados”, cantada com “todo esmero” pelos amadores Raul Diniz e Zica Machado.

A finalização da primeira temporada artística recebeu o reconhecimento do público e da imprensa municipal:

É escusado acrescentar que os atores amadores foram alvos de aclamações da plateia, dignos como são dos aplausos pelo melhoramento social, que à custa de visíveis sacrifícios, prestam a esta localidade proporcionando-lhe úteis e agradabilíssimas diversões (GAZETA DE MINAS, 25 ago. 1912, p.1).

As apresentações do *Club Dramático Carmense* aconteceram nas dependências do Cinema Progresso (Figura 15), casa de projeções fílmicas inaugurada, nas imediações do largo da Matriz de Carmo da Mata, em maio de 1911, por iniciativa dos empresários Notini & Ferreira, “conhecidos fazendeiros e empresários do distrito”. Segundo informações de um correspondente local, tratava-se de um prédio “sólido de tijolos e telhas” na rua do Cruzeiro, com salas “ótimas para diversões”:

Ao entrar no primeiro compartimento que é a bilheteria, vê-se a esquerda uma confortável sala de bilhar, bem aparelhada e com funcionamento regular. À esquerda, um compartimento adequado para a venda de café, confeitos, quitandas, bebidas etc. Tendo ambas entradas internas e externas. Em frente, penetrando-se pela entrada central e única, encontra-se o grande e vasto salão do cinematógrafo com espaço suficiente para 500 pessoas no seu recinto, sendo as cadeiras colocadas ao centro rodeadas por grades, ao lado, arquibancadas, na frente a tela onde é reproduzido o efeito desejado e maravilhado e ao fundo do mesmo salão, por cima da porta de entrada um seguro e vistoso biombo em que se acha colocado um magnífico aparelho Siemens Schuckert Werke com excelente projeção, movido por força elétrica (GAZETA DE MINAS, 7 mai. 1911, p.1).

Figura 14 – Prédio do Cinema Progresso inaugurado, na sede carmense, em maio de 1911 (c. 1920).



Fonte: NETO, Silveira. Álbum de Carmo da Mata, 1954, p.15⁸.

A partir dos primeiros anos do século XX, a imprensa de Oliveira passou a noticiar a visita de artistas ou empresas ambulantes que ofereciam exibições de cinema, registros que também podem ser encontrados em obras de memorialistas de cidades vizinhas (Cf. AZEVEDO; AZEVEDO, 1988). Em abril de 1903, por exemplo, o Sr. Carlos Leal ofereceu na cidade de Oliveira quatro funções com o seu animatógrafo (GAZETA DE MINAS, 30 ago. 1903, p. 1).

⁸ A foto história dos anos 20 está no Livro Álbum de Carmo da Mata, de 1954.

Em maio de 1906, o proprietário da Companhia de Cavalinhos de Pau e Barquinhos, o Sr. Antenor de Sousa, exibiu seu animatógrafo no salão baixo da Câmara Municipal de Oliveira e no sobrado do Largo da Matriz do antigo distrito do Espírito Santo do Itapecerica (atual cidade de Divinópolis) (GAZETA DE MINAS, 20 mai. 1906, p. 1).

Por fim, já em 1909, a cidade de Oliveira recebeu, em dois momentos diferentes, a visita da Empresa Faleiros & Companhia, que projetou um “repertório de fitas novas e apreciadas”, segundo notícia no jornal *Gazeta de Minas* (GAZETA DE MINAS, 8 abr. 1909, p. 2).

É possível inferir, através das fontes, que alguns exibidores que excursionaram pela região do Oeste mineiro nessa época tenham visitado a sede carmense, posto que o distrito possuía uma Estação Ferroviária, que era parada obrigatória de quem, saindo de São João del-Rei e Oliveira, pretendia acessar pontos importantes dessa Zona, a exemplo de Claudio (por meio da Estação de Gonçalves Ferreira), Itapecerica e Espírito Santo do Itapecerica. Nesses termos, não seria exagero inferir que Carmo da Mata estivesse no itinerário de empresários que ofereciam espetáculos de cinema itinerante nessa época e que possivelmente pode ter sediado algumas dessas exposições já que o negócio destes grupos ambulantes caracterizava-se, desde o quartel final do século XIX, “pelas tentativas de excursionar por um circuito mais ou menos amplo de cidades, explorando comercialmente a oferta dessas atividades para o maior número possível de consumidores” (AMARAL; DIAS; ANÍSIO, 2022).

Segundo registros de memorialistas, a primeira exibição fílmica no distrito ocorreu no ano de 1909, por meio do empenho do empresário Sr. Antônio Notini Júnior, que se valendo da geração de energia elétrica usada para movimentar mecanismos de beneficiamento de arroz, próximo à estação ferroviária, improvisou uma projeção cinematográfica em um dos prédios existentes na Praça do Cruzeiro (MEMÓRIA CARMENSE, 2009, p.16). Esta exibição, improvisada, aconteceu no contexto das exposições ambulantes.

Estes relatos vão de encontro com as afirmações de Souza (2004) que, ao analisar os primórdios do cinema brasileiro, especialmente das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, observou processos de proliferação de salas fixas de cinema em capitais e regiões do interior do Brasil a partir de 1907. Na cidade de Oliveira, por exemplo, o Cinema Oliveirense foi inaugurado em 1909 (GAZETA DE MINAS, 19 dez. 1909, p.1). Na cidade de Claudio, o Cinema Arts el Labor foi inaugurada em 1911

(GAZETA DE MINAS, 20 ago. 1911, p.1). Já na cidade de Pará de Minas (localidade adjacente), a título de último exemplo, o Cinema Paraense foi inaugurado, também, em 1911 (JORNAL CIDADE DO PARÁ, 3 set. 1911, p. 2).

A inauguração do primeiro cinema permanente de Carmo da Mata quebrou a dependência das companhias ambulantes para a oferta de diversões entendidas pelos grupos abastados locais como mais sofisticados. Tais companhias, sobremaneira de circos, continuaram oferecendo suas atrações para a sociedade carmelitana, a exemplo do Circo-Teatro Paulistano que, no mês final de 1913, apresentou alguns espetáculos na sede distrital, tomando, depois, rumo desconhecido (GAZETA DE MINAS, 14 dez. 1913, p.1).

De outra parte, a nova casa de espetáculos criava uma estrutura que permitia uma fruição regular de diversões modernas que dialogava com as ambições simbólicas de sofisticação comportamental preconizadas pelas elites letradas. O próprio nome do cinema (Progresso), já denunciava essas pretensões de sofisticação.

A energia fornecida ao cinematógrafo e a iluminação interior da sala de exibição que “nada tem a desejar porquanto é uma luz claríssima” vinham do engenho da Cooperativa Agrícola, onde funcionava um poderoso motor Siemens Schukert Werke de 12 cavalos, um dínamo de força de 6 cavalos e um telefone, sendo todos os aparelhos ligados por fios com uma extensão de 750 metros do engenho até o “estabelecimento de distrações agradáveis” (GAZETA DE MINAS, 7 mai. 1911, p.1).

O recém-inaugurado cinema se insere nas transformações materiais processadas na sede distrital, financiadas, em grande medida, pelos recursos fornecidos pela produção agropecuária. O aumento do contingente populacional e de mão de obra assalariada nos empreendimentos rurais criava um ambiente favorável para investimentos nos setores de entretenimento urbano (AMARAL, 2020).

Com capacidade suficiente, segundo fontes jornalísticas, para “500 pessoas no seu recinto” (GAZETA DE MINAS, 7 mai. 1911, p.1), o Cinema Progresso era constituído de dois setores, com ingressos apresentando valores diferentes: cadeiras centrais (1000 réis) e arquibancadas (500 réis). Essa divisão, com ingressos 50% mais baratos para arquibancadas, revelam a possibilidade de trabalhadores rurais adquirirem bilhetes para fruírem experiências de exibições cinematográficas.

Essas diferenças de valores são abordadas em divertimentos de outras localidades. Os pesquisadores Flávia Santos e Vitor Melo (2014), por exemplo, no artigo sobre espetáculos de touradas na cidade de São Paulo, no final do século XIX,

apontam também para valores distintos dos ingressos cobrados na capital paulista (2\$000 réis e 1\$000 réis). Tais valores seriam “similares as de outras diversões públicas” (p.61).

Registros de jornais revelam a grande participação do público nas exposições cinematográficas. Em maio de 1911, por exemplo, um correspondente carmelitano registrou a necessidade de “suspensão da venda de ingressos” da sessão realizada no dia 3, dado a lotação máxima das arquibancadas e cadeiras centrais (GAZETA DE MINAS, 7 mai. 1911, p.1). Nessa época, segundo registros de memorialistas, os filmes eram acompanhados por uma orquestra denominada Orquestra Cesário Rios, liderada por um empreendedor da sede distrital (MEMÓRIA CARMENSE, ano X, n. 22, 2012, p. 17).

Os trabalhadores rurais, maioria da mão de obra da região naquela época, ganhavam, em média, semanalmente, entre 16\$100 réis e 30\$100 réis, tomando como parâmetro a profissão de menor remuneração (tirador de leite) e de maior remuneração (arador) (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 243).

Em Carmo da Mata, especificamente, o ganho salarial semanal de um trabalhador rural girava em torno de 14\$000 réis (com alimentação) e 21\$000 réis (sem alimentação) (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 243). O ganho de tais valores nos permite inferir que o gasto com a compra de ingressos para o cinema representava, dependendo do local de assento, entre 4,76% e 7,14% dos rendimentos recebidos, ou seja, um hábito que poderia ser sustentado pelos trabalhadores rurais.

Para uma melhor comparação, alguns itens básicos da alimentação poderiam ser comprados pelos seguintes valores: uma dúzia de ovos (\$600 réis), um frango (\$800 réis), um quilo de carne de porco (1\$200 réis), um quilo de carne seca (1\$400 réis), um quilo de café (1\$000 réis), um quilo de arroz (\$730 réis), um quilo de feijão (\$166 réis), um quilo de milho (\$145 réis) e um quilo de fubá (\$135) (GAZETA DE MINAS, 19 jan. 1919, p. 4). Levando em consideração o menor dos salários do município, durante o período de uma semana, isto é, 14\$000 réis, poder-se inferir que o valor de 500 réis, correspondente ao ingresso das arquibancadas do cinema, parecia ser, em alguma medida, suficiente para uma conciliação entre o novo divertimento e as compras de itens básicos de alimentação da época.

Buscando ampliar as possibilidades de ganhos financeiros, os empresários do cinema, os srs. Notini e Ferreira atuaram, em duas frentes, para ampliação do repertório de diversões no interior do prédio. Na primeira frente, instalou-se um salão

com a oferta de comidas, bebidas e bilhar. Já na segunda frente, o palco do cinema foi adaptado para receber, além das projeções, artistas itinerantes e grupos de amadores locais, como foi, por exemplo, os espetáculos do *Club Dramático Carmense* em maio de 1911.

O repertório de projeções fílmicas, segundo fontes memorialísticas, era, em sua maior parte, de títulos americanos e franceses, sobremaneira com temas religiosos (MEMÓRIA CARMENSE, ano X, n. 22, 2012, p. 17). Essas exhibições ocorriam nos finais de semana, dias santos e feriados cívicos, não sem razão, conforme foi discutido no capítulo 1, quando o contingente de moradores citadinos era grandemente acrescido pelos moradores e trabalhadores das povoações, principalmente nas imediações do Largo da Matriz.

Em outubro de 1912, por exemplo, os festejos de Nossa Senhora do Carmo e de São Sebastião contaram com missa solene cantada e apresentação da orquestra da vizinha cidade de Itapeceira, que honrou, nas palavras de um cronista anônimo, “a tradição de sua terra que passa por grande cultura da arte angelical”. Integrando as festividades religiosas, organizaram-se, no Cinema Progresso, projeções de filmes e encenações teatrais de um grupo de “moços inteligentes e amigos do progresso local”. Foi representado nas noites dos dias 7 e 8 o drama “Um erro judicial” e a comédia “Quincas Teixeira” (GAZETA DE MINAS, 13 out. 1912, p.1).

A reportagem local, fazendo eco aos moradores que prestigiaram as apresentações dos amadores carmenses não poupou elogios aos atores:

Esses moços souberam desempenhar-se com inteligência e perfeita compreensão da sua tarefa, dando um tom alegre às festividades e contribuindo para que elas fossem ainda mais aplaudidas. Manda toda via a justiça que destaquemos, no drama, Manuel Miranda como galã, Antônio Bicalho atuando como cínico, Jayme Bicalho ao centro, e a senhorita Zizita Silveira que compenetrrou bem seu papel, procurando imprimir-lhe vida e expressão (GAZETA DE MINAS, 13 out. 1912, p.1).

No ano de 1917, os Sr. Capitão José Antônio Ferreira, Coronel Joaquim Afonso Rodrigues e Antônio Notini Junior, este último um dos sócios da empresa do cinema, edificaram, na sede distrital, outra casa de diversões. Segundo registros de jornais, tratava-se de um prédio de teatro “elegante e espaçoso”, com capacidade para “700 pessoas”, tendo sido adaptado para “todos os gêneros de diversão”. Não encontramos registros históricos de eventos que tenham ocorrido neste teatro. Sabe-se, apenas,

que os proprietários do prédio teatral tinham como principal interesse a oferta de encenações dramáticas organizadas por amadores locais (GAZETA DE MINAS, 26 out. 1917, p.1).

Outra novidade “moderna” introduzida no distrito foi o esporte. Segundo Marilita Rodrigues (2006), a virada para o século XX foi um período marcado pela valorização da saúde, da limpeza e da beleza. “Exigências morais, higiênicas e estéticas imperiosas se impunham diante da necessidade de ser e de parecer moderno” (p. 99). Dessa forma, além dos cuidados com o saneamento das sedes cidadinas, o cuidado com o corpo passou a ocupar as preocupações dos grupos abastados, que usavam das práticas de atividades atléticas como forma de distinção social. Ainda segundo essa pesquisadora, a organização e fruição esportiva foi valorizada como forma de adaptar corpos e mentes aos processos modernizadores em curso naquele momento.

Nessa direção, na esteira da criação do *Club Carmense* e do *Club Dramático Carmense*, membros da elite local organizaram, no final de 1919, o *Estrela do Oeste Foot-Ball Club* (Figura 16). Sua primeira partida oficial ocorreu em dezembro, quando o *São Bento Foot-Ball Club*, da vizinha cidade de Itapeçerica, por ocasião do seu primeiro aniversário, promoveu uma festa esportiva, convidando os sócios do clube futebolístico de Carmo da Mata para uma partida amistosa, tendo se notado, nas palavras de um correspondente local “extraordinário entusiasmo” (GAZETA DE MINAS, 7 dez. 1919, p. 3).

Daniel Amaral e Euclides Couto (2019), em estudo recente sobre a história do futebol no Oeste mineiro, argumentam que a difusão clubística deste esporte pela região teve como fator imperioso a constituição de uma espécie de “circuito futebolístico regional”, onde, membros proeminentes buscavam, com a promoção de jogos intermunicipais, redes de sociabilidades e de cooperação política entre sócios dos clubes e localidades envolvidas com o esporte. Como parte de um universo refinado, que reunia as altas rodas do interior mineiro, “fogos, bandas de música, hospedagem em hotéis, bailes e outras festividades” eram alguns dos cerimoniais que transformavam “encontros esportivos em eventos sociais de destaque” (AMARAL, 2017).

Figura 15 – *Estrela do Oeste Foot-Ball Club* (anos mais tarde chamado de *Associação Carmense de Esportes*), c. 1920.



Fonte: A NOTÍCIA, Carmo da Mata, ano II, 14 de dezembro de 2022.

É no contexto de busca de inserção entre os “refinados” clubes presentes em tal circuito, que grupos da elite de Carmo da Mata institucionalizaram o futebol por meio de um clube, realizando sua partida inaugural na vizinha cidade de Itapeçerica.

Em fevereiro de 1920, isto é, dois meses após o encontro contra o clube São Bento, a comitiva do *Sport Club Comercial*, da cidade de Oliveira, convidou o clube carmense para um *match* amistoso no campo do antigo Hipódromo municipal. Um cronista da imprensa de Oliveira, ao publicar o anúncio da partida, registrou que “o formidável prélio sportivo será, por certo, emocionante e cheio de peripécias sensacionais, dada a grande animação que reina nos arraiais deportivos dos foot-balers patrícios” (GAZETA DE MINAS, 8 fev. 1920, p. 2).

Os “players” de Carmo da Mata foram recepcionados na estação ferroviária da cidade de Oliveira pelos sócios do *Sport Club Comercial* com fogos e banda de música. Apesar do tempo chuvoso, que não permitiu que a “pugna” alcançasse o sucesso esperado, registros de imprensa disseram ter sido “um dos melhores jogos de foot-ball que temos assistido em Oliveira”. Nas palavras do cronista que cobriu o evento:

[...] excepcional número de torcidas afluiu ao campo do extinto hipódromo para excitar os nossos players para a almejada conquista da vitória, que finalmente prendeu para o Sport Club Comercial por um score de 2 x 0. Assim terminou a grande prova sempre animada e cheia de cordialidade entre os moços do Sport Club comercial e Estrela do Oeste Foot-Ball Club (GAZETA DE MINAS, 15 fev. 1920, p.2).

Após as disputas nas cidades de Itapeçerica e Oliveira, os “foot-balers” de Carmo de Mata se organizaram para a construção de uma praça de esportes que pudesse oferecer condições para a comitiva local receber os seletos sócios dos clubes das localidades vizinhas. Registros de memorialistas dão conta que o estádio foi construído, “em estilo inglês”, por iniciativa do Coronel Manoel Jorge de Matos, que acabou tendo, em homenagem pela iniciativa, seu nome como batismo do estádio. O campo do clube carmense era “cercado de muros, com arquibancadas cobertas, vestiários para o time local e visitantes, além de um portão monumental com bilheterias ao lado” (Figura 18) (A NOTÍCIA, 2022, p.4)

FIGURA 16 – Estádio do Estrela do Oeste Foot-Ball Club, c. 1920.



Fonte: A NOTÍCIA, Carmo da Mata, ano II, 14 de dezembro de 2022.

Diferente dos jogos intermunicipais promovidos pelas altas rodas do interior mineiro, o “foot-ball” logo foi apropriado por grupos populares, que passaram a promover disputas no Largo da Matriz de Carmo da Mata. Tal processo já era observado na cidade de Oliveira, ensejando vigilância e até intervenção das autoridades policiais para dispersar os praticantes. Segundo Daniel Amaral e Euclides de Freitas (2018, p.6), o jogo praticado por populares nas ruas e praças de Oliveira, era entendido como causador de vários inconvenientes, passando a ser ressignificado pelos cronistas como um costume que deveria ser “banido”. Segundo uma dessas notas:

Precisamos acabar com o foot ball nas ruas da cidade. Neste jornal temos reclamado por muitas vezes contra os maus costumes da garotada. Andam por aí jogando pedras, trepando em arvores e agora mais o foot ball nas ruas, trazendo ao transeunte o pesadelo de, seja qual for o ponto a que se dirija, a possibilidade de levar uma bolada em qualquer parte do corpo. Mas qual, isto aqui é perdido; por mais que se reclame, a cousa em vez de minorar parece que recrudesce ainda mais. [...] Muitas pessoas, tanto senhoras como homens, se nos tem queixado contra as diversões do foot ball nas ruas. A mulecada irreverente não olha quem passa; seja quem for continua sem o menor receio de atirar-lhe com a bola nas costas ou nariz (GAZETA DE MINAS, 3 set. 1916, p. 1).

Em Carmo da Mata, de maneira semelhante, a ampliação social do novo esporte, também provocou um olhar mais atento dos setores policiais. Em setembro de 1919, por exemplo, a delegacia do distrito recebeu denúncias de homens jogando futebol no Largo da Matriz. Não demorou para o delegado Olinto Limberty enviar um destacamento policial com ordens para dispersar os jogadores e fazer apreensão das bolas. Conforme registros da justiça, ao anoitecer, Ulisses José, Sezário da Silva e Carlos Sartório foram à casa do subdelegado na tentativa de reaver a bola tomada. A mesma foi devolvida e, por este motivo, os três saíram comemorando e dando “vivas ao foot-ball” (AHCRM, Loc. 89, 1919, p. 20).

Desfiles e bailes carnavalescos também integraram o repertório de diversões modernas em Carmo da Mata. Ao longo do século XIX, promoviam-se no município os tradicionais festejos do entrudo, diversão que, em Minas Gerais, caracterizou-se pelo combate com brincadeiras molhadas, entre homens e mulheres, utilizando águas, limões de cheiro, entre outros. Tal divertimento, no contexto dos processos modernizadores, passou a ser ressignificado pelas elites letradas como, nas palavras de Bibbó (2017), um divertimento “desregrado, incivilizado, desordeiro e até violento” (p. 76). Na cidade de Oliveira, um cronista local, ao descrever o carnaval de 1890, de

uma parte revelou a presença dessas brincadeiras molhadas no cotidiano municipal. Segundo foi registrado “alguns limões de cheiro sem cheiro, muitas canecas e cuias d’água e meninos malcriados” (GAZETA DE MINAS, 23 fev. 1890, p. 1).

Na década de 1910, o tradicional entrudo aos poucos foi substituído pelo “moderno” carnaval de desfiles de carros alegóricos e bailes de mascarados. Segundo registros de memorialistas, após os desfiles, realizavam-se diversos bailes em casas particulares e no espaço do Cinema progresso. Estes eventos contavam com pessoas fantasiadas, cardápios abundantes e bebidas.

A animação musical ficava por conta das bandas locais, a exemplo da Euterpe Carmense e da Orquestra Cesário Rios, esta última, muito prestigiado por tocar com sua orquestra em exposições fílmicas. “As festas adentravam a noite e eram utilizadas serpentinas e lança-perfume (MEMÓRIA CARMENSE, 2008, p.14).

Apesar do seu caráter civilizado e progressista, reportagens da época confirmam a participação de grupos populares nos festejos do “novo carnaval”. Essa confirmação se fazia mediante denúncias veiculadas na imprensa relatando confusões, brigas e tragédias. No carnaval de 1919, por exemplo, um correspondente de Carmo da Mata registrou a ocorrência de um homicídio envolvendo um “negro tenebroso” e um “pedreiro” durante os festejos:

O primeiro dia carnal no “próspero arraial” de Carmo da mata foi abalado por um crime estúpido, perpetrado por uma fera sanguinária, já notabilizada nos anais dos crimes da comarca. O facínora, José Rodrigues, alcunhado de “José Bedejo”, negro tenebroso, espantalho da população ordeira de Carmo da Mata, prostrou sem vida com facada certa no coração um laborioso pedreiro, Olympio Moisés, por um pretexto futilíssimo. Narrou o delinquente com revoltante cinismo que cometeu homicídio depois que a vítima praticou “capoeiragem” contra sua mulher. Depois de ter feito o ato, evadiu-se do local, apresentando-se na segunda feira as autoridades policiais (GAZETA DE MINAS, 9 mar. 1919, p.1).

A inauguração de um cinema, de um teatro, de clubes esportivos, sociais e teatrais ou os festejos do novo carnaval proporcionaram uma maior dinâmica cultural na sede distrital. Carmo da Mata testemunhou, ainda que de forma precária e inconstante, o nascimento de um mercado das diversões e de organizações de cunho associativo com a intenção de agitar as sociabilidades lúdicas entendidas, pelos grupos letrados, como mais modernas, sofisticadas e de bom gosto. Mesmo que se tratasse de um pequeno distrito, quase todo voltado para a produção e o comércio de gêneros rurais, com uma população rarefeita e em grande parte residindo e

trabalhando em povoações, é surpreendente diagnosticar um impulso de setores das diversões urbanas na direção de clubes e estabelecimentos comerciais.

Os melhoramentos urbanos e a pequena ampliação e diversificação das oportunidades de lazer no distrito parecem guardar relações estreitas com o processo de expansão dos setores agropecuários. A dinamização produtiva, acompanhada do crescimento da disponibilidade de mão de obra assalariada possibilitaram, de uma parte, crescimento das receitas, que depois foram usadas para a aquisição de elementos modernizadores na estrutura física da parte citadina de Carmo da Mata, e de outra, uma maior circulação de fazendeiros e trabalhadores rurais, com disponibilidade de recursos em dinheiro para gastarem com ingressos ou pagamento de mensalidades de clubes.

Além disso, por mais que os divertimentos tradicionais continuaram, ao longo das duas primeiras décadas do século XX, permeando de forma privilegiada os momentos de lazer da população carmense, o compromisso de grupos da elite local na adoção de atividades lúdicas com uma imagem de inovação e civilidade, foi outro importante movimento para a introdução e manutenção de sociabilidades que carregavam elementos de cosmopolitanismo e progresso material do distrito. O novo repertório cultural, longe de constituir como algo exclusivo das elites, foi apropriado pelas camadas populares que, à sua maneira, passou a fruir o leque dessas inovações, o que pode ser comprovado com intervenções policiais nos jogos de *football* nas ruas do distrito, ou com brigas, confusões e assassinatos nos desfiles carnavalescos, ou ainda com “enchentes” no cinema, potencializadas por alguma condição financeira para a compra de ingressos dos trabalhadores das áreas rurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposto na introdução deste trabalho, a intenção principal foi contribuir para a compreensão da história do lazer no antigo distrito de Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida, no período de transição dos séculos XIX e XX. De forma mais específica, buscou-se analisar, em um contexto marcado por transformações nas esferas produtivas e demográficas, as variáveis que permitiram ou dificultaram o surgimento de diversões entendidas por grupos abastados locais como mais modernas, progressistas e civilizadas.

Em um primeiro momento, tendo como marco temporal o final do século XIX, período marcado por crises econômicas, motivadas, entre outras coisas, pela supressão da escravidão e retração da exportação de gado vivo para centros consumidores, não foi possível observar o desenvolvimento, na sede distrital, de uma estrutura que beneficiasse a introdução e a manutenção de espaços ou práticas inovadoras de diversões. Nessa direção, a pesquisa procurou focalizar os divertimentos tradicionais, ou seja, as manifestações lúdicas que faziam parte do cotidiano dos moradores carmenses naquele momento, a exemplo de festas religiosas, públicas e domiciliares, tabernas, batuques e jogatinas.

Experiências de lazer supostamente modernas e sofisticadas ficavam, neste primeiro momento, por conta de companhias artísticas itinerantes. Valendo-se das facilidades da ferrovia, artistas advindos de diferentes pontos do Brasil e mesmo de outros países, eventualmente desembarcavam em Carmo da Mata, organizando seus espetáculos nas imediações da Igreja Matriz, preferencialmente nos finais de semana, em razão da maior movimentação de pessoas. Ao longo da pesquisa foram elencadas matérias jornalísticas que explicitavam o interesse da elite local e dos moradores em geral de consumirem novidades lúdicas.

No início do século XX, Carmo da Mata experimentou um processo de estabilização econômica, valendo-se, neste ensejo, da inauguração de estruturas produtivas que dinamizaram sua produção rural. No setor agrícola, a produção de café ganhou grande incremento com a ampliação das áreas de plantio, instalação de beneficiadores, galpão de estocagem e organização de cooperativas que, além de auxiliar os produtores na aquisição de maquinários e manejo de novas tecnologias, intermediavam a venda do produto beneficiado para centros nacionais e europeus.

Já o setor pastoril, desde 1904, com a união de boiadeiros, invernistas e comerciantes, através de reuniões, promoveu soluções práticas e economicamente compensatórias para aquela que era a “principal indústria mineira”. Com a fundação de uma cooperativa de boiadeiros, seus associados conseguiram incentivos do governo para melhoria das raças bovinas, sendo escolhido como a principal, o gado Schwitz, que rendia boa quantidade de leite e que melhor se aclimatou a região. Acompanhando a lucrativa indústria do gado, houve aumento nas fábricas de manteiga, com pelo menos 6 fábricas inauguradas.

Com relação as charqueadas, principal responsável pelo aumento das receitas distritais, pelo menos 6 grandes empreendimentos geravam divisas e podiam competir de forma direta com o mercado europeu.

Esse desenvolvimento econômico, aliado ao aumento das receitas, disponibilidade de mão de obra assalariada, maior circulação do dinheiro e aumento populacional de 310% (de 2.250 pessoas em 1890, para 6.974 pessoas em 1920), proporcionaram, ao “próspero distrito”, como era retratado nas fontes, uma ampliação e diversificação das ofertas de serviços urbanos, para atender as novas demandas.

Os balancetes nos evidenciam este crescimento. Novas indústrias e comércios, crescimento populacional e de habitações, solicitação de serviços públicos, a exemplo do uso de água encanada e telefonia, tudo isso refletia positivamente nas arrecadações de impostos. Em 1900, por exemplo, a arrecadação distrital contava com um valor de 3:000\$000 de réis. A partir da década de 1910, especificamente nos anos de 1913, 1915, 1916, 1918 e 1919 estes valores foram muito superiores: 6:705\$500, 7:372\$500, 7:372\$500, 13:079\$040 e 16:111\$406 réis, respectivamente.

Com maior disponibilidade de recursos públicos para investimentos em melhorias, o conselho distrital iniciou uma série de realizações na parte cidadina. Entre as intervenções modernizadoras materializadas nessa época, é possível citar: construção de uma ponte ligando Carmo da Mata e Passa Tempo, inauguração da água potável encanada, inauguração de um prédio escolar, reformas na estação ferroviária e construção de uma nova estação ferroviária, construção de uma igreja em honra a padroeira do distrito, serviço de telefonia, construção de um novo cemitério e calçamento de algumas ruas.

A nova fase de prosperidade econômica e reformas cidadinas que davam ao distrito “ares de progresso”, deixou o ambiente favorável para a organização de clubes sociais. Essas ações dialogavam com o desejo das elites por diversões que fossem

conectadas com ambições simbólicas de sofisticação e refinamento comportamental. O ano de 1910 marca o início de incrementos neste setor, sendo inaugurado, por “moços e cavalheiros da melhor sociedade”, o *Carmense Club*, com a promessa de oferecer diversões “lícitas”. No ano de 1912, outro clube foi inaugurado, o *Club Dramático Carmense*, que passou a promover recitais dramáticos no palco do cinema.

O surgimento do primeiro cinema permanente de Carmo da Mata, mais precisamente, o Cinema Progresso, inaugurado em 1911, insere-se dentro de um cenário favorável para investimentos em estabelecimentos voltados para o comércio do lazer. O novo espaço, além de sediar projeções fílmicas, peças teatrais e bailes carnavalescos, mantinha ainda um espaço para café e bilhar. Conforme comparações dos preços dos ingressos e dos ganhos salariais dos trabalhadores rurais, é possível inferir que grupos populares tiveram acesso às projeções fílmicas. Em 1917, outra casa de espetáculos foi inaugurada. Tratava-se de uma casa teatral, com capacidade para 700 pessoas e um palco adaptado para “todos os gêneros de diversão”.

No bojo dos novos divertimentos, o futebol também se fez presente. Em 1919 grupos das elites locais fundaram o *Estrela da Oeste Foot Ball Club*, buscando sua inserção numa espécie de “circuito futebolístico regional”, que promovia, por meio de encontros intermunicipais, a integração dos grupos abastados e autoridades regionais. Não demorou para os sócios da comitiva carmense se organizassem para a construção de um imponente estádio, “em estilo inglês”, para a realização dos “matches”.

Em síntese, o pequeno distrito de Nossa Senhora do Carmo da Mata conseguiu, mesmo de forma bastante precária, oferecer algumas inovações lúdicas para seus moradores. Observamos também, que a Igreja Católica sempre foi a fomentadora das diversões, sejam os divertimentos entendidos como tradicionais, já que ocorriam pelo rico calendário litúrgico, e também pelas diversões modernas, já que os temas de filmes, as representações teatrais também eram temas ligados à religiosidade e exibidas durante as festas religiosas.

A pesquisa buscou evidenciar alguns percursos trilados pela diversificação do lazer na sede distrital, sem deixar de dar luz as ambiguidades e permanências do repertório tradicional de festas e batuques.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Tabernas e botequins. Cotidiano e sociabilidades no Rio de Janeiro (1808-1821). *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 25-42, jul./dez. 2011.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; SANTANA, Nunes, Fábio & XAVIER, Rosana Daniele. “Touradas assim, sim!”: espetáculos de touros no oeste de Minas Gerais no final do século XIX. *Caminhos da História*, Montes Claros, v. 28, n. 2, p. 223–242, jul./dez. 2023.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. Festas e diversões em Oliveira, Minas Gerais, no final do século 19: um novo olhar a partir de um periódico local. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 27, n. 1, p. 301-329, jan./jun. 2022.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis – MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). *Revista Fúlia*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; ANÍSIO, Edimar Reni. Cultura modernidade e desenvolvimento econômico: o advento do cinema permanente em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1916. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v.8, n. 3, p. 18-29, set./dez. 2021.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. “Um festim obscuro”: pertencimento clubístico e expansão socioespacial do football em Oliveira, MG (1920-1930). *Revista Fênix*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2018.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; Couto, Euclides de Freitas. O futebol no Oeste de Minas: os encontros intermunicipais e os sentidos das práticas esportivas em Oliveira (1916-1925). *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 105-124, maio/ago. de 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, jan./jun. 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber; ANÍSIO, Edimar Reni. História do lazer em Claudio, Minas Gerais, c. 1888-1920. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 28, p. 1.19, jan/dez. 2022.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; XAVIER, Rosana Daniele (Org.). *História das diversões no Oeste de Minas Gerais*. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

AZEVEDO Francisco Gontijo; AZEVEDO Antônio Gontijo de. *Da história de Divinópolis*. Belo Horizonte: Graphilivros, 1988.

BIBBÓ, Caroline Bertarelli. *Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.

CARVALHO, Lineu de. *Carmo da Mata sua terra, sua gente*. Carmo da Mata/MG, 2018.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lazer e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque*. Rio de Janeiro/RJ: Editora da Unicamp, 2012.

CORRÊA, Joyce Nancy da Silva; DIAS, Cleber. Esporte, lazer e cultura no Acre, c. 1907-1920. In: DIAS, Cleber (Org.), *Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. p. 111-151.

CUNHA, Alexandre. Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, v. 11, n. 16, p.57-70, 2009.

DIAS, Cleber *et al.* História do futebol em Minas Gerais. *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, jan./jun. 2014.

DIAS, Cleber. História e historiografia do lazer. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, 2018.

DIAS, Cleber; COTES, Marcial. Esportes, lazer e desenvolvimento econômico em Ilhéus (c. 1890-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 42, n. 91, p. 359-384, 2022.

HORTA, Regina Duarte. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

LANNA, Ana Lúcia. O café e o trabalho “livre” em Minas Gerais – 1870/1920. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 73-88, mar./ago. 1986.

LIMA, Alex Witney. *O jogo de bola em terras mineiras: uma comparação entre a institucionalização do futebol em Belo Horizonte e São João del-Rei (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *Ferrovias, sociedade e cultura, 1850-1930*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

MELO, Vitor Andrade de (org.). *“Pois temos touros”*: touradas no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

MEMÓRIA CARMENSE, Carmo da Mata, 2008.

MEMÓRIA CARMENSE, Carmo da Mata, 2009.

MEMÓRIA CARMENSE, Carmo da Mata, 2012.

MOTA, Andreza Gonzalez Rodrigues. *Divirta-se quem puder: história e lazer em Belo Horizonte através da revista Semana Ilustrada, 1927-1928*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. *Divertimentos e tempo livre: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924)*. 2016. 148 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NETO, Silveira. *Álbum de Carmo da Mata*. Carmo da Mata, 1954.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. *Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. *O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PEREZ, Léa Freitas (coord.). *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2009.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *A constituição e o enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte, (1894-1920)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ROSA, Maria Cristina. Diversão, dança e educação dos corpos na comarca de Vila Rica (século XVIII). *Educar em revista*, Curitiba, v. 37, p. 1-20, 2021.

SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2004.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. S. T. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Flávia da Cruz. *Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Flávia da Cruz; MELO, Victor Andrade de. Entre o rural e o urbano: As touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 463, p. 39-70, abr./jun. 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). *História do Brasil nação: a abertura para o mundo, 1889-1930*. v.3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Igor Maciel da. *Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Luciano Pereira da. *Em nome da modernidade: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926)*. Tese (Doutorado em Educação). UFMG/FAE, 2012.

SILVA, Marina Guedes Costa e. *A moral e os bons costumes: a experiência da cidade nas narrativas policiais (Belo horizonte, 1897-1926)*. Dissertação (Mestrado),

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOARES, Priscila Gonçalves. História das práticas corporais e diversões na Zona da Mata Mineira: indícios a partir da imprensa de Cataguazes/MG e Juiz de Fora/MG. *Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, dez. 2018.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

SOUZA, Juliana Teixeira. Os jogos proibidos no tempo do Império. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. *Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

WIRTH, John D. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1982.

XAVIER, Rosana Daniele. *Respeitável público, o circo chegou: itinerários, espetáculos e estratégias comerciais dos circos na cidade de Oliveira, Minas Gerais, (1888-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Repertórios circenses e ferrovias: um estudo sobre o Oeste de Minas Gerais c. 1890-1920. *Revista Repertório*, Salvador, ano 24, n. 37, p. 240-252, 2021.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 24, n. 1, p. 135-159, jan./jun. 2019.

FONTES PRIMÁRIAS

A NOTÍCIA, Carmo da Mata, ano II, 14 de dezembro de 2022.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 37, 1896, p. 42.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 41, 1899, p. 52.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 52, 1904, p. 56.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 55, 1905, p. 206.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 59, 1907, p. 54.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 69, 1912, p. 170.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 79, 1915, p. 200.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 89, 1919, p. 20.

CORREIO DA MANHÃ, Lisboa/Portugal. 4 de maio de 1889, p. 1

GAZETA DE MINAS, Oliveira 7 de julho de 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de abril de 1917, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de fevereiro de 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de janeiro de 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de julho de 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de junho de 1902, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de maio de 1910, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de outubro de 1893, p.3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 de março de 1899, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de outubro de 1899, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de setembro de 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 de julho de 1904, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 de agosto de 1918, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 de janeiro de 1903, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 de março de 1917, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 de setembro de 1904, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 de fevereiro de 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 de janeiro de 1901, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 de maio de 1906, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 de outubro de 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 de dezembro de 1913, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 de janeiro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 de março de 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 de novembro de 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 de novembro de 1915, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 de fevereiro de 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 de fevereiro de 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 de janeiro de 1911, p.2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 de julho de 1900, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 de julho de 1900, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 de maio de 1910, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 de abril de 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 de dezembro de 1906, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 de março de 1913, p.2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 de novembro de 1904, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 de setembro de 1900, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 16 de setembro de 1900, p.2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 de agosto de 1919, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 de setembro de 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de abril de 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de maio de 1919, p.5.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de maio de 1920, p.5.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de março de 1917, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de novembro de 1900, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de outubro de 1896, p.3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de setembro de 1904, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 de dezembro de 1909, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 de janeiro de 1919, p. 4.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 de março de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 de abril de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 de dezembro de 1900, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 de junho de 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 de outubro de 1904, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 de outubro de 1904, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 de agosto de 1911, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 de maio de 1906, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 de novembro de 1904, p. 1

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 de maio de 1905, p.4.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 de maio de 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 de abril de 1903, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 de maio de 1904, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de abril de 1893, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de fevereiro de 1890, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de fevereiro de 1919, p. 4.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de janeiro de 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de julho de 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de junho de 1912, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de março de 1913, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 de janeiro de 1909, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 de outubro de 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 de outubro de 1915, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 24 de setembro de 1905, p 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de agosto de 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de agosto de 1912, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de agosto de 1918, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de fevereiro de 1912, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de junho de 1905, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de março de 1900, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de outubro de 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de setembro de 1904, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 de agosto de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 de outubro de 1917, p.1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 26 de setembro de 1920, p.1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 de abril de 1919, p.4.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 de fevereiro de 1916, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 de julho de 1913, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 27 de maio de 1917, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 de março de 1909, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 de setembro de 1913, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 29 de maio de 1904, p.1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 de agosto de 1913, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 de março de 1912, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 de outubro de 1897, p.1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 de setembro de 1916, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 30 de abril de 1911, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 30 de agosto de 1903, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 30 de julho de 1916, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 31 de dezembro de 1899, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 31 de dezembro de 1916, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 31 de julho de 1910, p.2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 4 de agosto de 1907, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 4 de junho de 1899, p.1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 4 de outubro de 1914, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 de dezembro de 1909, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 de dezembro de 1909, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 de outubro de 1913, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 de maio de 1906, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 de outubro de 1912, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 de outubro de 1918, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 de setembro de 1914, p. 2.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 de dezembro de 1919, p. 3.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 de maio de 1899, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 de maio de 1911, p. 1.
GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 de outubro de 1894, p.3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 de abril de 1909, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 de agosto de 1909, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 de fevereiro de 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 de junho de 1902, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 de junho de 1913, p.2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de fevereiro de 1902, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de janeiro de 1910, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de junho de 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de março de 1919, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de outubro de 1898, p.3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de outubro de 1899, p.3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de outubro de 1904, p.1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 1 de janeiro de 1893, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 de abril de 1892, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 de dezembro de 1899, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 de fevereiro de 1889, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 de julho de 1892, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 10 de julho de 1893, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 11 de junho de 1893, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 11 de maio de 1890, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 11 de novembro de 1892, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 de dezembro de 1897, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 de fevereiro de 1888, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 12 de junho de 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 13 de fevereiro de 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 13 de novembro de 1898, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 14 de janeiro de 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 14 de maio de 1899, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 15 de abril de 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 15 de janeiro de 1888, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 16 de novembro de 1890, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 16 de novembro de 1890, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 17 de julho de 1892, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 18 de fevereiro de 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 18 de março de 1894, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 18 de setembro de 1892, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 19 de fevereiro de 1893, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 19 de março de 1893, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 2 de agosto de 1896, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 2 de outubro 1887, p.1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 2 de setembro de 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 20 de janeiro de 1895, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 20 de maio de 1894, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 20 de março de 1898, p. 2

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 23 de novembro de 1890, p.1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 24 de agosto de 1890, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 25 de julho de 1897, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 26 de junho de 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 de dezembro de 1891, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 de dezembro de 1896, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 27 de janeiro de 1895, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 28 de maio de 1897, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 29 de abril de 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 29 de janeiro de 1899, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 3 de outubro de 1897, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 30 de dezembro de 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 30 de junho de 1889, p.1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 4 de maio de 1890, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 4 de setembro de 1892, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 5 de dezembro de 1888, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 5 de fevereiro de 1888, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 6 de janeiro de 1889, p.2.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 6 de maio de 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 7 de fevereiro de 1897, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 8 de abril de 1888, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 8 de maio de 1892, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 8 de março de 1888, p.1.

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 9 de dezembro de 1888, p. 4

GAZETA DE OLIVEIRA, Oliveira, 9 de outubro de 1892, p. 2.

JORNAL CIDADE DO PARÁ, Pará de Minas, 3 de setembro de 1911, p. 2.

MINAS GERAIS, *Anuário de Minas Gerais*: Ano V, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1913.

MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, III, IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.